

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

Festival Folclórico de Parintins:
impactos socioambientais na percepção do atores locais

Paulo Renan Rodrigues de França

Orientador: Doutor Elimar Pinheiro do Nascimento

Dissertação de Mestrado

Brasília-DF, Abril/2014.

França, Paulo Renan Rodrigues de.
Festival Folclórico de Parintins: impactos socioambientais na
percepção dos atores locais/ Paulo Renan Rodrigues de França.
Brasília, 2014.
168 p. : il.

Dissertação de Mestrado. Centro de Desenvolvimento
Sustentável
Universidade de Brasília, Brasília.

1. Impactos Socioambientais. 2. Eventos Culturais. 3.
Percepção. I. Universidade de Brasília. CDS.
II. Título

É concedida à Universidade de Brasília permissão para reproduzir cópias desta dissertação e emprestar ou vender tais cópias, somente para propósitos acadêmicos e científicos. O autor reserva outros direitos de publicação e nenhuma parte desta dissertação de mestrado pode ser reproduzida sem a autorização por escrito do autor.

Paulo Renan Rodrigues de França

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

Festival Folclórico de Parintins:
Impactos socioambientais na percepção dos atores locais

Paulo Renan Rodrigues de França

Dissertação de Mestrado submetida ao Centro de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília como parte dos requisitos necessários para a obtenção do grau de Mestre em Desenvolvimento Sustentável, área de concentração em Política e Gestão Ambiental, opção acadêmica.

Aprovado por:

Elimar Pinheiro do Nascimento, Doutor (Centro de Desenvolvimento Sustentável – CDS/UnB)
(Orientador)

Frederic Adelin Georges Mertens, Doutor. (Centro de Desenvolvimento Sustentável – CDS/UnB)
(Examinador Interno)

Luiz Carlos Spiller Pena, Doutor (Centro de Excelência em Turismo – CET/UnB)
(Examinador Externo)

AGRADECIMENTOS

Que momento difícil! Foram dois anos intensos para todos os que estiveram envolvidos nesta trama. Seria preciso um livro para contar sobre cada pessoa que fez parte deste processo que foi a pós-graduação.

Agradeço aos meus pais (o sr. Pedro Paulo e sr. Maria) e a minha irmã (Maísa), por todo o apoio, orações, palavras de conforto e muita, mas muita paciência comigo durante este período em que passei longe. Papa and Mama, vocês são demais! Perdoem-me, muitas vezes a ingratidão. Sem esquecer dos meus tios e tias, que com um ovo frito ou com mil reais, ajudaram-me de alguma forma.

Agradeço, em especial, à minha amada noiva, Larissa. Ela foi o meu porto seguro. Mesmo tão distante, suas palavras ao telefone foram extremamente importantes. Durante os momentos em que estivemos juntos, o seu carinho e dedicação me deram forças para voltar à Brasília e ficar tanto tempo distante dela e de todos que amo. Entre alegrias e tristezas, conseguimos suportar esta barra. Amo-te.

Ao professor Elimar Pinheiro do Nascimento, que com muita paciência me orientou e deu toques acadêmicos valiosos para mim, toques de um verdadeiro Mestre Jedi, ou melhor, de um doutor Jedi.

Não posso esquecer de mencionar Lileane Praia, minha orientadora “pra sempre” (haha), mais do que uma simples professora, uma segunda mãe. Obrigado por me incentivar a buscar sempre mais, só enveredei pelo caminho da sustentabilidade por sua influência. Mas além da influência de Lileane. Há a influência de Susy Simonetti, carinhosamente apelida (pela minha turma de graduação) de “Susysistentável”. As aulas sobre percepção ambiental despertaram a biofilia em mim. =D

Aproveito para agradecer, também, aos meus professores da graduação. Todos vocês colocaram um tijolinho nesta construção social, que se chama, hoje, de Paulo Renan. Em especial: Elizabeth Filippini, Isaque Sousa, Glaubécia Teixeira, Maria Helena Fonseca, Raimundo Barradas, Selma Batista, Márcia Raquel, Cristiane Barroncas, Cláudia Menezes, Maria Adriana Teixeira, Paola Haro, José Carlos Lima, Carlossandro Albuquerque, Socorro Nóbrega Ribeiro e Helen Coutinho.

A minha inscrição no CDS só foi possível mediante à professora Edilza Laray. Na segunda metade do ano de 2011, Os Correios entraram em uma greve terrível. Fiquei com medo de não conseguir fazer minha inscrição, quando soube que a professora Edilza iria apresentar um trabalho em Brasília, e lá foi ela com o meu projeto fazer minha inscrição. Além da inscrição, ela me ajudou com o projeto de mestrado, MUITO OBRIGADO, professora.

Obrigado aos irmãos da Igreja Presbiteriana Cidade Nova, pelas constantes orações. Obrigado, irmãos Lindomar Fernandes e Francisco Silva, por me ajudarem a comprar as passagens para Brasília quando eu precisei ir fazer as provas. Nunca vou esquecer esta incrível ajuda. Obrigado ao pastor Jaime Marcelino por todos os conselhos valiosos. Agradeço aos irmãos-amigos-irmãos: Augusto Caio, Marcus Fábio, Lucas Feitozas, Weider Serruia, Neemias Bindá, Mateus Saraiva, Alexandre Rocha e Diego Montenegro. Obrigado, Brothers por todos os momentos de descontração, comunhão e zoeira (esta nunca tem fim). O agradecimento se estende às famílias de vocês.

Um salve especial ao pessoal do Novo Gama (GO). Ao Paulo Henrique, ao sr. José Maria e a dona Josileide, que foi uma mãe para mim em Novo Gama, o meu MUITO OBRIGADO pela hospedagem quando fui fazer as provas do mestrado. Infelizmente, perdemos o contato, mas onde que vocês estejam, Deus os abençoe ricamente, lhes sou muito grato!

Agora ao povo de Brasília! Brasília para mim é dividida em Plano Piloto e Taguatinga, o que passar disso é intriga da oposição. Agradeço aos grandes amigos que fiz em Taguatinga, agradeço ao casal Gilson e Hariadne, que me receberam em sua casa nos primeiros meses de Brasília, o meu MUITO OBRIGADO. Agradeço, em especial ao Jônathas “Murruga” Camacho (um dos primeiros amigos que fiz neste Planalto Central) e à sua família. Agradeço, também à família Carvalho! Obrigado por me receberem em sua casa! Agradeço às irmãs Jucélia e Cláudia de Carvalho, como também ao Pedro Lerbach de Carvalho. Só Deus para retribuir o imenso amor que vocês me concederam, de fato, o amor nos constrange.

Ao pessoal do mestrado, colegas que se tornaram amigos: Tainá e sua querida esposa, Ludmila, vocês são demais, obrigado por me hospedarem. À Raiza, a única amiga gaúcha que tenho, sorte nos concursos da vida! Ao Grande Osmar, o cara que mais ama pessoas no mundo. Haha! Luiz Cláudio, meu amigo paraense, a primeira pessoa que conversei no CDS e ao meu brother, cabra da peste, poeta, amigo para todas as horas, Pablo. Obrigado pela insígnia.

Um agradecimento imenso a todos os parintinenses que cederam seu tempo para as entrevistas. Ao amigo Gerlean Brasil, que foi meu grande ajudador na Ilha Tupinambarana, grande compositor parintinense. Agradeço, também à Kássia Muniz. “Aos olhos da mata, os filhos da selva fazem comunhão, o sangue que corre nas veias nos faz a grande nação guerreira”. Obrigado à FAPEAM e a todos os amazonenses.

Agradeço a Deus, pelo dom da vida. Depois de toda essa aventura, chamada pós-graduação, passei a crer ainda mais na sua soberania e graça. Valew!

A nossa função é fazer canções, a função de julgar, neste instante, é do júri que ali está [...] tem mais uma coisa só, pra vocês que continuam pensando que me apoiam vaiando [...] gente, por favor, olha, tem uma coisa só: a vida não se resume em festivais. (Geraldo Vandré)

RESUMO

Esta dissertação apresenta uma pesquisa sobre a percepção dos atores locais da cidade de Parintins, Amazonas, no que tange ao Festival Folclórico de Parintins e seus impactos socioambientais. Tal manifestação cultural possui importância singular no contexto cultural amazonense e a cada ano desperta maior interesse por parte do Brasil e do mundo. A abordagem da pesquisa foi expressamente qualitativa e descritiva, realizada por meio de visitas de campo ao município de Parintins com vistas a uma maior aproximação do pesquisador com o objeto de estudo. No campo de trabalho, foram realizadas 46 entrevistas semiestruturadas, com diversos tipos de atores locais, com vistas a identificar suas percepções sobre os aspectos sociais e ambientais do Festival. O tratamento e sistematização dos dados obtidos em campo permitiu sua classificação em quatro áreas principais a saber: Identidade cultural, impactos sociais, impactos ambientais e o turismo em Parintins. A sequência destes assuntos derivou do grau de prioridade identificados, a partir das falas dos atores locais. O Festival acabou sendo tomado como o principal representante da cultura e turismo local, trazendo vários benefícios tanto socioeconômicos quanto culturais. Benefícios como: o investimento em infraestrutura por causa do Festival, construção de uma identidade cultural do cidadão parintinense e valorização da cultura e artistas de Parintins. Entretanto, em meio a tantos benefícios, surgiram alguns problemas socioambientais, que não passam despercebidos pelos atores entrevistados, problemas e impactos que foram descritos nesta pesquisa. E impactos e problemas como: a grande produção de resíduos sólidos, a exploração sexual infantil e aumento da marginalidade na cidade. Estes e outros impactos positivos e negativos serão abordados no trabalho.

Palavras-chave: Eventos, Turismo, Sustentabilidade, Impactos Socioambientais, Festival Folclórico de Parintins.

ABSTRACT

This thesis presents a research about the perception of local actors of Parintins, Amazon, in relation to Parintins Folk Festival and its social environmental impacts. That cultural event has a singular role in the amazon context and arouses the interest of Brazil and the world, ever year. The research's approach was qualitative and descriptive. For a better interaction of the researcher and the study object, some visits to the research's field were made. There, were applied 46 semi-structured interviews with every kind of local actors, in order to identify their perceptions about socio environmental Festival aspects. After processing the data, four areas were chosen to be worked, namely: cultural identity, social impacts, environmental impacts and the tourism in Parintins. The sequence of these issues derived from priority identified in the local actor's speech. The Festival was taken as the main representative form of Amazon culture and tourism; it brought many social, economic and cultural benefits. However, it brought some kind of social environmental problems that can be perceived by local actors; problems and impacts that were described in this research. Benefits such as: investments in infrastructure because of the Festival, the construction of a cultural identity of Parintins citizen and a better appreciation of culture and artists of Parintins. Moreover, impacts and problems such as: the big production of solid waste, the sexual exploitation of children and increasing marginalization in the city. These and other positive and negative impacts will be addressed at work.

Key words: Events, Sustainability, Social Environmental Impacts, Parintins Folk Festival.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Mapa 1 – Mapa do Amazonas	34
Mapa 2 – Área urbana de Parintins	35
Fotografia 1 – Boi-bumbá Garantido	45
Fotografia 2 – Boi-bumbá Caprichoso	46
Fotografia 3 – Bumbódromo	50
Fotografia 4 – Bumbódromo em noite de apresentação	50
Fotografia 5 – Artista plástico produzindo alegoria em Parintins	88
Fotografia 6 – Alegoria no bumbódromo (arara)	90

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Taxa de crescimento populacional em Parintins em relação às médias nacional e estadual entre 1991 e 2000	36
Tabela 2 – Taxa de crescimento populacional em Parintins em relação às médias nacional e estadual entre 2000 e 2010	36
Tabela 3 – IDH de Parintins em relação às médias nacional e estadual no período dos anos de 1991 a 2000	37
Tabela 4 – IDH de Parintins em relação às médias nacional e estadual no período dos anos de 2000 a 2010	38
Tabela 5 – IDH e seus componentes em Parintins, 1991, 2000 e 2010	38
Tabela 6 – PIB por setor econômico em Parintins	39
Tabela 7 – Descrição dos atores locais	74

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Fatores de crescimento do Festival Folclórico de Parintins	54
Figura 2 – Síntese: valorização artístico-cultural	102
Figura 3 – Síntese: identidade e orgulho Local	103
Figura 4 – Síntese: impactos culturais negativos	104
Figura 5 – Síntese: modernização urbana	122
Figura 6 – Síntese: benefícios sociais	122
Figura 7 – Síntese: desvantagens e mazelas Sociais	123
Figura 8 – Síntese: contradições 1	123
Figura 9 – Síntese: contradições 2	123
Figura 10 – Síntese: visitantes e participantes em geral 1	143
Figura 11 – Síntese: visitantes e participantes em geral 2	143
Figura 12 – Síntese: visitantes e participantes em geral 3	143
Figura 13 – Síntese: agremiações 1	144
Figura 14 – Síntese: agremiações 2	144
Figura 15 – Síntese: agremiações 3	144
Figura 16 – Síntese: saneamento básico	144
Figura 17 – Síntese: comunidades impactadas	145
Figura 18 – Síntese: contradições	145
Figura 19 – Síntese: Parintins como principal produto turístico do Amazonas	154
Figura 20 – Síntese: fama do Festival	154
Figura 21 – Síntese: Parintins refém do Festival	155
Figura 22 – Síntese: alternativas para o turismo em Parintins	155
Figura 23 – Síntese: impactos do turismo	155
Figura 24 – Síntese: Contradições	155

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- AMAZONASTUR** – Empresa Estadual de Turismo do Amazonas
- ASCALPIN** - Associação dos Catadores de Lixo de Parintins
- CEAM** – Companhia Energética do Amazonas
- ECOSOC** – United Nations Economic and Social Council
- FIFA** – Federation International of Football Association
- IBGE** – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- IDH** – Índice de Desenvolvimento Humano
- IFAM** – Instituto Federal do Amazonas
- JAC** – Juventude Alegre Católica
- MAP** – Manaus Aerotáxi Parintins
- MINTUR** – Ministério do Turismo
- OMT** – Organização Mundial do Turismo
- PNRS** – Política Nacional de Resíduos Sólidos
- PNUD** – Programa das Nações Unidas Para o Desenvolvimento
- RCC** – Rede Calderado de Comunicação
- SAEE** – Serviço Autônomo de Água e Esgoto
- SBT** – Sistema Brasileiro de Televisão
- SEDEMA** – Secretaria de Desenvolvimento Sustentável e Meio Ambiente
- SEMED** – Secretaria de Educação
- SENAI** – Serviço Nacional de Aprendizagem da Indústria
- SEPLAN** – Secretaria de Planejamento
- SESI** – Serviço Social da Indústria
- UEA** – Universidade do Estado do Amazonas
- UERJ** – Universidade Estadual do Rio de Janeiro
- UFAM** – Universidade Federal do Amazonas

SUMÁRIO

LISTA DE ILUSTRAÇÕES	VIII
LISTA DE TABELAS	IX
LISTA DE FIGURAS	X
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS	XI
INTRODUÇÃO	14
PARTE I	
CAPÍTULO 1. DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL:	
A CRIAÇÃO DE UM CONSENSO	18
1.1 TURISMO SUSTENTÁVEL	20
1.2 EVENTOS	25
1.2.1 Megaeventos e Sustentabilidade	26
1.2.2 Impactos dos Megaeventos	27
1.2.3 <i>Green Events</i> ou eventos mais sustentáveis	30
CAPÍTULO 2. PARINTINS PARA O MUNDO VER	33
2.1 PARINTINS: CARACTERÍSTICAS FÍSICAS BÁSICAS	33
2.2 PARINTINS: ASPECTOS SOCIO ECONÔMICO DEMOGRÁFICOS	36
2.2.1 População e IDH	36
2.2.2 Setores econômicos	39
2.2.3 Meios de transporte, serviços urbanos, comunicação	39
2.3 O BOI-BUMBÁ E FESTIVAL FOLCLÓRICO DE PARINTINS	40
2.3.1 Breve histórico do boi no Brasil e o auto do boi	41
2.3.2 O Boi-Bumbá de Parintins	43
2.3.3 A Brincadeira de Rua Ganha Arena, Mídia e Cresce	49
2.3.4 O conteúdo das canções ou toadas	55
CAPÍTULO 3. METODOLOGIA	64
PARTE II – RESULTADOS	
CAPÍTULO 1. DESCRIÇÃO DOS ATORES LOCAIS	73

CAPÍTULO 2. IDENTIDADE CULTURAL	85
2.1 A importância do Festival Folclórico de Parintins em termos culturais	86
2.2 O contraponto	94
2.3 SÍNTESE DAS QUESTÕES CULTURAIS	101
CAPÍTULO 3. IMPACTOS SOCIAIS DO FESTIVAL FOLCLÓRICO DE PARINTINS	105
3.1 MUDANÇAS INFRA ESTRUTURAIS EM PARINTINS	105
3.1.1 Benefícios temporários?	109
3.2 TRABALHO E ECONOMIA	112
3.3 PARINTINS GLOBAL, PROBLEMAS GLOBAIS	114
3.3.1 Mudanças sociais	115
3.3.1.1 Problemas sociais	119
3.4 SÍNTESE DOS IMPACTOS SOCIAIS	122
CAPÍTULO 4. IMPACTOS AMBIENTAIS DO FESTIVAL: IMPACTOS DIRETOS E INDIRETOS	124
4.1 MEIO AMBIENTE	124
4.1.1 Impacto Ambiental	125
4.2 FESTIVAL FOLCLÓRICO DE PARINTINS: IMPACTOS DIRETOS	125
4.2.1 Impactos ambientais: visitantes e participantes em geral	125
4.2.2 Impactos Ambientais: agremiações folclóricas Garantido e Caprichoso	131
4.2.2.1 Agremiações e a biodiversidade	134
4.2.2.2 O discurso ambiental nas toadas	137
4.3 FESTIVAL FOLCLÓRICO DE PARINTINS: IMPACTOS INDIRETOS	141
4.4 SÍNTESE DO IMPACTOS AMBIENTAIS PERCEBIDOS	142
CAPÍTULO 5. O TURISMO EM PARINTINS	146
5.1 AINDA ALGUNS PROBLEMAS	150
5.2 ALTERNATIVAS	152
5.3 SÍNTESE DAS QUESTÕES RELACIONADAS AO TURISMO	153
CONCLUSÃO E RECOMENDAÇÕES	156
REFERÊNCIAS	161

INTRODUÇÃO

Sustentabilidade é uma das palavras que permeia os discursos mediáticos atualmente. Por um lado, parte da humanidade despertou para a problemática a respeito do seu modo de vida, cujos padrões vêm causando danos irreversíveis aos ecossistemas naturais e gerando desigualdades sociais gritantes. De outro, não são poucos os que despertaram para a força da marca “sustentável”, ou seja, os produtos, serviços, os embates na arena política e tudo mais precisam ostentar o rótulo de sustentável para facilitar sua aceitação. Sustentável tornou-se uma palavra “*passé-par-tout*”, senha para ser bem aceito em qualquer lugar e qualquer objeto – um produto, um serviço, um projeto, uma proposta.

Sem dúvida, desde o momento em que a importância das questões ambientais eclodiu no cenário político internacional na década de 60, até a presente década, podemos afirmar que se vive o momento da sustentabilidade. O desenvolvimento, tantas vezes conceituado, ganha um adjetivo e uma responsabilidade: ele precisa ser sustentável, compatibilizando ao mesmo tempo o meio ecológico, o bem estar econômico e a justiça social.

O desenvolvimento sustentável é considerado um dos desafios mais importantes de nosso tempo, pois não se trata apenas de manter um ambiente equilibrado para nós, mas lidar com uma perspectiva de futuro, um futuro decentemente habitável para as próximas gerações. Não se trata de retrocedermos aos modos de vida ancestrais, mas de estabelecer um novo contrato social unido a um contrato geracional.

Diversas atividades vêm se moldando a esta nova realidade, diferentes grupos carregam a ideia da sustentabilidade. Mesmo que tais grupos estejam de lados opostos, todos têm um elemento em comum: a busca por harmonizar crescimento econômico com inclusão social e conservação ambiental. Este elemento que une os diferentes atores e os coloca na mesa para debater as questões da sustentabilidade pode ser configurado como o campo da sustentabilidade.

O campo da sustentabilidade é interdisciplinar, pois envolve questões que perpassam pela área social, econômica e ambiental; e é multisetorial, pois não se restringe a profissionais de um setor específico, mas uma imensa gama de atores. Práticas e saberes transitam por este campo.

Levando em consideração esta noção de campo da sustentabilidade e retomando o que fora dito anteriormente sobre as diversas atividades que estão se conformando à legitimação deste novo valor que é a sustentabilidade, o turismo não poderia ficar de fora. Em particular porque se trata de uma das atividades mais importantes para a balança econômica de muitos países, principalmente dos menos desenvolvidos,

Os planejadores do turismo, em sua maioria, já perceberam a importância e urgência em planejá-lo de forma sustentável. Contudo, o conceito de sustentabilidade aplicado ao

turismo é tomado por muitos para moralizar e dar “credenciais verdes” à atividade. Como ocorre com outras atividades econômicas. E não são somente os planejadores que utilizam o termo para seus próprios interesses; mas conservacionistas, governos, turistas, representantes de comunidades locais têm utilizado de forma equivocada, a ideia de turismo sustentável. Ainda assim, a atividade turística tem se renovado e um novo turismo, oposto ao de massas, que é ambientalmente prejudicial aos destinos, tem surgido. Este fato tem repercutido em todo o mundo.

O turismo não é visto apenas como uma ferramenta benéfica para o desenvolvimento, pois muitas das consequências negativas do turismo, particularmente no domínio social, são reconhecidamente desafiadoras e perniciosas. Os impactos socioambientais do desenvolvimento do turismo, embora diferentes de outros ramos, como a atividade madeireira, a mineração e a agricultura, estão presentes em toda parte, principalmente no turismo de massa. Sendo assim, estudos que abordem o turismo do ponto de vista dos impactos são necessários.

Dentro do turismo há diversos campos de interesse, um deles é direcionado ao estudo de eventos (esportivos, culturais, científicos, convenções, workshops; pequenos, médios, grandes e megaeventos). Turismo e a “indústria” de eventos estão interligados e são interdependentes. Os eventos são instrumentos para captação de turistas para os destinos turísticos, sendo assim, dentro do paradigma do turismo sustentável estratégias de sustentabilidade devem incluir a abordagem dos impactos socioambientais gerados pelos eventos.

O Brasil é um país multicultural, repleto de manifestações folclóricas de Norte a Sul. Dentre as diversas manifestações culturais encontra-se o boi-bumbá de Parintins com o seu Festival Folclórico, que ocorre anualmente nos últimos três dias do mês de Junho, no município de Parintins, Amazonas.

O Festival constitui-se em uma oportunidade para o povo de Parintins, pois, além de ser um evento que se tornou referência dentro e fora do Amazonas, estendendo-se a outros países, é uma oportunidade de geração de renda para os cidadãos parintinenses. Para alguns é também uma oportunidade de mostrar a sua cultura para o resto do país, sendo um dos mais importantes eventos do calendário cultural brasileiro.

Pode-se afirmar que, em parte, o desenvolvimento econômico chegou à Parintins em decorrência do seu Festival. As mudanças estruturais e o crescimento do turismo são algumas das mudanças ocorridas no município, que descobriu uma forma de atrair investimentos para sua modernização. Até os anos 1980 a principal atividade produtiva do município concentrava-se em torno da produção de juta, da qual se extraía uma fibra destinada aos comércios regional e nacional. Entretanto, a partir daquela década a produção de juta entrou em declínio,

surgindo novas atividades, como é o caso do turismo, fortemente influenciado pelo Festival Folclórico.

Nesse contexto de sustentabilidade, de turismo e eventos, o Festival Folclórico de Parintins é o objeto da presente dissertação. No momento do Festival, a cidade de Parintins “respira boi-bumbá”. Os cidadãos, que são a alma do evento, esperam o ano todo para que durante três dias, uma espécie de carnaval fora de época aconteça na cidade. E é da população de Parintins que este trabalho buscará subsídios para sua formatação, pois o seu foco é a percepção de atores parintinenses sobre os impactos do Festival Folclórico sobre a cidade é o seu foco.

Os eventos culturais da magnitude do Festival Folclórico de Parintins, onde há um grande envolvimento por parte da população e alteram o cotidiano das pessoas, geram impactos significativos: impactos ambientais, sociais, culturais, econômicos e outros. Assim, torna-se necessário buscar informações da população sobre como esta percebe os impactos gerados.

Este trabalho optou por captar a percepção do que aqui chamaremos de atores locais chave. Espalhados pela sociedade parintinense, podendo ou não estar incluídos no planejamento da festa; de carácter formal ou informal têm sempre o reconhecimento da população como pessoas que desempenham um papel significativo no município. Portanto, o objeto da pesquisa foi o de identificar e descrever as principais percepções de atores-chave de Parintins a respeito dos impactos sociais e ambientais do Festival. A escolha atribui um carácter descritivo do trabalho, sem grandes pretensões teóricas ou interpretativas. No tempo existente pareceu ser a melhor escolha, sobretudo que se trata de um trabalho – sobre o Festival Folclórico de Parintins do ponto de vista dos seus impactos socioambientais – abordagem sem tantos antecedentes na academia.

O objetivo geral do trabalho é o de identificar e descrever as percepções dos atores-chave do município de Parintins a respeito dos impactos sociais e ambientais sobre a sede do município e seus arredores, derivados do Festival Folclórico de Parintins. O intuito principal é o de produzir insumos para políticas públicas de redução dos impactos negativos e de incremento dos impactos positivos, fortalecendo, assim, as práticas e o processo de sustentabilidade nessa atividade turística.

Por sua vez, os objetivos específicos são:

- Identificar os atores sociais-chave em Parintins e qual a sua relação com o Festival Folclórico.

- Descrever os principais impactos percebidos por estes atores e quais impactos mais lhes causam preocupação e quais os que mais lhes agradam.

- Propor, a partir da percepção dos atores-chave, medidas para minimizar os impactos negativos gerados pelo evento e incrementar os impactos positivos.

Os resultados desta pesquisa estão divididos em duas partes, além desta introdução e conclusão, com recomendações: A **primeira** contém o capítulo 1 que tratará das abordagens teóricas sobre turismo sustentável, eventos e impactos socioambientais das práticas turísticas. Um componente indispensável para se precisar o contexto de nosso objeto de estudo. O capítulo 2 será dedicado à caracterização do Festival Folclórico de Parintins, em seus diversos aspectos. O capítulo 3 tratará dos métodos utilizados no desenrolar da pesquisa, e que foram esboçados inicialmente de uma forma e no transcurso da pesquisa sofreu pequenas modificações.

A **segunda** parte está dividida em cinco capítulos O **primeiro capítulo** está relacionado à descrição dos atores sociais que foram entrevistados, indicando qual é o seu papel social dentro da sociedade e a sua relação com o Festival Folclórico de Parintins. O **segundo** é dedicado à questão da identidade cultural em Parintins referente ao Festival. O **terceiro capítulo** trata dos impactos sociais decorrentes do Festival. O **quarto** aborda os impactos ambientais diretos e indiretos. E o **quinto capítulo** aborda o turismo em Parintins.

Após o capítulo 1, da segunda parte, os demais capítulos estão divididos segundo a ordem de prioridade que os atores locais deram aos impactos gerados no Festival. Os impactos culturais estão no topo das prioridades dos entrevistados, seguidos pelos impactos sociais. Meio ambiente e turismo foram os assuntos que, apesar de serem tomados como muito importantes, ainda não são preocupação latente dos cidadãos em Parintins. No final de cada capítulo, estão quadros com a síntese dos impactos percebidos pela população. Quanto às conclusões e recomendações, após o fechamento do trabalho, serão formatadas e devolvidas aos organizadores do Festival.

PARTE I

CAPÍTULO 1 DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL: A CRIAÇÃO DE UM CONSENSO.

As dores da modernidade impõem aos intelectuais e aos cidadãos comuns, reflexões sobre como temos agido e nos apropriado dos bens naturais e como temos lidado com a desigualdade e exclusão sociais que ao contrário do que se pensou não diminuíram com avanço da tecnologia e o aumento da riqueza. Vive-se uma crise de civilização, onde é necessária a mudança da racionalidade estritamente econômica para uma racionalidade ambiental e ética (LEFF, 2001).

O conceito de sustentabilidade até a década de 1970 não passava de apenas um jargão técnico, que se referia à resiliência. Já nos anos 80, passou a qualificar o desenvolvimento, mesmo que sob suspeitas e críticas dos ultraliberais. Hoje, sustentabilidade serve tanto a gregos como a troianos, e por isso mesmo sofre críticas por ainda ser algo sem uma definição precisa, pois com o tempo, o seu conceito foi sendo diluído nas discussões. De modo que classifica-lo, tornou-se algo quase impossível. Sustentabilidade, atualmente não é um conceito a ser definido, mas um valor a ser cultivado (VEIGA, 2010).

Sustentabilidade é o termo escolhido para a construção de uma ponte entre o desenvolvimento e a proteção do meio ambiente, antes inconciliáveis. O mito do desenvolvimento e crescimento econômicos a qualquer custo mostraram-se inadequados do ponto de vista ambiental. (FURTADO, 1974)

Na década de 60, alguns países europeus, em especial os países nórdicos já sentiam os efeitos da degradação ambiental. A incidência de chuva ácida em 1968 levou a Suécia “a propor ao Conselho Econômico e Social das Nações Unidas (Ecosoc) a realização de uma conferência mundial que possibilitasse um acordo internacional para reduzir a emissão de gases responsáveis pelas chuvas ácidas.” (NASCIMENTO, 2012, p. 53).

No ano de 1972, em Estocolmo, Suécia, acontece a Primeira Conferência Mundial Sobre o Homem e o Meio Ambiente, ou somente Estocolmo 1972; esta conferência pôs frente a frente os países considerados desenvolvidos e os, até então, chamados países de terceiro mundo. Nascimento (2012) afirma que o debate girou, por um lado, em torno da defesa do meio ambiente, mas por outro, havia quem defendesse o combate à pobreza como a preocupação mais significativa:

Em face da complexidade das contendas, a Organização das Nações Unidas (ONU) deslocou o debate para uma comissão técnica que produziu *Only one earth* (Ward & Dubos, 1973). O documento considerava o problema ambiental como decorrente de externalidades econômicas próprias do excesso de desenvolvimento (tecnologia agressiva e consumo excessivo), de um lado, e de sua falta (crescimento demográfico e baixo PIB *per capita*), de outro. Posta dessa forma, a questão ambiental deixava de ficar restrita ao meio natural e adentrava o espaço social. Graças a esse embate, o binômio desenvolvimento (economia) e meio ambiente (biologia) é substituído por uma tríade, introduzindo-se a dimensão social. (NASCIMENTO, 2012, p. 53)

O processo que levou à incorporação da agenda ambiental na agenda política mundial foi lento e cheio de entraves. Como visto anteriormente, enquanto alguns países já tinham alcançado o seu desenvolvimento à custa das suas reservas naturais, outros ainda travavam uma luta para sair de estágios básicos do desenvolvimento. Estes não desejavam abrir mão da utilização de seus recursos naturais, pois o desenvolvimento, nos moldes do mundo ocidental, era uma espécie de direito fundamental da humanidade. Hoje, ainda não é diferente.

A criação de consenso não é algo fácil, ainda mais quando observada a grande disparidade entre países ricos e pobres. Como, então, definir metas que sejam buscadas por ambos? É aqui que a sustentabilidade une-se ao desenvolvimento. Em 1987, sob a direção de Gro Harlem Brundtland, ex-primeira ministra da Noruega, é criada a Comissão Mundial Sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento.

O relatório produzido por esta comissão, intitulado “Nosso Futuro Comum”, que nas palavras de Aguiar (2013) veio “à tona como um importante inventário dos problemas que ameaçavam o equilíbrio ecológico do Planeta” (p. 47) sugerindo às Nações Unidas, a organização de uma nova conferência sobre meio ambiente e desenvolvimento, com vistas a examinar os “progressos alcançados e de suscitar os arranjos necessários para colocar as estratégias nas vias do progresso humano e mantê-las em harmonia com as necessidades do homem e as leis naturais”. (AGUIAR, 2013, p. 48)

A comissão Brundtland popularizou o desenvolvimento sustentável elaborando um conceito para o mesmo, qual seja: “Desenvolvimento sustentável é o desenvolvimento que satisfaz as necessidades do presente sem comprometer a capacidade das gerações futuras em satisfazer suas próprias necessidades”. Nada mais ambíguo, mas que perfeitamente serviu para colocar as discussões sobre Desenvolvimento Sustentável na pauta global. Afinal, quais seriam as necessidades atuais prementes e quais as necessidades futuras?

Os ambientalistas eram vistos com desconfiança e a consciência ambiental nem sempre foi apoiada pela massa. Os que advogavam em prol de um modo de vida menos agressivo ao ambiente eram tidos como desviantes. Atualmente, a defesa do desenvolvimento sustentável é uma causa unânime, sancionados serão os que não afirmarem a sustentabilidade como uma meta em suas práticas. Entretanto, é preciso se questionar por que o discurso

sustentável não é uma prática que de fato gera efeitos significativos em todo o mundo e não somente em práticas isoladas? O conceito de desenvolvimento sustentável foi de vez institucionalizado (NOBRE e AMAZONAS,2002; BURSZTYN e BURSZTYN, 2010).

Após a Comissão Brundtland, importantes conferências ocorreram, como é o caso da ECO-92 e a mais recente, Rio +20. Este tipo de evento discute não somente a questão ambiental, mas a qualidade de vida do planeta e serve para agregar diferentes atores sociais, que debatem quais as melhores alternativas para as muitas atividades praticadas pelo ser humano. Nem sempre, o produto final destas conferências é o esperado, muitas vezes os compromissos firmados ficam muito aquém das reais necessidades de mudanças, pois, acima de tudo, o jogo político dita até onde os países participantes podem se comprometer.

Apesar de os resultados que se esperam das inúmeras conferências sobre desenvolvimento sustentável, muitas vezes frustrarem os sonhos dos mais otimistas, a nova meta para o desenvolvimento obteve seu lugar na sociedade moderna. É necessário ser sustentável, ostentar o rótulo ou pelo menos buscar este ideal, pode-se afirmar que há um consenso em meio a diferentes opiniões, algo contraditório, mas que já causa mudanças nas práticas socioeconômico ambientais.

1.1 TURISMO SUSTENTÁVEL

Perante a realidade que é o desenvolvimento sustentável, as outras atividades buscam inserir-se neste contexto; o turismo não é diferente.

O turismo é parte integrante da sociedade moderna, que aos poucos conseguiu maior tempo livre para se dedicar ao lazer e às viagens, o seu crescimento foi rápido e semelhante às outras atividades econômicas utilizou o meio natural, e por que não, o social, de forma intensiva, sem a devida preocupação com a conservação dos recursos turísticos das destinações. (DIAS, 2008).

Paralelamente às preocupações quanto aos problemas ambientais e a realização das conferências que tratavam deste assunto, o turismo não ficou de fora destas discussões, como podemos ver no histórico a seguir, adaptado de Dias (2008):

- Artigo de Nicolas Hetzer (1965), intitulado: *Environment, tourism, culture*, onde o autor relaciona turismo e desenvolvimento.
- 1967 é proclamado pela Organização das Nações Unidas (ONU) como o ano do turismo, devido ao forte crescimento da atividade.
- Os estudos sobre os impactos do turismo são intensificados nos países desenvolvidos, sobretudo na década de 70.

- Em 1972, o Banco Mundial realiza uma avaliação de impactos do turismo, levando em consideração vários aspectos: como o ambiental, o social, o cultural e a saúde.
- Em 1975 é criada a Organização Mundial do Turismo (OMT) com vistas a promover e desenvolver o turismo como um fator de desenvolvimento socioeconômico.
- Nos anos 80, o movimento ambientalista influencia bastante o turismo, novas alternativas são buscadas ao turismo de massa.
- Em 1982, a OMT e o PNUMA divulgam a Declaração sobre Turismo e Meio Ambiente. A única forma de turismo aceitável é a que melhora, protege e salvaguarda o meio ambiente, o desenvolvimento é para benefício do homem.
- 1985 – Carta do turismo e Código do turista pela OMT.
- 1991 – Protocolo de Madri sobre a proteção do Meio Ambiente.
- A Rio 92 e a Agenda 21 reservaram pouca atenção ao turismo. Mas em 1994, a Agenda 21 do turismo é criada.
- 1999 – Código Mundial de Ética do Turismo, sendo que o art. 3º é reservado ao turismo e desenvolvimento sustentável.
- 2002 – Ano Internacional do Ecoturismo. A Rio +10 separa o parágrafo 41 para o turismo e o desenvolvimento sustentável.
- 2012 - A Rio +20 trata do turismo nos artigos 130 e 131.

Assim, uma nova configuração surge no contexto do turismo, alternativas são buscadas para o chamado turismo de massa, tanto criticado por Krippendorf (1989). Em meio a crescente consciência ambiental no seio da sociedade moderna, o turista também entrou nesta lógica de mudança. Antes, com exceções, os turistas eram meros consumidores de paisagens, ao viajarem para algum local, desfrutavam dos atrativos, da cultura local, mas sem nenhuma atitude crítica e responsável. Tudo isto, constituía-se em um mero olhar superficial sobre outras culturas, onde os turistas esperavam descarregar toda sua frustração e *stress* acumulados no dia a dia do trabalho e afazeres em geral, bem longe do local de moradia. (KRIPPENDORF, 1989; URRY, 1997).

Seguindo o mesmo pensamento, Guatari (1991) definiu a experiência deste tipo de turista descrito acima como se ele se resumisse, “quase sempre, a uma viagem sem sair do lugar, no seio das mesmas redundâncias de imagens e de comportamento” (p. 8). Mendonça (1999) é bem incisiva ao afirmar “que onde há turismo, há degradação ambiental”. (p. 19). Esta autora rompe com a visão romântica do turismo como a indústria sem chaminés, crença que se mostrou totalmente equivocada.

Vamos além da degradação ambiental. O turismo é uma atividade que precisa ser planejada, pois na visão de Beni (2001), estamos diante de um sistema extremamente

complexo, onde é necessária uma análise estrutural, identificando os vários subsistemas que fazem as engrenagens funcionarem. Dentro deste sistema que é o turismo, existem os subsistemas: ecológico, social, econômico e cultural. Percebe-se que esta concepção do autor pode ser relacionada à dinâmica do desenvolvimento sustentável.

Além da degradação ambiental que afeta diretamente, o subsistema ecológico; há a degradação social, a econômica e a cultural, ou seja, o turismo é impactante e não se deve dar total atenção à degradação ambiental que a atividade trás, mas um planejamento sério deve envolver equilibradamente as outras dimensões. (RUSHMANN, 1999).

Assim, o turismo sustentável surge como uma estratégia de planejamento por conter os ideais da sustentabilidade, Pearce (1989) definiu turismo sustentável como:

Maximização e otimização da distribuição dos benefícios do desenvolvimento econômico baseado no estabelecimento e na consolidação das condições de segurança sob as quais serão oferecidos os serviços turísticos, para que os recursos naturais sejam mantidos, restaurados e melhorados. (*apud* Beni, 2001, p. 61).

Esta é uma definição simplória sobre turismo sustentável, pois ao levarmos em consideração os outros aspectos da sustentabilidade, percebemos o quanto esta definição é amplamente econômica e vaga do ponto de vista ambiental e mais ainda do social.

Uma das inúmeras definições que surgem sobre turismo sustentável é da OMT (Organização Mundial do Turismo), definição semelhante ao que é dito sobre desenvolvimento sustentável segundo o relatório Brundtland. Desta forma: “turismo sustentável é aquele que atende às necessidades dos turistas de hoje e das regiões receptoras, ao mesmo tempo em que protege e amplia as oportunidades para o futuro” (KOROSSY, 2008 p. 63).

Assim como vaga é a definição de desenvolvimento sustentável, a definição de turismo sustentável também o é. Afinal, quais são as necessidades reais dos turistas de hoje? Quais as necessidades do turista de amanhã? Quais as necessidades das regiões receptoras? É notória a diferença de necessidades entre turistas e região receptora, enquanto um quer desfrutar do seu tempo livre da melhor forma, ou outro espera retirar algum ganho da atividade, só para demonstrar um exemplo. Em se tratando das oportunidades futuras, que oportunidades, seriam oportunidades econômicas, ambientais ou sociais?

Swarbrooke (2000) sugere uma abordagem mais ampla, o autor tenta desvencilhar-se de uma visão meramente econômica e “centro-turista”. Para ele, o turismo sustentável, precisa sim de viabilidade econômica e mostrar-se competitivo no mercado, entretanto, não pode abrir mão da justiça social; o turismo deve ser planejado de forma a incluir os habitantes das destinações aliado ao cuidado com o meio ambiente.

A ambiguidade nas definições deu origem há vários debates que vão desde a disputa se é ou não, de certa forma, uma característica do turismo ser sustentável (podemos lembrar-nos da crença na indústria sem chaminés), até a ideia mais comum atualmente de que o turismo sustentável não é um tipo de turismo, nem uma característica inerente da atividade, mas um objetivo a ser buscado dentro do próprio turismo (CLARK, 1997).

Hunter (1997) argumenta que o turismo sustentável é um paradigma em adaptação, fruto de vários debates anteriores. Logo após o *boom* turístico no pós-guerra, os países que investiram na atividade, em sua maioria, julgavam o turismo somente por suas contribuições econômicas, sem levar em consideração os próprios custos econômicos, os impactos ambientais e sociais. Tais impactos não demoraram a se tornarem visíveis e o turismo passou a ser bastante questionado.

As primeiras abordagens críticas ao turismo enfatizavam dois polos diametralmente opostos, de um lado o tradicional turismo de massas, o turismo predador (KRIPPENDORF, 1982), que operava em larga escala, trazendo benefícios econômicos às regiões de fluxo turístico, mas grandes impactos ambientais e alterações sociais nas comunidades receptoras. No outro polo, encontra-se o turismo alternativo, turismo *soft*, sustentável e outras qualificações; este novo turismo era classificado como o bom turismo ao contrário do mau turismo de massas. “Turismo alternativo era sinônimo de turismo sustentável” (Clark, 1997, p. 225). Basicamente, as primeiras abordagens sobre turismo sustentável baseavam-se em uma dicotomia, quanto menor a escala do turismo, mais sustentável ele seria.

Entretanto, esta posição dicotômica foi sendo deixada de lado por parte dos estudiosos do turismo. Butler (1992) argumenta que tanto os maiores proponentes do turismo como aqueles que são leigos no assunto podem reconhecer que a atividade gera impactos. Desta forma, quando surgem propostas alternativas, pelo menos no discurso, as pessoas tendem a apoiá-las, de forma quase instintiva, elas até promovem tal alternativa, mesmo que não saibam muito bem do que se trata.

Este foi o caso do turismo alternativo (ou sustentável). Este novo turismo nasceu como opositor do turismo de massas, contudo, percebeu-se que o mesmo, se não fosse planejado poderia ser tão nocivo ao meio ambiente e às comunidades locais como o vilão da época, o turismo de massas. (KRIPPENDORF, 1987; BUTLER, 1990; WHEELER, 1991). Então não se tratava mais de uma dicotomia turismo bom ou ruim, mas de uma atividade que necessitava ser bem planejada, devido à sua dinâmica operacional.

Os estudos em turismo e sua relação com a sustentabilidade avançaram. De modo que o foco não era mais a relação entre a escala de operação da atividade e a qualidade do turismo, mas sim que todas as atividades turísticas deveriam buscar um alvo comum: a sustentabilidade; o turismo de massa deixou de ser um vilão, mas passou a ser visto como uma atividade que necessitava ser melhorada. (CLARK, 1997).

Atualmente, os debates não são mais relacionados à questão é: sustentável ou não; mas o desafio é como planejar uma atividade tão dinâmica como o turismo de forma mais sustentável possível, pois já se conhece o seu potencial em atrair benefícios econômicos às localidades, mas se sabe que isto, somente, não basta. É necessário que a atividade turística, além de trazer benefícios econômicos, opere respeitando os limites sociais das localidades, que ela seja ambientalmente correta, de fato e não somente no discurso.

O desafio é ser competitivo, sem ser insustentável e a vantagem das destinações está no bom uso de seus recursos turísticos, sejam estes de ordem natural ou histórico-cultural. O crescimento da consciência ambiental, evidentemente, é muito maior do que há 30 anos, o que implica que um turista mais sócio ambientalmente consciente foi e está sendo formado. (ANGELKOVA *et al*, 2012; SWARBROOKE e HORNER, 2002).

Assim, como a consciência socioambiental de quem viaja aumenta, quem recebe o turista também está inteirado, mesmo que de modo simples, sobre a importância de se conservar o meio em que vive. A insatisfação ou aprovação dos autóctones em relação ao turismo vem sendo estudadas há bastante tempo. A percepção socioambiental surge como um forte instrumento para avaliação da atividade turística. Não importa se é turismo de base comunitária ou turismo de eventos, os residentes emitem opiniões que não podem ser ignoradas pelos planejadores do turismo. (TOSUN, 2002; KUVAN e AKAN, 2005; ADERECK *et al*, 2005; ESHLIKI e KABOUDI, 2012).

A ideia de sustentabilidade no turismo passou por várias etapas e hoje é um imperativo para a atividade. Isto se materializa na preocupação em relação à criação de indicadores de sustentabilidade para a formatação de modelos que auxiliem o planejamento do turismo, no envolvimento dos agentes públicos e privados, no envolvimento dos atores locais na construção de um turismo mais sustentável e na adequação dos diversos tipos de turismo às regulações ambientais e busca por alternativas ambientalmente mais corretas. (TORRENT, 2008; LOZANO-OYOLA *et al*, 2012).

1.2 EVENTOS

Há uma relação importante entre turismo e eventos, pois estes são um dos grandes indutores de turismo nas localidades turísticas. Desta forma, sendo incorporados no planejamento turístico dos destinos (GETZ, 2008). Essa ligação é definida em um dos segmentos mais significativos atualmente, que é o turismo de eventos, este segundo Andrade (2000, p. 73), constitui-se no:

Conjunto de atividades exercidas pelas pessoas que viajam a fim de participar de congressos, convenções, assembleias, simpósios, seminários, reuniões, ciclos, concílios e demais encontros que visam o estudo de alternativas, de

dimensionamento, de interesse de determinada categoria profissional, associação, clube, crença religiosa, corrente científica, ou outra organização.

Esta definição especifica quão vasto é este segmento e visando não se prolongar em descrever o que é o turismo de eventos, o autor fala de “demais encontros”, que podem ser inúmeros quanto ao tamanho e finalidade para ajuntamento. No contexto deste trabalho, trata-se de um evento cultural, porém há uma diversidade considerável de tipos de eventos e é importante reconhecer esta variedade, pois cada tipo de evento deverá receber um tratamento específico, segundo suas características e necessidades (WATT, 1998).

Getz (2008) divide os eventos quanto ao tipo em: celebrações culturais (festivais, carnavais, comemorações e eventos religiosos), eventos políticos e de estado (conferências de cúpula, ocasiões formais), artes e entretenimento (concertos, cerimônias de premiação), eventos de negócios e comércio (encontros e convenções, feiras e exposições comerciais), eventos educacionais e científicos (conferências, seminários, congressos), competições esportivas (amadores ou profissionais, espectador ou participante), recreativos (esportes ou jogos, por diversão) e eventos privados (casamentos, festas, sociais).

Quanto à sua magnitude, os eventos podem ser classificados em mega eventos (atraem grande número de visitantes, têm grande exposição na mídia, geram vários impactos econômicos, sociais e ambientais), evento hallmark (um tipo de mega evento, utilizado para promover as destinações, serve como ferramenta de marketing turístico; é um evento que tem significância em termos de tradição, atratividade, qualidade ou publicidade, conferindo aos destinos uma vantagem comparativa), eventos locais e regionais (eventos que preservam as características e essência da comunidade, são eventos pequenos, geralmente atraem poucos visitantes). (GETZ, 2008b; HALL, 1989).

Segundo Mair e Whitford (2013), a partir da década de 1980 os governos abriram os olhos para o potencial de geração de impactos positivos por parte dos eventos. Depois, durante a primeira década do século XXI, em diversos lugares do mundo, houve um crescente e intenso interesse na participação em eventos por parte de turistas, demonstrando não somente a sua capacidade de gerar impactos positivos nas localidades, mas também assumindo um importante papel na valorização e desenvolvimento da cultura, artes, restauração urbana, educação e turismo.

1.2.1 Megaeventos e Sustentabilidade

Os organizadores do setor de eventos não têm ficado fora das questões referentes à sustentabilidade, pois sabem que os eventos têm uma grande capacidade de gerar benefícios às localidades, tanto em termos econômicos como sociais. Entretanto, como toda atividade,

os eventos geram impactos que precisam ser avaliados e gerenciados para que os pontos negativos não se sobressaiam sobre os positivos.

Em um primeiro momento, os estudos referentes aos impactos dos eventos sobre as localidades enfocavam bastante os benefícios econômicos que a realização de feiras, congressos, festivais e demais tipos de eventos traziam. Afinal, quando se pensa na realização de eventos, geralmente, as primeiras coisas que imaginamos são nos novos postos de emprego (mesmo que temporários), nos turistas que chegarão ao destino e com eles o gasto em mercadorias como *souveniers*, artesanato, camisas, comida, bebida e outros.

Contudo, além do impacto econômico imediatamente lembrado, a organização e a realização de eventos quase sempre trazem mudanças em infraestrutura e novas facilidades; pode haver impactos sociais referentes à mudança de comportamento e padrões de consumo dentro das comunidades, mudanças culturais que são amplamente intangíveis, diferentemente das mudanças econômicas; e impactos ambientais como uma produção maior de resíduos sólidos, aumento nas emissões de CO_2 , poluição sonora e poluição das águas, para citar alguns exemplos (KIM e PETRICK, 2005).

Ao nos reportarmos à magnitude dos eventos, esta pesquisa enfoca um evento cultural de grande porte, pode-se, assim, dizer que se trata de um megaevento cultural. Levando em conta as características de um megaevento, que segundo Leeds (2008) constitui-se em todo tipo de evento em larga escala, que atrai um grande número de pessoas, em um espaço geográfico limitado por um curto período de tempo, torna-se facilmente perceptível que a gama de impactos gerados em um evento desta magnitude é relativa ao seu tamanho. Necessita-se, pois de uma visão holística dos impactos, estes sejam econômicos, ambientais ou sociais.

Para Negri (2011) os principais benefícios de um megaevento estão ligados basicamente à promoção dos destinos. A autora dá o exemplo da Copa do Mundo no Brasil: “sediar uma Copa do Mundo será uma das grandes chances de o Brasil se mostrar ao mundo [...] a Copa do Mundo dá oportunidade para o país entrar definitivamente no cenário turístico internacional. ” (NEGRI, 2011, p. 139), além do fator promoção, está a capacitação/qualificação das pessoas que receberão os turistas durante o evento, os investimentos em infraestrutura, o aumento na autoestima das pessoas que receberão o mundial de futebol.

Esta abordagem que mostra os benefícios de um megaevento, a partir da promoção da imagem de um destino turístico e, conseqüentemente, a busca por uma melhor competitividade no mercado turístico é criticada por Hall (2012), quando afirma que as abordagens sobre sustentabilidade e eventos crescem cada vez mais, mas ao contrário do que se pensa turismo e eventos não estão se tornando mais sustentáveis; tudo não passa apenas de discurso, pois a sustentabilidade promovida pelos organizadores dos eventos, não poucas as vezes, leva em consideração apenas os benefícios econômicos.

Os megaeventos ocorrem durante um curto período, mas os seus impactos podem perdurar por muito além do seu término. Então, a pergunta que se faz é: qual o seu legado para as cidades que os hospedam? Para Piccin e MacDowell (2011) está é uma pergunta que deve nortear o planejamento de eventos mais sustentáveis, pois segundo as autoras, um evento é algo passageiro ao contrário da noção de sustentabilidade que pressupõe perenidade e envolve avaliação, melhorias contínuas, planejamento e ações com resultados de longo prazo.

1.2.2 Impactos dos Megaeventos

Como afirmado anteriormente, os megaeventos podem gerar múltiplos tipos de impactos, pois usualmente, são influenciados e influenciam os locais em que ocorrem. Esta relação advém do processo de planejamento efetuado ou da falta do mesmo, logo os organizadores dos eventos devem estar atentos aos diversos fatores que podem interferir no cotidiano das localidades. As interferências ocasionadas pela passagem de um evento, nem sempre são claras, necessitando-se assim de estudos e avaliações de impactos para uma mensuração mais precisa.

- **Impactos Econômicos:** A análise dos impactos econômicos dos eventos é uma grande ferramenta para os atores que produzem políticas públicas, pois permite que por meio da comparação entre o retorno dado pelo evento e o total de seus impactos econômicos, decida-se alocar recursos neste ou investir em alternativas que gerem resultado positivo na economia das localidades (LUCIA, 2013). Sendo assim, uma das justificativas dada pelos governos para a realização de eventos é que estes são benéficos para o crescimento do Produto Interno Bruto (PIB), conseqüentemente sua população terá mais poder aquisitivo, constituindo-se este em um dos impactos econômicos mais aclamados

Os economistas reconhecem que os eventos e festivais têm importância chave para as economias locais e nacionais, pois auxiliam no aumento de alguns setores e atividades econômicas, injetam novas finanças nas localidades e após a realização dos eventos deixam legados importantes para as cidades sede (RAJ e MUSGRAVE, 2009).

A grande demanda por bens e serviços por parte das pessoas que visitam os eventos e por parte dos organizadores gera um significativo efeito multiplicador nas vendas, produção, renda, valor agregado e geração de empregos por meio de uma diversa interligação entre os setores do sistema econômico:

O impacto econômico total é a estimativa da soma de todos estes efeitos. Os efeitos diretos são os gastos dos visitantes dos eventos em bens e serviços (ex: pernoites, refeições, compras, ingressos etc.) e dos organizadores dos eventos (ex: compra de móveis, equipamentos, propagandas, aluguéis e

taxas). Os efeitos indiretos são relacionados à produção envolvida em suprir os insumos necessários à provisão dos bens e serviços demandados (hotéis, restaurantes, lojas, transportes). O efeito multiplicador induzido é o crescente consumo dos residentes e o aumento no padrão de vida feito possível pelo rendimento gerado, direta ou indiretamente, pelos eventos (LUCIA, 2013, p. 92).

Estes são alguns exemplos de como os eventos podem movimentar a economia de uma cidade, seja por meio dos trabalhos gerados em um hotel ou restaurante, ou em uma maior receita no setor de transportes, na produção de alimentos que serão servidos durante e fora dos eventos, os quais serão demandados pelos visitantes (turistas) que consumirão e gastarão seu dinheiro na localidade.

Os impactos econômicos positivos permeiam boa parte da literatura e em geral versam sobre a atração e aumento do fluxo de turistas nas localidades, juntamente a isto, outro impacto identificado é a criação da imagem e marca dos destinos, ou aquilo que diferencia um destino de outro, aqui a mídia, em suas diversas formas, pode auxiliar na promoção dos destinos (CHALIP e COSTA, 2006; RITCHIE *et al.*, 2006).

Pimentel *et al.* (2006) afirma que a imagem da marca de um destino está relacionada em como o consumidor real ou potencial “associa a imagem com o destino de acordo com as características do local ou, até mesmo, em função das características da sua população” (*idem*, p. 290), sendo de grande importância para um destino possuir uma imagem e marca consolidados no mercado turístico, por ser este um mercado altamente competitivo.

Os eventos podem ser catalizadores de melhorias urbanas, desenvolvendo a infraestrutura e os serviços das localidades; podem também atrair investimentos em recursos humanos. Outro ponto importante para a análise econômica é a questão da sazonalidade do turismo, os eventos são instrumentos para reduzir esta variação na demanda, quando realizados em baixa temporada (LUCIA, 2013).

O legado econômico deixado pelos eventos envolve tanto os benefícios como os custos que a realização de um evento pode ocasionar. Os custos podem ser referentes às dívidas que um governo pode contrair ao organizar um megaevento, a Copa do Mundo de Futebol no Brasil é um grande exemplo, onde alguns Estados da Federação se endividaram na construção de estádios e outras obras para se adequarem às exigências da FIFA (*Federation International of Football Association*), semelhante a outros megaeventos esportivos (KIM e PETRICK, 2005)

A inflação nos preços é uma das grandes preocupações tanto nas grandes como pequenas cidades e comunidades que recebem megaeventos. Outro problema muito comum acontece quando em alguns locais, o custo de moradia tem um crescimento que não é acompanhado pelo aumento no padrão de vida dos residentes; há também os custos ambientais, que muitas vezes não são considerados; tais custos e o legado que os eventos

podem deixar de ser motivo de preocupação para os organizadores de eventos, estes precisam levar em conta, antes de tudo, os custos sociais e ambientais, antes mesmo de pensar nos ganhos econômicos (RAJ e MUSGRAVE, 2009).

- Impactos Socioculturais: A principal justificativa dada pelos governos para hospedar um evento é o retorno econômico que o mesmo proporciona. Os aspectos socioculturais são pouco lembrados como motivo na hora da tomada de decisão, Balduck *et al.*, (2011) afirma que isto se deve ao caráter predominantemente intangível dos impactos socioculturais, o que dificulta a mensuração dos mesmos.

A realização de eventos proporciona vários benefícios, mas também gera impactos negativos, isso já foi bem enfatizado. A regeneração urbana, a revalorização do patrimônio da cidade e a melhoria da sua imagem são impactos positivos que podem aumentar a qualidade de vida urbana da população residente; contudo, problemas relativamente pequenos como tráfego congestionado e problemas mais sérios como falta de segurança, aumento da prostituição e deslocamento dos residentes do seu local de moradia, alteração nos costumes locais e outros tantos podem ser fruto da realização de um evento, ou maximizados na ocasião dos grandes eventos.

Estes citados acima são alguns exemplos de impactos socioculturais, os quais nem sempre são levados em conta por aqueles que desenvolvem estratégias para a captação ou planejam eventos. Muitas vezes, os impactos socioculturais são negligenciados pelas autoridades governamentais, com vistas a ganhar o apoio da opinião pública ao enfatizarem basicamente os impactos econômicos (BALDUCK *et al.*, 2011; KIM e PETRICK, 2005). Entretanto, desconsiderar a presença de impactos socioculturais é um grande risco para a perenidade dos eventos, para a imagem dos destinos turísticos e cenário propício aos conflitos dentro dos destinos turísticos, especialmente nas comunidades e cidades menores que hospedam grandes eventos. (DELAMERE *et al.*, 2001)

Considerar os impactos sociais e buscar soluções aos tais é essencial para conseguir o apoio da comunidade local. Este apoio é importante para o sucesso e sustentabilidade do evento, tornando a experiência de visitantes e visitados um momento agradável de troca cultural e alegria mútua; de outro modo, em vez de apoio, a ideia da realização de um evento enfrentar oposição, pode causar o insucesso dos projetos e, se realizado, o evento pode não ter o retorno esperado (GURSOY e KENDAL, 2006).

A grande parte dos estudos sobre impactos socioculturais do turismo e eventos tem como base a percepção dos residentes, e esta mediada pela teoria da troca social, que segundo Waitt (2003) esta teoria sugere que os residentes avaliam o (s) turismo/eventos como positivos ou negativos, segundo os impactos a seguir descritos:

-Impactos ambientais: a literatura brasileira referente aos impactos ambientais gerados em eventos, ainda é escassa. Quando o assunto é tratado, na maioria das vezes, é

feito de forma bem vaga, enfocando a responsabilidade ambiental dos organizadores de eventos frente a um mundo que busca por soluções mais sustentáveis em todas as áreas.

Entretanto, em um país com uma diversidade cultural tão grande e que abriga vários eventos o ano todo, a preocupação com os impactos ambientais gerados nos mesmos, deveria estar mais presente na academia.

Desde a preparação do evento, os impactos ambientais já se fazem presentes. Dependendo do lugar escolhido para a sua realização, poderá haver a necessidade da construção de uma infraestrutura para o evento, alterando a paisagem local (PONSFORD, 2011). A própria divulgação do evento pode impactar o meio ambiente urbano, através de folhetos despejados em vias públicas.

Quanto aos impactos referentes ao evento propriamente dito, estão os problemas relacionados ao aumento na emissão de dióxido de carbono, devido ao aumento da circulação de pessoas, de transportes em geral (carros, caminhões, motocicletas etc.). Há o aumento no consumo de energia da localidade que recebe o evento, dependendo das características físicas do lugar pode haver contaminação da água por meio de dejetos lançados indiscriminadamente (SANTOS, 2011).

O próprio desperdício de materiais é um problema ambiental recorrente nos eventos, tanto por parte de quem organiza, como quem participa. Em eventos como o carnaval, onde há a confecção de fantasias e alegorias, os materiais utilizados na produção destes itens podem ser altamente prejudiciais ao meio ambiente se não depositados em locais corretos, bem como o resto de tecido, de papel, papelão, isopor, ferro, tinta e outros (DÁVID, 2009).

Há outras questões, não menos importantes, como a poluição sonora que muito incomoda os moradores de cidades pequenas e calmas, a superlotação dos lugares excedendo a sua capacidade de carga, os danos ao patrimônio material (monumentos históricos, prédios públicos, residências particulares), os impactos à vida silvestre e aos ecossistemas que nem sempre são percebidos ou levados em conta em uma avaliação pós evento (ISHIY, 1998).

1.2.3 *Green Events* ou eventos mais sustentáveis

As inovações no setor vêm sendo buscadas, nascendo a concepção dos *green events* (eventos verdes), estes são eventos que possuem uma política de sustentabilidade ou a incorporam em seu planejamento. Apesar do nome referente à cor verde sugerir uma ênfase na dimensão ambiental, os outros elementos básicos do tripé do desenvolvimento sustentável devem ser considerados em igual importância (LAING e FROST, 2010).

Endossando esta nova abordagem em eventos, Getz (2009) dá uma contribuição importante à noção de *green events*, quando afirma que ao tratarmos de sustentabilidade

neste setor, não devemos tratar a questão apenas do ponto de vista da sua perenidade, não se trata apenas da duração de um evento por tempo indeterminado; mas deve-se ter em mente que a realização de um evento precisa cumprir seus papéis social, cultural, econômico e ambiental, coisas que as pessoas valorizam. Desta forma, a aceitação e suporte das pessoas à realização de eventos em seus locais de moradia, tornam-se mais assegurados.

Neste novo tipo de abordagem em eventos, muitos elementos são considerados no planejamento. Para o êxito de um evento que tem a sustentabilidade como proposta, o fator relacional entre as diversas esferas da comunidade local, do governo e da iniciativa privada é essencial.

Considerar os interesses da comunidade local é pré-requisito nos projetos de eventos que buscam a sustentabilidade. A comunidade local lidará com os impactos gerados pelos eventos de forma direta, e saber quais são os seus anseios e preocupações não pode ser ignorado pelos organizadores. Afinal, muitos das justificativas dadas para a realização de eventos são que estes trarão benefícios à sociedade. Frequentemente, a opinião da comunidade local é ignorada (RAMOS e ALBERTON, 2010). Segundo Coleman e Mules (2001), quando há algum tipo de consulta à opinião local, tal representatividade é constituída por pessoas que nem sempre são o espelho da vontade da maioria.

Há a necessidade do governo, em especial o governo municipal, estabelecer uma política específica para a realização de eventos em seu território, criando diretrizes claras a respeito da participação da comunidade local, garantindo a ampla e efetiva participação dos diversos atores sociais nas decisões. Em certas ocasiões, existem eventos (especialmente os culturais como os festivais locais) que são produzidos no seio da comunidade, mas que após certo tempo, devido ao seu crescimento, deixam de ser controlados pela população e passam para as mãos de agentes privados. Esta mudança de direção pode implicar na falta de participação da comunidade local, pois há a perda do sentimento de pertencimento, e na hiper comercialização do evento.

A criação de uma política de eventos deve estar integrada ao próprio planejamento urbano, social, ambiental e econômico de uma cidade. A realização de um evento não é um fato descolado, mas algo que impacta a realidade local em menor ou maior grau. Desta forma, a política urbana ambiental de um município ou estado deve influenciar nas diretrizes ambientais de um evento, de modo que o mesmo possa ostentar o rótulo de sustentável.

A organização de um evento necessita de uma gama de fatores, entre eles estão a localização do evento, o transporte dos materiais necessários para a montagem ou construção da infraestrutura necessária para a sua realização, a equipe técnica e de apoio, os parceiros e patrocinadores etc. Para que um evento seja mais sustentável (além do que já foi dito), ele tem uma série de questões operacionais.

Talvez, uma das primeiras coisas a ser considerada é o processo de sensibilização e responsabilidade socioambiental dos envolvidos na organização do evento. Desta maneira, “deve-se elaborar um documento com requisitos mínimos a serem cumpridos pelos parceiros e fornecedores de serviços” (RAMOS e ALBERTON, 2010, p. 740). Trata-se de um processo de educação ambiental interna.

A minimização dos impactos ambientais passa pela viabilidade de acesso ao local do evento, levando em consideração os custos econômicos e ambientais do deslocamento de materiais e pessoas. Outra preocupação de um evento sustentável é com a ambientação e cenografia:

Nessas etapas, as técnicas arquitetônicas usadas devem buscar o aproveitamento da iluminação externa para que se consuma o mínimo de energia. Se possível, prever a utilização de lâmpadas de menor consumo e mais eficientes. Deve-se aproveitar, sempre que for viável, a ventilação natural, para reduzir o consumo proveniente de aparelhos de ar condicionado e ventiladores. A redução no consumo de energia está sempre relacionada ao planejamento do espaço e à busca por tecnologias e ambientes que otimizem seu consumo. Sempre que possível, devem ser previstas fontes renováveis de energia, por exemplo, os geradores movidos a biodiesel (RAMOS e ALBERTON, 2010, p. 741-742).

Deve-se levar em consideração o ciclo de vida dos materiais utilizados na ambientação do evento. Sempre que possível, é desejável que os produtos e materiais em um evento sustentável sejam reaproveitados ou que venham a ser reaproveitados, passíveis de reciclagem.

O gerenciamento dos resíduos sólidos é fator indispensável. A forte aglomeração de pessoas em um evento ocasiona a geração de muito mais resíduos do que uma cidade está acostumada a lidar. Os organizadores devem desenvolver parcerias com as cooperativas de catadores de materiais recicláveis, contratar profissionais especializados em gestão ambiental para a condução das atividades referentes ao resíduo produzido e desenvolver, junto aos gestores ambientais, um programa de coleta seletiva, que deve estender-se desde os parceiros internos, como aos participantes do evento.

Outra questão importante é a compensação ambiental por parte do evento, em especial a neutralização das emissões de carbono, isto requer o conhecimento dos impactos ambientais que a realização do evento ocasionou. “Recomenda-se a compensação de tais impactos por meio de um projeto de reflorestamento de matas ciliares, em áreas de preservação permanente degradadas.” (RAMOS e ALBERTON, 2010, p. 749)

Estas são apenas linhas gerais de como um evento pode ser mais sustentável, levando em consideração aspectos como a política, a comunidade local e algumas estratégias ambientalmente menos nocivas. Isto se constitui em mais um esforço em direção ao projeto em construção que é a sustentabilidade, demonstrando que de fato, a busca do

desenvolvimento sustentável evoluiu das mesas de discussões para a organização de eventos.

1.2.4 O legado dos eventos: qual o legado do Festival Folclórico de Parintins?

O legado que um evento pode deixar é uma das principais preocupações de seus organizadores, sendo também uma das principais justificativas para a realização e investimento em um evento. Vemos isto claramente no discurso governamental em prol da Copa do Mundo de futebol de 2014. Obras de mobilidade, novos estádios, investimentos que modernizaram a malha urbana da cidade sede, aumento da demanda turística e outros seriam os tais legados que justificariam a vinda deste megaevento para o Brasil.

Rubio (2007) afirma que o mesmo evento realizado diversas vezes em um mesmo local, produz legados diferentes, pois o seu desenvolvimento, ou seja, mudança (gigantismo crescente, interesse global crescente etc.) demanda nova infraestrutura, novas dinâmicas. E não somente a parte estrutural está em jogo, mas um evento produz vários tipos de legados, sejam sociais, econômicos, culturais, políticos ou ambientais. O esforço em alavancar um legado particular já é suficiente para criar legados diferentes. No que tange ao legado, cada evento deve ser analisado individualmente, levando-se em consideração os seus aspectos positivos e negativos.

O Festival Folclórico de Parintins a cada ano traz um legado diferente para o município de Parintins. Desde a sua criação, o evento vem se modificando, e devido ao seu crescimento em importância e notoriedade, vem alterando a vida, as finanças, o meio ambiente e a estrutura de Parintins. O legado do Festival transcende as fronteiras de Parintins e se expande para o Estado do Amazonas e para o Brasil na forma de cultura popular.

Como será abordado mais à frente, o Festival legou a Parintins uma identidade cultural, mas não somente isto. É incrível notar como um evento é capaz de mexer com as relações econômico sociais de um local e alterar a paisagem de cidade pequena para uma cidade inserida no mercado cultural e turístico mundial. O legado que o evento Festival Folclórico de Parintins deu à cidade pode-se ser resumido na palavra: mudança.

O crescimento do evento legou a mudança em Parintins, mas não se trata somente de uma mudança superficial. Como já foi dito, houve mudanças nas relações econômico sociais, na relação da cultura popular com a cultura de massa, a cidade entrou no mapa do Brasil definitivamente. Neste contexto de mudanças, estão problemas estruturais, ambientais e sociais que advém ou são maximizados com o crescimento da festa, que por sua vez, também se constituem em legados, mas legados negativos. Logo, o legado que o Festival conferiu e continuar deixar em Parintins são vários e estarão descritos nas falas dos atores a seguir.

CAPÍTULO 2 – PARINTINS PARA O MUNDO VER

Este capítulo abordará as características da cidade de Parintins, quanto aos seus aspectos físicos básicos e aos seus aspectos sócio demográficos. Em seguida, um breve histórico do Festival Folclórico de Parintins será traçado, enfocando a origem da brincadeira de boi-bumbá, como isto chegou à Parintins e como a simples brincadeira tornou-se um mega evento. Também serão mostrados os elementos que compõe o Festival, bem como os temas das músicas que são entoadas.

2.1 PARINTINS: CARACTERÍSTICAS FÍSICAS BÁSICAS

O Estado do Amazonas possui 62 municípios espalhados por 1.559.161,682 km², segundo dados do IBGE (2010). Dentre estes municípios está Parintins, mundialmente conhecido pelo seu Festival Folclórico que envolve a disputa entre duas agremiações, a saber, Garantido e Caprichoso.

O município de Parintins encontra-se no extremo Leste do Estado do Amazonas, pertencendo ao Território do Baixo Amazonas. Segundo o IBGE participa da 9ª Sub-região do Baixo Amazonas. O município tem coordenadas geográficas “de 02°36”48” Latitude Sul³ e 56°44”09” Longitude Oeste. A distância em linha reta de Manaus é de 369 km e 420 km em via fluvial (SEPLAN, 2008).

Situada às margens do Rio Amazonas, o município apresenta a seguinte geomorfologia: está situado em área de planície, contando com terrenos distribuídos em ecossistemas de várzea (48%), terra-firme (17%) e rios, lagos, igarapés e paranás (35%). Parintins possui 5.952,30 km² de área territorial, o que equivale a aproximadamente 595.230 hectares, sendo que a maior parte encontra-se em ambiente de várzea. Quanto à área urbana, esta ocupa 356 hectares (SANTOS, 2012).

O clima de Parintins é quente e úmido com médias máximas de 30,5° e mínimas de 27°C. A altitude é de 50m em relação ao nível do mar (PTDRS, 2011). A umidade relativa do ar pode atingir a média de 85% (INMET, 2005). De acordo com a classificação de Koppen, o clima do município enquadra-se no grupo climático A (tropical chuvoso), caracterizando-se por apresentar um curto período de seca (COUTO, 2005 apud SANTOS, 2012).



Mapa 1 – Mapa do Amazonas

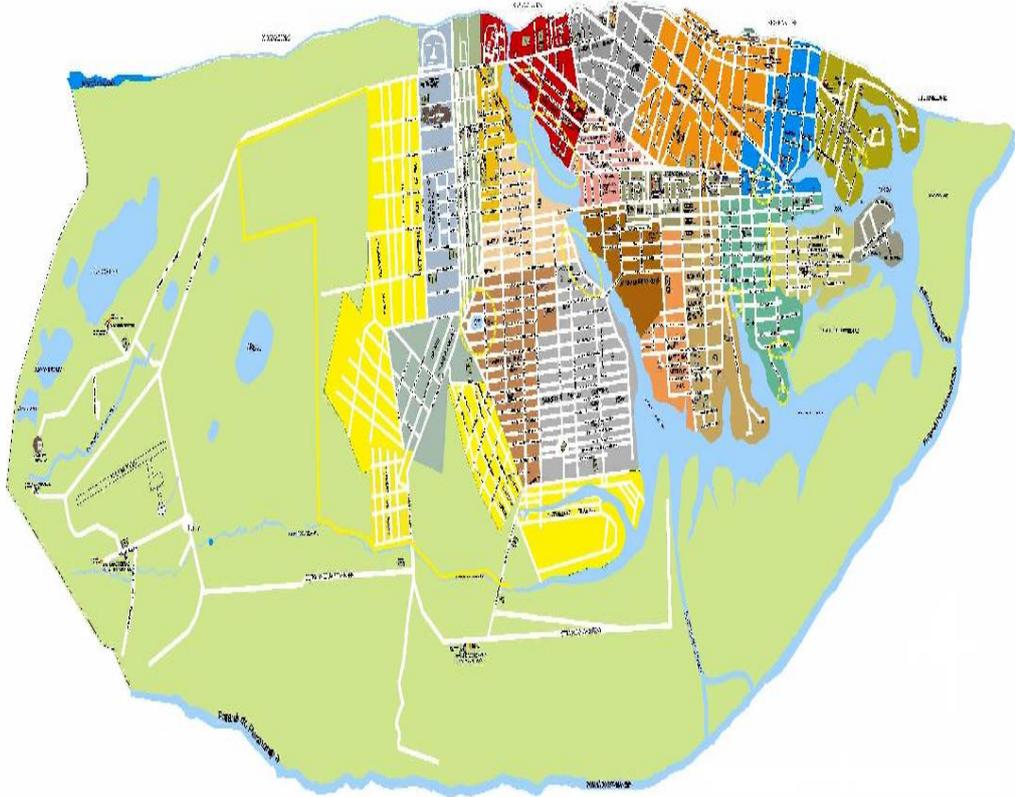
Autor: Desconhecido

Data: desconhecida

Fonte: Guiageo (disponível em <<http://www.guiageo.com/pictures/mapa-amazonas.jpg>> acesso em: 09/01/2014).

O Município de Parintins está situado na divisa com os Estado do Pará, à direita do mapa.

MAPA DA CIDADE DE PARINTINS



Mapa 2 – Área urbana de Parintins
Autor: Desconhecido
Data: Desconhecida
Fonte: Prefeitura de Parintins

2.2 PARINTINS: ASPECTOS SOCIO ECONÔMICO DEMOGRÁFICOS.

2.2.1 População e IDH

Parintins, segundo dados do IBGE, em 2010 apresentava uma população de 102.033 habitantes, distribuídos em 69.890 na zona urbana e 32.143 na zona rural, perdendo em números apenas para a capital, Manaus, que possui 1.802.525 de habitantes. Durante o período dos anos de 1991 a 2000, a taxa de crescimento populacional de Parintins superou a média nacional e estadual, vejamos:

Tabela 1: Taxa de Crescimento Populacional em Parintins em relação às médias nacional e estadual entre 1991 e 2000.

	Taxa de Crescimento (%)
Brasil	1,6
Amazonas	3,3
Parintins	4,8

Fonte: IBGE, 2013; SEPLAN, 2008.

O período que compreende os anos de 2000 a 2010, apresenta sensível redução da taxa de crescimento populacional em Parintins, segundo Santos (2012), este fato pode ser explicado devido a problemas de litígio de terras com o Estado do Pará, entretanto são necessárias mais informações para compreender porque houve esta redução, este que foi um fenômeno observado tanto no Estado do Amazonas como em termos nacionais. Atualmente, a densidade demográfica do município é de 17,14hab/km² (IBGE, 2010).

Tabela 2: Taxa de Crescimento Populacional em Parintins em relação às médias nacional e estadual entre 2000 e 2010.

	Taxa de Crescimento (%)
Brasil	1,1
Amazonas	2,1
Parintins	1,2

Fonte: IBGE, 2013; SEPLAN, 2008.

A área urbana de Parintins conta com 15 bairros, segundo a secretaria de obras. Já a zona rural possui 31 comunidades de várzea e 90 na terra-firme com atendimento escolar municipal (SEMED, 2012), num total de 186 comunidades, sendo que 5 são indígenas. Parintins tem 188 escolas municipais e estaduais, sendo 54 na zona urbana e 134 na zona rural. O município ainda conta com ensino técnico pelo Instituto Federal de Ensino Técnico (IFAM), e duas universidades, uma estadual (UEA) e outra federal (UFAM).

Outro dado importante quando tratamos de questões sócio econômico demográficas refere-se ao IDH¹ (Índice de Desenvolvimento Humano), parâmetro que leva em consideração três categorias básicas em uma sociedade: educação, longevidade e renda. O índice foi desenvolvido pelo PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento), o qual assume ser este um ponto de partida para a análise do desenvolvimento, pois há muitos outros elementos que devem ser levados em conta. Por ser um ponto de partida, o IDH é importante, pois quem dele se utiliza, dar-se-á conta de que necessita construir outros indicadores de desempenhos mais significativos (VEIGA, 2005).

Semelhante aos dados de crescimento populacional, O IDH de Parintins nos períodos de 1991 a 2000 e 2000 a 2010 serão explicitados nas tabelas 3 e 4:

Tabela 3: IDH de Parintins em relação às médias nacional e estadual no período dos anos de 1991 a 2000.

	Anos		Taxa de crescimento no período
	1991	2000	
Brasil	0.493	0.612	24.1%
Amazonas	0.430	0.515	19.7%
Parintins	0,414	0,488	17,8%

Fonte: IBGE, 2013; SEPLAN, 2013; ATLAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO NO BRASIL, 2003.

¹ O IDH varia de 0 a 1, desta forma, quanto mais próximo de zero estiver um país, cidade ou município, pior o estágio de desenvolvimento do mesmo, posto que quanto mais próximo de 1, melhor é o processo de desenvolvimento. Atualmente, os dez países mais bem colocados no ranking do IDH são: Noruega (0,955), Austrália (0,938), Estados Unidos (0,937), Holanda (0,921), Alemanha (0,920), Nova Zelândia (0,919), Irlanda (0,916), Suécia (0,916), Suíça (0,913) e Japão (0,912). Já os 10 piores são Níger (0,304), República Democrática do Congo (0,304), Moçambique (0,327), Chade (0,340), Burquina Faso (0,343), Mali (0,344), Eritreia (0,351), República Centro-Africana (0,352), Guiné (0,355) e Burundi (0,355). O Brasil ocupa a 85ª posição (0,730), tendo São Caetano do Sul (0,862), em São Paulo, como a cidade brasileira com o IDH mais elevado, e Melgaço (0,418), no Pará, como a cidade brasileira com o menor IDH.

Tabela 4: IDH de Parintins em relação às médias nacional e estadual no período dos anos de 2000 a 2010.

	Anos		Taxa de crescimento no período
	2000	2010	
Brasil	0,612	0.730	19,2%
Amazonas	0,515	0,674	30,8%
Parintins	0,488	0,658	34,8%

Fonte: IBGE, 2013; SEPLAN; ATLAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO NO BRASIL, 2013.

Em 1991, o Brasil, o Amazonas e Parintins possuíam um IDH baixo², principalmente Parintins. A partir de 2000, percebe-se que este cenário foi bastante alterado, o Brasil entrou na faixa dos países com IDH médio, juntamente com o Estado do Amazonas que alcançou um melhor desempenho. Parintins, contudo, apesar de apresentar uma melhora, continuou apresentando um baixo índice.

Em Parintins, este cenário de baixo desempenho foi mudado; em 2010 o município obteve a maior taxa de crescimento do IDH dos últimos dez anos comparando-lhe ao Brasil e ao Amazonas. A educação foi o componente que mais teve crescimento desde 1991, entretanto longevidade é o componente com melhor desempenho. Deve-se recordar que o cálculo do IDH é feito a partir da média aritmética, onde se leva em consideração a: expectativa de vida ao nascer, anos médios de estudo, anos esperados de escolaridade e o produto interno bruto (renda *per capita*).

Tabela 5: IDH e seus componentes em Parintins, 1991, 2000 e 2010.

Componentes	Anos		
	1991	2000	2010
Educação	0,214	0,327	0,605
Longevidade	0,637	0,705	0,800
Renda	0,520	0,504	0,589

Fonte: IBGE, 2013; SEPLAN, 2012; ATLAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO NO BRASIL, 2013

² IDH baixo: de 0 a 0,499; IDH médio: de 0,500 a 0,799; e IDH alto: 0,800 a 1.

2.2.2 Setores econômicos

Segundo informações da Seplan (2012), as atividades produtivas e econômicas do município giram em torno da pecuária, principal setor da economia parintinense, onde há a criação de bovinos e suínos com vistas ao consumo local e o excedente é exportado para os municípios próximos.

A agricultura também aparece como atividade primária importante no município, no cultivo temporário de abacaxi, arroz, batata-doce, cana de açúcar, feijão, mandioca, melancia e milho; e no cultivo permanente de abacate, banana, cacau, café, caju, coco, laranja, limão e tangerina. A pesca, a avicultura e o extrativismo completam o setor primário em menor grau de importância no município.

O setor secundário caracteriza-se pela existência de micro e pequenas empresas no ramo madeireiro, alimentício, gráfico e naval. Em seguida, o setor terciário constitui-se de comércios varejistas e atacadistas com uma grande variedade de produtos. No que tange aos serviços, destacam-se oficinas mecânicas, eletrônicas, hotéis, pousadas, restaurantes, clínicas médicas e outros. Devido à grande falta de empregos, as pessoas buscam abrir seu próprio negócio, geralmente no ramo dos serviços ou buscam oportunidade no serviço público, onde há a maior oferta de emprego.

Na tabela 6, observa-se a contribuição de cada setor da economia em Parintins. Vejamos:

Tabela 6: PIB por setor econômico em Parintins

	2005	2006	2007	2008
1º setor	41.571	48.971	35.675	58.648
2º setor	23.447	31.469	37.417	41.241
3º setor	200.006	258.160	270.622	291.900
TOTAL	265.024	338.600	343.714	391.789

Fonte: SEPLAN, 2012

2.2.3 Meios de transporte, serviços urbanos, comunicação.

Quanto aos meios de transporte, devido às curtas distâncias na área urbana, o município não conta com linhas de ônibus, sendo a motocicleta, juntamente com a bicicleta, os principais meios de transportes urbanos. Há dois meios de se chegar ou sair de Parintins, por ar ou por água; a Azul Linhas Aéreas é a responsável pelos voos diários até Parintins,

com tarifas que variam de R\$90 (noventa reais) a mais de R\$1000 (mil reais), o preço da tarifa sempre sofre alta inflação próximo ao período do Festival Folclórico; há também outras empresas aéreas, mas que trabalham principalmente com o transporte de cargas e pouco com o transporte de pessoas, como a MAP (Manaus Aerotáxi Participações).

Contudo, o meio de transporte, para entrada ou saída, mais utilizado é o barco. São diversas as embarcações que realizam o transporte de passageiros aos vários municípios limítrofes à Parintins (Juruti, Santarém, Nhamunda etc) e à Manaus. Há os chamados barcos recreio, onde uma viagem para Manaus dura em média 18 horas e o preço da passagem é mais acessível para a grande maioria da população. E as lanchas a jato, que fazem o trajeto em menor tempo, pois possuem maior velocidade, porém o preço da passagem é mais caro. A distância em linha reta de Parintins à capital é de 369 km e por via fluvial a distância é de 475 km.

A energia elétrica é fornecida pela CEAM (Companhia Energética do Amazonas), empresa ligada à Amazonas Energia. A área urbana é amplamente servida com o serviço de luz elétrica, diferentemente da área rural, onde 55% das comunidades são assistidas, forçando os moradores destas comunidades a utilizarem os localmente conhecidos “motores de luz”, que segundo Santos (2012, p.52), são “movidos a diesel que são utilizados apenas em poucas horas da noite e em determinadas ocasiões especiais como festas e reuniões”.

O Serviço Autônomo de Água e Esgoto (SAAE) é responsável pelo abastecimento de água no município. Segundo Santos (2012) a extensão da rede de abastecimento é de 11.487 m, com um total de 14.386 ligações, distribuídas em 13.905 residências, 298 comerciais, 181 públicas e 2 industriais.

A rede de esgoto do município é inadequada; há a predominância das fossas sépticas, este que é um problema, pois polui que, muitas vezes, não dispõe de condições adequadas de localização, instalação e assepsia, comprometendo o lençol freático. Outro problema é a coleta de lixo, ainda há pouca coleta seletiva na área urbana e a maioria do lixo vai para a lixeira pública, que na verdade é uma área que não foi planejada para tal função, sem contar que as comunidades não há coleta alguma de lixo, este que é despejado na natureza ou queimado.

Em se tratando de telefonia, o município conta com as redes convencionais ou fixas e redes móveis, cuja principal operadora é a vivo, sendo as outras operadoras com menor uso pela população. Há internet, mas de péssima qualidade, pois é muito lenta.

2.3 O BOI-BUMBÁ E FESTIVAL FOLCLÓRICO DE PARINTINS

Passamos a abordar especificamente o Festival Folclórico de Parintins, mostrando um pouco do histórico e características desta festa popular brasileira que tem atraído à atenção

de várias pessoas do Brasil e do mundo, principalmente nos últimos 15 anos. O Festival folclórico divide a cidade em duas cores e torcidas: a torcida vermelha do boi-bumbá Garantido e a torcida azul do boi-bumbá Caprichoso e influencia o dia a dia dos moradores de Parintins; esta brincadeira que começou há 100 anos, hoje é um dos eventos mais importantes do calendário folclórico brasileiro.

2.3.1 Breve histórico do boi no Brasil e o auto do boi.

A primeira referência à brincadeira de boi no Brasil data do século XIX, mais especificamente no ano de 1840, em Recife, por meio de um artigo intitulado “A estultice do bumba-meu-boi” que foi escrito pelo frei Miguel do Sacramento Lopes Gama. Este artigo não tratava de descrever a brincadeira, mas se tratava de um sermão do frei perante a forma jocosa como os sacerdotes católicos eram retratados na brincadeira.

A segunda referência vem da cidade de Óbidos no Pará, em 1850, em registros encontrados por Sales (1970). E a terceira referência encontrou-se em Manaus, no ano de 1859, devido aos relatos do médico viajante Avé-Lallemant que descreveu como a brincadeira acontecia pela cidade. Estes poucos relatos demonstram como a brincadeira estava disseminada pelo Norte e Nordeste brasileiro. (AZEVEDO, 2000; CAVALCANTI, 2000)

A figura do boi é presente em várias culturas, desde as touradas na Espanha e México, como na figura sagrada do boi Ápis para os egípcios. Quanto aos folguedos no Brasil, o boi assume várias formas dependendo do contexto geográfico em que está inserido. Segundo Cascudo (1965) o bumba meu boi foi trazido pelos portugueses, chegando ao Brasil sofreu modificações devido ao contato com a cultura negra e indígena.

Em Marques (1996) podemos visualizar como o boi foi introduzido no Brasil por Ana Pimentel de Souza, esposa de Martim Afonso de Souza, que arquitetou a vinda de manadas diretamente do arquipélago de Cabo Verde por volta de 1534, com vistas a instalá-las na capitania de São Vicente. Com o rápido crescimento do número de cabeças de gado, o ciclo do gado tomou dois rumos diferentes, ainda no século XVII:

Aproveitando a faixa de influência do Rio São Francisco [...] O primeiro sobe o rio acompanhando o seu curso pelo Nordeste; o segundo, depois de atingi-lo, transpõe-o em direção ao Norte até o Piauí. A partir do Rio Parnaíba e do litoral, o boi chega ao Maranhão, espalhando-se por todo o Estado - onde existissem bons pastos e água pura -, passando depois para o Ceará fechando o cerco com a primeira direção, vinda de Pernambuco (MARQUES, 1996, p. 65).

A importância do boi é crucial no processo de interiorização no Brasil colônia, viabilizando mudanças sociais “sendo um importante fator da economia colonial, tanto como

mão-de-obra auxiliar dos escravos nos engenhos de açúcar, quanto como produtor de alimentos para os moradores das populações das fazendas e dos povoados” (CAZÉ e PAIXÃO, 2009, p. 11). O boi foi o animal que melhor se adaptou às intempéries naturais e ao pesado trabalho nas fazendas, também foi considerado amigo dos escravos por sua força e auxílio nos momentos em que se fazia necessária a movimentação de equipamentos pesados, como as moendas dos engenhos de cana de açúcar. Portanto, o boi era símbolo de força, violência e resistência, assim como o equilíbrio, calma e solidez (MARQUES, 1996).

O folguedo do boi tem raízes neste ciclo do gado ou também conhecido como Civilização de Couro, que teve lugar no litoral baiano, nas últimas décadas do século XVII. Neste período, havia a figura dos bravos vaqueiros que desafiavam touros desgarrados, aqueles quando logravam êxito na disputa contra com os animais, transformavam-se em heróis e temas de cantorias populares, assim como os touros que conseguiam fugir também viravam motivo de cantoria (NOGUEIRA, 2008).

A brincadeira do boi constitui-se em um dos mais tradicionais folguedos brasileiros, que deriva do processo de formação social do nosso país e como visto anteriormente, o boi, além de suas funções alimentares, era considerado um colega de trabalho dos escravos e possuía todo um simbolismo. Este simbolismo, nas palavras de Dias Júnior (2009), representava de forma sutil a resistência do negro frente à opressão impetrada pelo colonizador. Tal resistência revestia-se de brincadeira ou peça teatral satírica.

O auto do boi nasce no final do século XVII, em um momento histórico de muito conflito. Há várias lutas sociais ocorrendo, entre os quais estão os embates entre senhores e escravos, índios e brancos no seio da sociedade escravista de um país colonial. Brasil está imerso em revoltas populares. Desta forma, é como auto popular que o bumba-meu-boi sai às ruas convocando a população à participação nestes movimentos (MARQUES, 1996).

O bumba-meu-boi, assim surge como uma forma de satirizar os atores da época e como uma forma de reivindicação por parte dos negros e índios quanto à sua autonomia e luta pela liberdade. A brincadeira era a sátira:

Do fazendeiro que massacra os negros e índios, mas baixa a cabeça para a nobreza; do doutor burguês estudante de Coimbra, metido a entender de tudo, mas que no fim só consegue resolver o problema com a ajuda do curandeiro; do delegado autoritário, valente com a tropa e covarde sem ela e, do sacerdote, sempre pronto a atender às elites com base num discurso populista. Todos caricaturados em personagens, onde as inversões de papéis e de discursos violentos tornam-se um ajuste de contas (MARQUES, 1996, p. 51-52).

O enredo do auto do boi é basicamente o mesmo nos diversos locais onde é realizado. Dependendo do contexto regional, algumas personagens mudam e outras são acrescentadas, porém em seu núcleo central conta com o seguintes elementos: Pai Francisco e Mãe Catirina,

o Vaqueiro, o Fazendeiro, Músicos, Índios e Caboclos, e o boi. A história consiste no seguinte: Pai Francisco (retratado como um escravo) mata um boi de estimação do seu senhor para retirar a língua do animal, pois Mãe Catirina está grávida e desejosa de comer esta parte do bicho. Entretanto, quando o senhor da fazenda descobre o que houve, resolve punir Pai Francisco, exigindo que ele faça o boi voltar à vida. Após contar com a ajuda dos curandeiros e feiticeiros, o boi volta à vida e as personagens se reúnem para comemorar este milagre.

Quanto aos nomes dados à brincadeira, eles também variam em cada local. No Amazonas e no Pará, a brincadeira é conhecida por Boi-bumbá, no Maranhão é o Bumba-meu-boi, no Rio Grande do Norte é o Boi Calemba e em outros o nome é totalmente diferente do usual, como na Paraíba, onde é conhecido como Cavalão-marinho. Quanto à expressão bumbá/bumbar, segundo Cavalcanti (2000) há duas explicações sobre o significado e origem da palavra.

A primeira explicação é dada por Hermilo Borba Silva (1966), que afirma que bumbá derivaria da expressão “zabumba meu boi”. Zabumba é um instrumento que era usado para dar ritmo à dança do boi. Borba Silva afirma, ainda, que na língua portuguesa há o verbo bumbar, que significa bater fortemente ou surrar. O autor dá preferência a este segundo sentido, que está ligado ao fato dos bois se baterem um no outro, ou entrarem em choque entre si, durante a brincadeira para ver qual é o mais resistente.

2.3.2 O Boi-Bumbá de Parintins

A criação de bovinos na Amazônia teve início em 1644, com a chegada das primeiras cabeças de gado à Belém; com o tempo, a pecuária foi sendo difundida pelas áreas de várzea onde havia disponibilidade de pastagens naturais. Na região de Manaus, houve forte impulso no final do século XIX, com a chegada de criadores naturais de gados, vindos do Nordeste, fugindo das fortes estações de seca que abatiam tal região (COSTA e INHETVIN, 2006).

Quanto ao folguedo (boi-bumbá), sua evolução aconteceu, em primeiro lugar, em Belém, tendo sua estrutura moldada na primeira metade do século XIX, antes da revolta popular da Cabanagem. Em Manaus, a brincadeira ainda no mesmo século, já havia se tornado uma brincadeira muito popular entre os cidadãos manauaras. Em ambos os lugares, a brincadeira ia pelas ruas de porta em porta atendendo aos pedidos de políticos e pessoas ricas, apresentando-se na frente das casas; a comunidade também fazia cota em dinheiro para ver os bois brincando próximo às suas residências. Cada apresentação tinha em média 1 hora e 30 minutos.

A origem da brincadeira de boi em Parintins é incerta. As explicações que são dadas estão diretamente ligadas à própria origem dos tradicionais bois-bumbá Garantido e Caprichoso, sendo que a história do boi-bumbá em Parintins aponta que houve outros bois-

bumbá, até mais antigos que os dois rivais, contudo, estes não obtiveram força popular suficiente para sobreviverem através do tempo. Desta maneira, o ano de 1913 marca o momento inicial da brincadeira, pois é apontado como o ano em que Garantido e Caprichoso foram criados.

Há muita controvérsia sobre a criação de Garantido e Caprichoso, pois há muita rivalidade entre suas torcidas e fraca documentação histórica sobre os mesmos.

Quanto à criação do Garantido, a família de seu fundador, Lindolfo Monteverde, relata que este foi acometido de uma grave doença e tendo feito promessa a São João Batista que, se ficasse curado, poria um boi para brincar nas ruas de Parintins. A petição foi atendida e, o então garoto, Lindolfo Monteverde cumpriu sua promessa e até hoje a família Monteverde sai da Baixa do São José (local tradicional em Parintins e reduto da torcida vermelha e branca) pelas ruas de Parintins dirigindo-se até a igreja Nossa Senhora do Carmo, depois retornando ao local de partida. (SILVA, 2007)

Esta versão sustentada pela família Monteverde é contraposta por Saunier (2003) que entrevistou Lindolfo, em 21 de junho de 1970. Segundo o autor, Lindolfo relatou que tinha dezoito anos em 1920, quando pela primeira vez colocou o Garantido para brincar. A primeira versão é a mais difundida, muito mais ainda pelo fato de que, em 2013, houve todo um marketing em cima do centenário dos bois-bumbás de Parintins.



Fotografia 1 – Boi-bumbá Garantido
Autor: Desconhecido
Data: Junho de 2013
Fonte: Boi-bumbá Garantido

A história da criação do Caprichoso também tem versões diferentes. Uma destas versões dá conta de que o Caprichoso nasceu em Manaus e, em 1913, teria sido levado para Parintins por iniciativa de José Furtado Belém. Entretanto, Saunier (2003) afirma que quem levou o boi de Manaus fora Emídio Rodrigues de Vieira. Andrade (2007) afirma que José Furtado Belém era amigo dos irmãos Cid (Raimundo Cid, Pedro Cid e Félix Cid), todos provenientes do Estado do Ceará e teriam fundado o Caprichoso em 20 de outubro de 1913.

Esta versão que conta com a presença dos irmãos Cid é a mais difundida; estes eram integrantes do boi Galante e tendo divergido com o dono do boi, decidiram por abandoná-lo. Os irmãos criaram uma nova armação, usando um tecido preto na cobertura, dando-lhe o nome de Caprichoso.



Fotografia 2 – Boi-bumbá Caprichoso
 Autor: Desconhecido
 Data: Junho de 2013
 Fonte: Boi-bumbá Caprichoso

Criados em 1913 ou não, Garantido e Caprichoso tem levado alegria e movimentado a ilha de Parintins. Durante metade do ano, o município gira em torno da preparação e realização do Festival Folclórico de Parintins, o carro chefe do turismo e cultura no Estado do Amazonas.

A brincadeira de boi em Parintins existe desde o início do século XX, mas o Festival Folclórico é realizado desde os meados da década de 1960. Garantido e Caprichoso realizavam suas apresentações pelas ruas de Parintins e geralmente se encontravam. Devido à grande rivalidade que foi se criando entre os dois, quando havia o encontro dos mesmos, os seus integrantes se enfrentavam, gerando brigas, gente machucada e presa.

Desde este tempo, Parintins transformou-se em uma cidade dividida em duas cores e “nações”, a nação vermelha do Garantido e a nação azul do Caprichoso. Com vistas a amenizar os conflitos existentes, no ano de 1965 foi criado o Festival Folclórico de Parintins, por meio da Juventude Alegre Católica (JAC), tendo como início oficial o dia 12 de junho de 1966 e a quadra da catedral da cidade como local de apresentações. (BRAGA, 2002).

A apresentação dois bois era realizada em um tablado e, agora possuía a presença de um grupo de jurados que avaliavam cinco itens. Desta maneira, a competição oficialmente estava implementada e a partir daí a simples brincadeira começa a esboçar uma evolução

para algo mais complexo. Como toda competição, o vencedor levaria um troféu e o direito de tirar sarro do adversário durante um ano inteiro até que o próximo Festival chegasse.

O alvo de conter os conflitos entre as torcidas havia sido alcançado, pois durante a apresentação de um boi, a torcida do outro não poderia permanecer próxima ao local. Hoje, as torcidas são muito bem divididas e o regulamento prevê perda de pontos para a torcida que se manifestar durante a apresentação do adversário (SILVA, 2007).

A brincadeira de boi em Parintins e o seu Festival Folclórico são fruto direto da brincadeira iniciada no Nordeste, especialmente do bumba-meu-boi do Maranhão. Contudo, a cultura popular não é estática, ou seja, as alterações que ocorrem na mesma indicam que ela permanece viva. Como indica Darcy Ribeiro (1968), as novas culturas populares nascem do entrelaçamento entre o novo e o arcaico, de acordo com o contexto histórico, político, social e econômico. Desta forma, o óbvio aconteceu com o boi-bumbá na Amazônia e especificamente em Parintins, ele se transformou incorporando, ou dando ênfase em elementos do cotidiano amazônico.

Alguns elementos do auto do boi foram esquecidos ou substituídos, outros foram exaltados e são parte essencial do Festival em Parintins como é o caso da figura do índio. Azevedo (2000) explica que a uma das principais mudanças no boi-bumbá de Parintins em relação ao bumba-meu-boi do Maranhão é o fato da diminuição da figura do negro em prol da figura indígena e do caboclo. Isto se deve em grande parte à história da Amazônia, pois poucos foram os negros que fizeram parte da miscigenação da região; em contrapartida, os índios eram maioria e o preço para que se trouxesse um escravo negro para a Amazônia era muito alto. Sendo assim, o índio sempre teve maior destaque do que o negro, motivo plausível para que a troca na brincadeira fosse feita.

Outros elementos tradicionais sofreram adaptação ao contexto regional amazônico e até mesmo partes da história foram adaptadas, tais como:

O boi, motivo central da brincadeira é ressuscitado pelo Pajé, que substituiu o médico ou o feiticeiro do auto tradicional. Pai Francisco e Mãe Catirina reduziram sua importância dramática, atribuídas ao folguedo no Nordeste. Funcionam mais como figuras cômicas. O Pajé e a Cunhã-Poranga - representantes da cultura indígena- são figuras de destaque. O Amo do Boi, a Rainha do Folclore, e a Sinhazinha da Fazenda, representam o homem europeu. Pai Francisco e Mãe Catirina, representam o negro. (AZEVEDO, 2000, p. 21)

O Festival Folclórico de Parintins altera a rotina do pacato município do Amazonas. Enquanto que fora do período do Festival, Parintins é um lugar calmo, que recebe alguns turistas; dentro do período do Festival a cidade se transforma e é comum dizer que ela gira em torno do evento. Silva (2007) identifica quatro momentos que ele caracteriza como o “ciclo

do boi-bumbá” em Parintins. Este ciclo envolve no mínimo cinco meses, pois devido ao crescimento do Festival, é preciso ter um bom tempo para planejá-lo.

O período inicial de preparação estende-se até os dias próximos da realização do evento. Após o carnaval a cidade começa a entrar no ritmo dos bois e os organizadores vão à busca dos recursos para o espetáculo, há a contratação de artistas (cantores, compositores, dançarinos, artistas plásticos etc.), as agremiações realizam festas para arrecadar fundos, há os ensaios das coreografias e músicas, com a finalidade de deixar o máximo de coisas prontas para que nos momentos finais para a realização do evento, haja a preocupação somente com acabamentos.

Passado o momento de preparação, entra-se no mês de junho e o Festival está às portas, o comércio está a todo vapor e os turistas começam a chegar à Parintins, ocasionando a lotação de todos os meios de hospedagem disponíveis, gerando oportunidades de lucro para alguns moradores que alugam suas casas nesta época. A cidade é organizada para a recepção dos turistas, muitos são manauaras, mas é possível ver pessoas de vários locais do Brasil e turistas internacionais. Há os últimos ensaios dos bois e as festas que recepcionam quem vem de fora. Este momento é considerado como o início do Festival, em si.

Antes não havia uma data certa para ocorrerem as apresentações na arena, mas agora os últimos três dias do mês de junho são separados para o espetáculo de Caprichoso e Garantido. É este o momento derradeiro, o momento que culminará no sucesso ou fracasso dos bois, pois somente um sairá vencedor da disputa, há a presença de jurados de vários cantos do país, formados em áreas como história e antropologia, e também artistas de outras regiões. Tudo isto ocorre dentro do chamado bumbódromo, que é o templo sagrado para as fanáticas torcidas.

Por fim, terminado o espetáculo, o ciclo do boi é completo e inicia-se um processo de involução. Há a apuração dos votos e o ganhador é apontado, segue-se a festa de comemoração do boi vencedor, a participação dos bois na festa da padroeira de Parintins (Nossa Senhora do Carmo), findam-se as cerimônias que marcam a saída de cena dos bois e a cidade volta à anterior calma, não se fala mais muito em boi, mas permanece à espera por mais um Festival no ano seguinte.

Desde o começo do século XX, o boi-bumbá de Parintins vem se modificando, elementos são deixados de lado, outros são postos em evidência, o folguedo foi sendo posto em evidência, cresceu e a simples brincadeira de rua ganhou uma arena própria para si, deixando a simplicidade que lhe era própria. Atualmente, o Festival Folclórico de Parintins é um dos eventos mais conhecidos do calendário cultural brasileiro, sendo mostrado pela televisão e divulgado pelo órgão estadual de turismo do Amazonas, nas mais diversas feiras de turismo pelo mundo.

2.3.3 A Brincadeira de Rua Ganha Arena, Mídia e Cresce.

A princípio, o local de apresentação dos bois era improvisado. Devido ao fato de a organização do, até então, pequeno evento estar a encargo da Juventude Alegre Católica (JAC), os espetáculos ocorriam na quadra da catedral do município. A JAC ficou responsável pelo Festival até o ano de 1982, momento em que o poder público municipal começa a atuar mais incisivamente e não como um mero parceiro.

A prefeitura de Parintins toma para si a responsabilidade de organizar o Festival e, um pouco depois, o poder público estadual e o federal assumem a organização. Neste período, uma maior infraestrutura é dada ao evento e, também à cidade, que passa a receber mais visitantes. Assim, o problema referente ao local de apresentação dos bois-bumbá é solucionado com a criação do Centro Cultural e Desportivo Amazonino Mendes, em 1988. Apesar de o local levar o nome do governador da época, a população escolheu outro nome para o palco do evento: bumbódromo.

A criação do bumbódromo, simbolicamente, representa o encurralamento do boi dentro de uma arena, a intensificação da mercantilização da cultura popular e a perda do controle dos bois por parte da população. Daí em diante, o comando de Garantido e Caprichoso passa das mãos das famílias “donas dos bois” para um grupo de associados (Associação Folclórica Boi-Bumbá Garantido e Associação Folclórica Boi-Bumbá Caprichoso) que elege seu presidente a cada quatro anos, os bois se tornam personalidades jurídicas (NOGUEIRA, 2008).



Fotografia 3 – Bumbódromo

Autor: Frank Cunha

Data: Julho de 2012

Fonte: Portal G1 (disponível em <<http://www.g1.globo.com/am/amazonas/fotos/2012/07/veja-fotos-de-parintins-durante-o-47-festival-folclorico-no-am.html>> acesso em: 15/04/2014).



Fotografia 4 – Bumbódromo em noite de apresentação.

Autor: Alex Pazuello

Data: julho de 2012

Fonte: Portal G1 (disponível em <<http://www.g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2012/07/bumbodromo-de-parintins-entrara-em-reforma-e-tera-capacidade-ampliada.html>> acesso em: 15.04.2014)

A mídia descobriu o Festival de Parintins na década de 1980, a princípio nos jornais locais e regionais e, um pouco depois, a mídia nacional tomou nota da existência do evento. “Os repórteres da Rede Globo haviam descoberto, no meio da floresta amazônica, uma festa popular tão rica quanto o carnaval carioca, mais precisamente o carnaval de desfile público” (NOGUEIRA, 2008, p. 113).

Apesar do interesse da Rede Globo, a pioneira na transmissão do evento foi a Rede Calderado de Comunicação (RCC), que era filiada ao Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), que transmitia o Festival somente para a cidade de Parintins. Após este início, as transmissões poderiam ser acompanhadas no mundo todo, por meio dos satélites do Amazonsat e a Rede Amazônica de Televisão passou a dedicar-se a divulgar e cobrir o Festival.

Após o período em que a Rede Globo deteve os direitos de transmissão, a Rede Bandeirantes de Televisão passou a transmitir o Festival. No último Festival Folclórico houve divisão sobre qual rede de televisão transmitiria o evento; a decisão não foi tomada em conjunto, mas as agremiações de Garantido e Caprichoso negociaram separadamente os direitos de imagem. Devido ao impasse, a apresentação do boi-bumbá Garantido foi transmitida pela Rede Calderado de Comunicação (RCC) filiada do SBT, enquanto que a apresentação do Carprichoso foi feita pelo Amazonsat.

Neste contexto em que a mídia passou a compreender o Festival como manifestação folclórica de relevância para ser mostrado em locais fora do Amazonas,

A presença da televisão na cobertura da festa dos bumbás de Parintins mobilizou, nos últimos 15 anos, repórteres do País e do exterior. No ano de 2001, a Agência de Comunicação do Governo do Estado (Agecom), responsável pelo credenciamento dos jornalistas, atestou que mais de cem veículos credenciaram profissionais para cobrir o evento. Mídias do Brasil, dos Estados Unidos, Alemanha, França e Japão, representando vários segmentos, interessaram-se pelo festival – ou consideraram a apresentação dos dois bois-bumbás como acontecimento relevante para seus públicos. Os bumbás, graça ao poder de sedução da televisão, também atraíram gente do mundo *fashion* que exerce influência sobre as camadas populares ditando tendências de consumo: artistas de TV, empresários, executivos e profissionais liberais bem-sucedidos. Artistas do porte do carnavalesco, João Clemente Jorge Trinta, Joãozinho Trinta, o mago do carnaval carioca, e do *designer* Hans Donner, o artífice dos efeitos especiais da Rede Globo, tornaram-se personagens de *marketing* testemunhal, porque não escondem o fascínio pela criatividade dos artistas que residem no meio da floresta amazônica (NOGUEIRA, 2008, p. 115-116).

O crescimento do Festival deve-se a vários fatores, mas destacam-se três. Dois já foram tratados, dos quais o primeiro é a intervenção do governo do Estado na parte de organização e investimento em infraestrutura (o maior exemplo disso é o “bumbódromo”). O outro foi a

mídia televisiva que acreditou no potencial comercial do Festival e passou a transmitir o evento para os mais diversos públicos.

O papel da mídia é de extrema importância para o crescimento do evento, pois o mesmo passou de uma simples brincadeira, totalmente desconhecida do resto do país para um megaevento televisionado que atrai investidores/patrocinadores e, talvez a maior consequência da divulgação, os turistas. Dentro do ciclo de vida dos destinos turísticos, Parintins encontrava-se na fase inicial, onde algumas pessoas de Manaus tomavam conhecimento sobre o evento e iam até o município para conhecer e participar da festa.

Após este período inicial, com a entrada da mídia, muitas outras pessoas puderam ter acesso à informação de que no seio da floresta amazônica havia uma manifestação folclórica de rara beleza e valor artístico-cultural; conformando, assim, um novo destino turístico, em princípio, com finalidade cultural. A partir do momento em que Parintins fica em evidência, a cidade sofre um grande *boom* turístico, que impulsiona mais investimentos em infraestrutura para melhor acomodação dos visitantes, o maior investimento dos patrocinadores (grande parte da Coca Cola) e maior investimento do governo estadual.

O terceiro fator de destaque em relação ao crescimento da festa é o trabalho dos artistas parintinenses. Ao longo dos anos, a parte artística foi a que mais evoluiu no Festival seja em relação aos artistas plásticos, aos cantores, compositores ou dançarinos. Como veremos mais tarde, a festa modernizou-se artisticamente, profissionalizou-se e incorporou elementos que agradam a diversos públicos.

O Festival traz novidades para a arena ano após ano e uma das cruciais mudanças, que indicaram uma evolução da brincadeira de rua para grande espetáculo turístico, foi a inserção de grandes alegorias. Esta mudança começou ainda nos 70, com Jair Mendes, que é o maior mestre artístico de Parintins. Jair Mendes, parintinense, morou alguns anos no Rio de Janeiro e lá foi bastante influenciado pelo carnaval carioca e suas alegorias. Voltando para Parintins, Jair percebeu que não havia carnaval no município, mas havia o boi.

Assim, Jair Mendes aos poucos começou a introduzir elementos carnavalescos no boi-bumbá de Parintins, “a questão significativa para que as mudanças introduzidas [...] fossem absorvidas foi o sentido da novidade e a aprovação do público” (SILVA, 2007, p. 88). Os novos itens começaram a serem construídos de forma tímida, as primeiras alegorias eram pequenas, mas já causavam impacto e surpresa na população, que acabou por gostar da novidade.

A técnica artística na construção de alegorias para o boi se aperfeiçoou de tal maneira, que os artistas de Parintins, dentre os quais se encontra o mestre Jair Mendes, frequentemente viajam para o Rio de Janeiro para emprestar seu talento às escolas de samba cariocas. O destino é imprevisível, pois, outrora o carnaval carioca influenciou a transformação no jeito de se festejar o boi em Parintins. Hoje, o boi-bumbá de Parintins influencia o carnaval carioca, fato que poucas pessoas sabem. Parintins é um celeiro de artistas e são estes que

produzem, de fato, o festival. Muitos artistas de Parintins se orgulham pelo fato de nunca terem passado por escolas de artes, pois usualmente o saber artístico é passado de pai pra filho, pela observação e experiência. Atualmente, há escolas de artes para as crianças em Parintins, fator que impulsiona mais ainda a veia artística da cidade, pois estas crianças, futuramente, levarão a frente o boi-bumbá.

Devido às poucas oportunidades de emprego, ser artista é algo além do fator emocional, envolve a questão econômica. Isto motiva os artistas a trabalharem para o crescimento e notoriedade do espetáculo, pois eles sabem que o seu trabalho estará posto em evidência perante o mundo todo.

Desta forma, é clara a ligação entre o crescimento do Festival e o desempenho de seus artistas, surgindo uma pergunta importante feita por Nogueira (2008, p. 119): “se o modelo de boi-bumbá parintinense é capaz de influenciar aquela festa popular que o influenciou, qual impacto não terá causado sobre as que lhe estão mais próximas?”. Tal questionamento demonstra a posição de referência que o Festival alcançou dentro e fora do Amazonas, levando-nos a considerar não somente o seu crescimento enquanto manifestação artística-cultural, mas seus impactos socioambientais.

Portanto, basicamente são estes os fatores que auxiliaram no crescimento do Festival Folclórico de Parintins: a intervenção do governo do estado na organização do evento, a cobertura da mídia e o talento/trabalho dos artistas. A figura 1 resume esta relação:

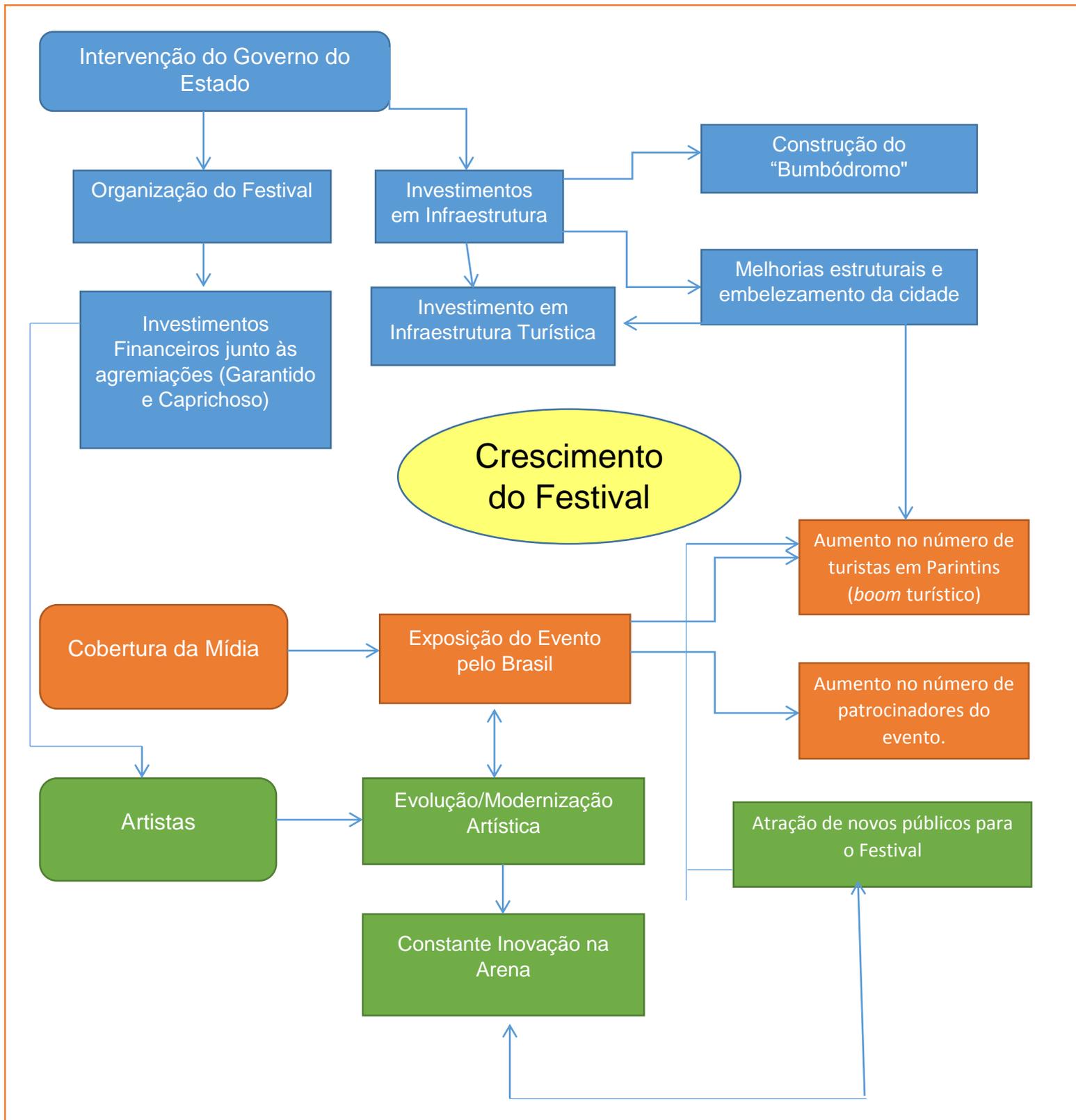


Figura 1 – Fatores de Crescimento do Festival Folclórico de Parintins.
Fonte própria.

O que foi feito acima é apenas um esforço inicial para entender como o Festival cresceu. É claro que há muitas outras coisas envolvidas, mas é fácil compreender que algumas coisas se inter-relacionam como o *boom* turístico e o investimento em infraestrutura turística por parte do Estado, ou a exposição de Parintins na mídia e a busca por evolução/modernização artística. Como visto anteriormente, o festival cresceu e hoje influencia outras festas, sendo interessante analisar o conteúdo de um dos itens cruciais para o evento, as canções ou “toadas”.

2.3.4. O conteúdo das canções ou toadas.

O Festival Folclórico de Parintins, apesar de hoje ser um evento mundialmente conhecido, tem caráter de manifestação cultural regional. Por estar localizada em uma das regiões que mais exerce fascínio no imaginário coletivo, Parintins e o seu Festival exploram todo o arcabouço de lendas amazônicas, cotidiano caboclo e indígena, a fauna e a flora, levantando questões importantes como a conservação da natureza e o respeito aos povos da floresta amazônica. Todos estes elementos são demonstrados nas letras das canções, ou toadas como são conhecidas tradicionalmente.

O auto do boi foi deixado de lado. Hoje, o Festival, através de suas toadas, busca afirmar a sua identidade amazônica exaltando os principais personagens na construção histórico social da Amazônia. “O boi de Parintins valorizou a cultura cabocla e indígena, que antes era motivo de vergonha e discriminação pelas ideologias da história oficial.” (VIEIRA FILHO, 2002, p. 31). As toadas são uma síntese das aspirações do povo parintinense, de seu amor pelos rivais Garantido e Caprichoso, mas também um canto à sua própria história, misturando índios e bois.

A seguir serão abordados alguns aspectos que os compositores abordam nas toadas:

A exaltação dos bois-bumbá (Garantido e Caprichoso)

A rivalidade entre Garantido e Caprichoso é o grande mote, a razão de ser do Festival Folclórico de Parintins desde o seu início. Exaltar o seu boi e tirar versos satirizando o rival é comum nas letras dos compositores. A seguir serão dados alguns exemplos de toadas de exaltação do Garantido e toadas de exaltação ao Caprichoso.

Na toada “Boi Mais Querido”, o compositor aponta o boi Garantido como o boi mais amado em Parintins:

Ê, vem brincar no meu boi-bumbá
Ê, essa dança não pode parar

Ê, vem pro boi mais querido
 Querem saber o seu nome? Eu digo:
 É meu boi Garantido.

(Boi Mais Querido, de Bené Siqueira, Garantido, 1995).

“Vermelho”, de autoria do compositor Chico da Silva, talvez seja a toada mais conhecida pelo Brasil por conta da interpretação da cantora Fafá de Belém. A canção expressa o sentimento que os torcedores do Garantido nutrem por seu boi.

A cor do meu batuque
 Tem o toque e tem
 O som da minha voz
 Vermelho, vermelhaço
 Vermelhusco, vermelhante
 Vermelhão
 O velho comunista se aliançou
 Ao rubro do rubor do meu amor
 O brilho do meu canto tem o tom
 E a expressão da minha cor
 "Vermelho"
 Meu coração é vermelho
 De vermelho vive o coração
 (Vermelho, de Chico da Silva, Garantido, 1996).

Enquanto um tem o coração como símbolo, o Caprichoso tem a estrela como seu signo e as toadas não nos deixam esquecermo-nos disto, eis um exemplo:

Azulou! A mais bela estrela que brilhou
 Ilumina em Parintins o Caprichoso
 Uma nação a brincar boi
 Vem meu boi!
 Caprichoso é lição de amor
 O mais belo touro negro
 A riqueza da fazenda que se dá valor
 Faz sentir um orgulho infinito em ser torcedor
 O céu, o mar, a terra azul
 Misturam a luz, o som e o povo
 Na mais linda cor
 (A Terra é Azul, de Paulinho Du Sagrado, Caprichoso, 2000).

O sentimento dos torcedores do Caprichoso também é exaltado por seus compositores, a exemplo da clássica toada “Ninguém Gosta Mais desse Boi do Que Eu”:

Minha vida soa com a marujada
 Sou o suor que balança esse povo
 No mês de junho tocando tambor
 Batendo palminhas renasce de novo
 Ninguém gosta mais desse boi do que eu
 Das minhas cores meu canto é franco
 O azul do céu e o branco é o encanto
 E o meu boi Caprichoso bailando de novo
 Renasce com ele encantando meu povo
 Ninguém gosta mais desse boi do que eu

(Ninguém Gosta Mais Desse Boi do Que Eu, de Carlos Paulain, Caprichoso, 1992).

A cidade de Parintins como tema

A origem e o nome de Parintins remontam ao período colonial, quando em 1796 a cidade foi fundada e transformada em objeto de disputas entre administradores militares (enviados pela coroa portuguesa) e missionários que desbravaram a Amazônia em missões de catequização. O nome da cidade foi atribuído por colonizadores, tendo como inspiração os índios Parintintin que viviam na região.

A cidade que é uma síntese de portugueses e etnias indígenas, ao longo de sua história, teve várias contribuições de outros povos, como a corrente migratória de nordestinos, japoneses, judeus, italianos e outros. Na economia, Parintins experimentou alguns surtos de desenvolvimento como é o caso do cacau e da juta (VIEIRA FILHO, 2002). Todos estes elementos e vários outros servem de inspiração para as canções. Vamos aos exemplos:

Ah, eu amo este lugar
Cheio de mistério, onde um povo alegre
De vermelho e branco vive a sonhar
Parintins minha terra, cidade querida
Bonita, cheirosa, tão cheirosa de vida
Folclore que mexe com a minha emoção.
(Parintina, de Emerson Maia, Garantido, 2000).

Parintins é identificada de várias formas pelos compositores, na toada “Parintins Caprichoso”, a cidade é identificada como a “ilha encantada”:

Eu sou o condor
Quero ver os rios balançando
Pescadores dos lagos cantando
És minha ilha encantada a brilhar
[...]
Sou Parintins Caprichoso
Eu sou, eu sou, sou Parintins, céu azul.
(Parintins Caprichoso, de Raimundinho Dutra, Caprichoso, 2003).

A Ilha encantada ou Ilha Tupinambarana, atravessou os limites do Amazonas e isto é motivo de orgulho para o povo parintinense, isto está demonstrado na toada “Parintins Para o Mundo Ver”:

Nosso boi, nossa dança xipuará
Caiu no mundo está mostrando a nossa cara
Atravessou pro outro lado do oceano
Ficou famoso meu valente boi de pano
Que era só na velha Tupinambarana

[...]
 Sou Garantido sou vermelho ê
 De Parintins pra todo mundo ver
 Vem me ver, vem me ver.
 (Parintins Para o Mundo Ver, de Jorge Aragão e Ana Paula Perrone, Garantido, 1997).

Os artistas, a beleza das mulheres parintinenses e o cidadão comum, também são temas das canções:

A arte é um dom parintinense
 Orgulho da cultura amazonense
 Que nasce da esperança desse povo
 De amor Caprichoso
 [...]
 Eu sou artista, eu sou parintinense
 Sou caboclo, sou amazonense
 Eu sou Caprichoso, eu sou Caprichoso,
 Eu sou Caprichoso.
 (Artesão Parintinense, de Geandro Pantoja e Nonato Caldeira, Caprichoso, 2009).

Das águas do rio vem minha morena
 Sua beleza vem me encantar
 Da cor do fruto do açaí, morena
 [...]
 A tua dança me apaixona me fascina
 A tua pele tem o brilho do luar
 Sonhar contigo é minha vida é minha sina
 Minha guerreira eu quero te ama
 (Morenha Cunhã, de Hugo Levy, Silvio Camaleão e Neil Armstrong, Caprichoso, 2008).

Cotidiano do caboclo e cultura indígena

Este tema é um dos mais explorados no universo do boi bumbá de Parintins e demonstra como a figura do caboclo e do índio sobrepuseram o negro do tradicional auto do boi. A ascensão destes dois elementos indica, claramente, que o boi-bumbá de Parintins é totalmente autônomo em relação ao seu “ancestral”, o bumba meu boi do Maranhão.

As toadas que tratam sobre o caboclo giram em torno de seus afazeres cotidianos, de sua relação com a natureza e como esta lhe garante o sustento da família, das dificuldades inerentes a viver na Amazônia, mas também das alegrias que a vida simples lhe traz. Em se tratando do índio, as composições abordam os “rituais [...], religiosidade (principalmente sobre xamanismo, ação de feiticeiro e divindades), abordagem de grupos específicos” (SILVA, 2007, p. 80).

A bela toada “Juteiro da Amazônia” é bom exemplo sobre o modo de vida do caboclo ribeirinho e a sua relação com a natureza:

Eu sou caboclo ribeirinho
 Eu sou juteiro,
 Agricultor das barrancas desse rio.
 Cada gota de suor nessa várzea derramada
 Vem da fibra, planto fibra pra família sustentar.
 Tenho fé, nossa senhora, que a safra vai ser boa.
 Regatão trouxe a notícia que a enchente vai chegar.
 Sou juteiro da Amazônia,
 Amazônia é meu lar
 Meu compadre, planto juta pra família sustentar.
 [...]

Sou agricultor diferente, só planto quando o rio seca
 E vivo da pesca quando o rio enche
 Rema Maria, ta forte o banzeiro
 Que ta garantido o nosso lugar
 De Catirina, de índio ou vaqueiro
 Que o saldo da juta no boi vou gastar.
 (Juteiro da Amazônia, de Tony Medeiros e Paulo Medeiros, Garantido, 2013).

Nos chamados “beiradões” da Amazônia, a medicina tradicional, nem sempre, é a opção disponível; neste contexto, o saber local se faz presente e necessário. Na toada “Cabocla”, as tradicionais parteiras e benzedeadas são retratadas de forma poética:

O céu estrelado ilumina a vida no remanso
 Azul da imensidão
 Erveira cabocla, teu dom é sagrado
 Santa aclamada pelos beiradões
 Nas tuas mãos o quebranto perde o encanto
 Milagrosa mulher, milagrosa parteira
 Milagrosa erveira da Amazônia.
 (Cabocla, de Alder Oliveira e Marcos Lima, Caprichoso, 2012).

Na toada “O Regatão”, um dos personagens mais importantes da Amazônia é lembrado. O regatão é um pequeno comerciante que adentra os rios, levando mercadorias para vender, comprar ou trocar nas comunidades amazônicas. Na toada a seguir, pode-se perceber a importância que estes atores têm para os caboclos:

É dia de troca no beiradão.
 Vem lá da cidade mais um regatão
 Trazendo produtos pras comunidades
 Mas amigos, amigos o negócio é a parte.
 Quero farinha, quero tucupi
 Pé-de-moleque e o piracuí
 Quero levar tucumã e cará
 A tapioca pro tacacá
 Olha seu moço venho lhe oferecer
 De tudo um pouco basta só escolher
 Tem pro roçado terçado
 Sal grosso pro gado
 Pra pesca tem o arpão
 Tem querosene pro candeeiro
 Tem corda pro laço vaqueiro
 Tenho jabá pro gostoso feijão

Sabão e remédio, também tem café
 Venho pra negociar com quem quiser
 Vai o regatão nobre aventureiro dessa região
 Leva no rosto um sorriso por ter Garantido a negociação
 Vai o regatão nobre aventureiro dessa região
 A cada viagem cumprida em louvor agradece
 A São Pedro santo protetor
 Padroeiro da navegação
 Vai regatão.
 (O Regatão, Marlon Brandão e Rozinaldo Carneiro, Garantido, 2006).

Quanto ao índio, as toadas não deixam por menos, são inúmeras as canções que citam o índio direta e indiretamente, de forma que o tema é central no Festival Folclórico. Há até itens para avaliação e sobre os quais os jurados devem atribuir nota, que são relacionados ao elemento indígena, como o “ritual indígena”. A toada “Ritual dos Parintintin”, em 2013, foi muito importante durante a apresentação do boi Garantido, eis a letra da canção:

Parintintin tem a pele vermelha
 Parintintin tem a alma guerreira
 Quando o sol abraçou a lua cheia
 Flechas inimigas envenenaram os parintintins
 O tempo adormeceu
 A cerração pairou na aldeia
 Surgiu levitando de um casulo o curandeiro Ipají
 Êxtase onírico, viagem à maloca tridimensional
 Eu vi mulheres peixes, vi homens-serpentes, pássaros híbridos no além
 Senti o meu espírito sair do corpo em chamas, vi árvores caídas levantarem
 Onças com ferrão de escorpião
 E bichos em transmutação
 O fogo! O fogo primitivo de Baíra vem iluminar
 O sopro do espírito sagrado vem curar
 O retorno ao corpo que balança maracás
 A dança dos tempos de guerra dos ancestrais
 Erguei a cabeça dos espíritos!
 Ritual dos Parintin! Ritual dos Parintin!
 (Ritual dos Parintintin, de Geandro Pantoja e Demetrius Haidos, Garantido, 2013).

Enquanto alguns rituais convocam os índios à guerra, outros são pacíficos, como é o caso do ritual de nomeação das crianças do povo Maraguá, que habita a região do Rio Abacaxis, entre os municípios de Nova Olinda do Norte e Borba, no Amazonas. O ritual Maraguá é descrito na toada “Ritual Urutopiãg Maraguá”:

Maraguánáwas do rio Guarinamã
 Clãs da onça, do gavião, do poraquê,
 Da vespa, da cobra e do boto
 É chegada a hora da consagração
 Angawaçús se revelam na fumaça do tawary
 Confinados no encontro Maraguapajy
 Curumins e cunhatãs no rito de nomeação
 Quando os olhos se fecham, Guakap silencia.
 [...]

Clavas sagradas ornamentam o terreiro
 É noite de festa, abrasam fogueiras
 Alaridos e danças reverenciam Mõdagará
 Malyçakaka abençoa os filhos de Monãg.
 (Ritual Urotopiãg Maraguá, de Gerlean Brasil, Caprichoso, 2014).

O universo indígena é vastíssimo, mas dois elementos se destacam, a saber os ritos de passagem e a relação que os índios têm com a natureza e os seres que a habitam. A seguir serão expostos trechos de duas toadas, a primeira refere-se ao rito de passagem pelo qual passam os guerreiros Munduruku; na segunda, a invocação da lenda Amazônica, Mapinguari:

À iniciação do guerreiro Marupiara
 Se unem ao rito os Munduruku,
 Os Mura, os Parintintin, Os Sateré-Mawé.
 Na viagem aos caminhos da morte
 A força e a coragem pra se libertar
 Para o jovem guerreiro,
 Só a sorte não basta pra se consagrar.
 Ó pajé me dê força pra coragem não me faltar,
 Me liberta do medo, me revela os segredos pra consagração
 [...]
 No remanso das piranhas, na maloca dos espíritos
 A coragem não faltará.
 Na toca das tucandeiras, no nicho do jaguar
 A coragem não faltará
 No temido serpentário, na cachoeira do inferno
 Na praia do jacaré, a coragem não faltará!
 Marupiara! Honras e glórias ao novo guerreiro!
 (Marupiara-Iniciação Munduruku, de Enéas Dias e Aldson Leão, Garantido, 2013).

Tambores ecoam
 Avança a gigante criatura
 Suas pegadas estrondam
 A voz de trovão ressoa no vale da escuridão
 A fera vem marchando
 Castigando aqueles que ousam caçar
 Vem conduzindo os bichos, sua legião
 Para os filhos da selva és o guardião
 A mãe da mata guiará sob a névoa do luar
 Mapinguari, Mapinguari
 Enviado por Jurupari
 (O Gigante Mapinguari, de Demétrios Haidos e Naferson Cruz, Garantido, 2013).

Os temas ambientais

O Festival vem se caracterizando, ao longo dos anos, por apresentar temas ambientais. Ao menos, dentro da arena, as agremiações não deixam de abordar as problemáticas socioambientais em que a Amazônia está inserida, exaltando a fauna, a flora e clamando por preservação da floresta em pé. Nas letras das toadas, o desenvolvimento

sustentável encontra terreno fértil para propagação de sua mensagem, mesmo que de forma introdutória, através das canções.

A floresta amazônica é a musa de muitas canções, em Parintins; ela é própria personificação do que seja a “mãe” natureza. A floresta é vista como um lugar inóspito, perigoso e de difícil acesso, mas apesar disso tudo ela é dominada pelas populações que nela vivem e dela tiram o sustento diário. “No plano paisagístico, as imagens mais elaboradas são aquelas que denotam a mata densa – com suas grandes árvores, cipós e raízes – e os rios.” (SILVA, 2007, p. 154). Portanto, devido à estreita relação que os habitantes da floresta possuem com ela, a mesma deve ser respeitada e preservada, e quando assim não acontece, a tristeza toma conta de todos, como está expresso na toada “Lamento de raça”:

O índio chorou, o branco chorou
 Todo mundo está chorando
 A Amazônia está queimando
 Ai, ai, que dor
 Ai, ai, que horror
 O meu pé de sapopema
 Minha infância virou lenha
 Ai, ai, que dor
 Ai, ai, que horror.
 Lá se vai a saracura correndo dessa quentura
 E não vai mais voltar
 Lá se vai onça pintada fugindo dessa queimada
 E não vai mais voltar
 Lá se vai a macacada junto com a passarada
 Para nunca mais, voltar
 Para nunca mais, nunca mais voltar
 Virou deserto o meu torrão
 Meu rio secou, pra onde vou?
 Eu vou convidar a minha tribo
 Pra brincar no Garantido
 Para o mundo declarar
 Nada de queimada ou derrubada
 A vida agora é respeitada todo mundo vai cantar
 Vamos brincar de boi, tá Garantido
 Matar a mata, não é permitido.
 (Lamento de Raça, de Emerson Maia, Garantido, 1996).

Com todo o apelo do emocionado compositor, unido ao apelo do desenvolvimento sustentável, ao menos em tese “a vida agora é respeitada” e “matar a mata, não é permitido”. São clamores fortes de quem vive em uma das regiões mais disputadas internacionalmente, onde há vários interesses políticos e financeiros em jogo. O Festival Folclórico de Parintins despontou como uma brincadeira de rua, tal brincadeira ganhou uma arena, entrou nos lares de milhares de telespectadores no mundo todo e leva a mensagem do caboclo e do índio, do povo da Amazônia para os mais diversos lugares, através de suas toadas.

O fato de o Festival ter deixado seu caráter de brincadeira do povo e ter se tornado brincadeira de todos, brincadeira que gera lucro para muitos, não impede que a mensagem

de cuidado com a natureza e respeito pelos povos tradicionais seja esquecida; pelo contrário, é “marketing verde” para os patrocinadores, mas será que o discurso funciona ou é somente retórica? O Tempo e as pesquisas vão mostrar

CAPÍTULO 3 – METODOLOGIA

A resposta da pergunta central da dissertação – qual a percepção dos atores locais de Parintins sobre os impactos socioambientais do Festival Folclórico de Parintins – foi construída a partir de um conjunto de procedimentos metodológicos aqui descritos)

A pesquisa foi de cunho descritivo, tendo caráter qualitativo. Foram aplicadas entrevistas semiestruturadas. Neste tipo de entrevista, o investigador tem uma lista de questões ou tópicos para serem preenchidos ou respondidos, como se fosse um guia. Contudo há grande flexibilidade na condução das questões. Elas não necessitam seguir a ordem prevista no guia. Podem ser formuladas novas questões no decorrer da entrevista (MATTOS e LINCOLN, 2005).

As principais vantagens das entrevistas semiestruturadas são as seguintes: possibilidade de acesso à informação além do que se listou, ao esclarecer aspectos da entrevista, ela gera pontos de vista, orientações e hipóteses para o aprofundamento da investigação (CRESWELL, 2010).

Foram aplicadas 46 entrevistas, tendo como foco a área urbana do município de Parintins. Tais entrevistas foram realizadas em três momentos, a saber: antes, durante e após o Festival Folclórico de Parintins com vistas a verificar se as percepções seriam alteradas com a chegada ou passagem do evento. Durante estes três períodos, os entrevistados não foram os mesmos, mas pertenciam e desempenhavam papéis sociais parecidos, devido a isto buscou-se entrevistar mais de um ator social por profissão ou extrato social.

Os atores sociais chave em Parintins foram o público alvo das entrevistas, com vistas a identificar e descrever sua percepção sobre os impactos socioambientais gerados na ocasião do Festival Folclórico de Parintins. A fala dos entrevistados sustentou a elaboração dos capítulos 2, 3, 4 e 5 da segunda parte deste trabalho, onde recortes das entrevistas foram feitos para dar suporte aos resultados encontrados. Os atores sociais são aqueles que podem auxiliar a execução de projetos ou bloquear o caminho, conhecê-los e lidar com os diferentes níveis de interesse é vital em projetos de sustentabilidade (SDC, 2012). Há várias definições para ator social ou *stakeholder*, uma das mais comuns e que é utilizada com frequência em projetos de desenvolvimento define que atores sociais ou *stakeholders* são aqueles atores afetados pelo resultado, ou que afetam o resultado de uma intervenção de desenvolvimento proposta (WORLD BANK, 1996).

As discussões sobre soluções mais sustentáveis, tanto em âmbito local como global, envolvem uma gama de fatores e questões que requerem a participação de uma larga variedade de atores sociais, pois o processo de transformação de uma sociedade não sustentável para uma sociedade sustentável necessita ser participativo, e exige o envolvimento de um grande número de atores. É preciso, portanto, identificar quais são

aqueles que afetam ou são afetados pelas decisões, projetos, políticas e afins (MATHUR *et al.*, 2007).

Os atores sociais chave são aqueles que tem forte poder de decisão e/ou influência sobre determinados grupos, e detêm poder de veto. É importante notar que alguns atores sociais transitam por mais de um grupo, pois tanto podem afetar como ser afetados pelos processos decisórios (MATHUR *et al.*, 2007). É necessário saber bem qual o contexto da ação, para podermos identificar os atores sociais e qual a força que eles exercem sobre as decisões e rumos tomados. No contexto desta pesquisa, trata-se de uma cidade no interior do Amazonas, que metade do ano gira em torno da preparação e realização de um evento folclórico. A partir desta referência a questão era: como identificar os atores sociais em Parintins?

Para responder a essa indagação, antes da aplicação das entrevistas, uma visita de campo foi realizada. Com ela foi possível criar duas redes de contatos. A primeira pode ser caracterizada como formal, pois participavam dela pessoas ligadas ao poder público e órgãos governamentais, às duas agremiações folclóricas (Garantido e Caprichoso), e às universidades e associações. A segunda rede de contato caracteriza-se como informal, pois foi constituída pelos cidadãos comuns e pequenos comerciantes informais.

Com a criação destas redes de contatos, seus membros indicaram pessoas que poderiam colaborar com a pesquisa. Destas, selecionamos aquelas que, de alguma forma representavam algum tipo de influência na cidade, ou por serem moradores antigos, com bastante conhecimento sobre as mudanças histórico-sociais no município, ou participaram do processo de criação e planejamento do Festival de Parintins, ou de alguma forma eram reconhecidas como atores sociais importantes em Parintins.

A partir da identificação desses os primeiros atores sociais, e subsequentes entrevistas com os mesmos, passou-se a inquiri-los a respeito de outros possíveis atores sociais, em uma espécie de técnica de *snowboaling* (bola de neve). Nesta ferramenta as pessoas que estão sendo entrevistadas são convidadas a expor sua opinião sobre quem elas consideram como atores sociais. Esta ferramenta é considerada um meio econômico e eficiente de identificar pessoas importantes, detentoras de informação ou com capacidade de influência, em uma pesquisa (MATHUR *et al.*, 2007).

Argumenta-se que a técnica de *snowboaling* pode causar distorções na identificação de atores sociais, pois pode haver grande diferença entre grupos de pessoas que são bem conhecidas dentro de um círculo social e outro grupo que não é tão conhecido. Isso pode levar a desconsideração de possíveis atores sociais, não os identificando por serem menos visíveis dentro da estrutura social (HAIR *et al.*, 2000).

Para evitar este tipo de problema, recorre-se à uma lista inicial com possíveis atores sociais, categorias e tipos dentro de um contexto social. Uma lista de perguntas também se

faz necessário. Questões como: Quais os possíveis afetados pelo evento? Quais aqueles que podem influenciar negativamente o sucesso do evento? Quem pode influenciar positivamente? E muitas outras perguntas auxiliam no processo. Isto mostra que a técnica de *snowboaling* deve se apoiar em outras ferramentas para seu bom funcionamento (INVOLVE, 2005; MATHUR *et al.*, 2007).

Em Parintins, as relações sociais ainda são bem localizadas. As pessoas que pertencem a determinado grupo social conhecem e reconhecem integrantes de outros grupos com facilidade, a *solidariedade mecânica* (conceito durkhemiano) ainda faz parte do dia a dia parintinense. Esta característica permitiu que a técnica de *snowboaling* lograsse sucesso, pois os atores sociais identificados estão distribuídos entre diversos setores e classes da sociedade parintinense.

O número de entrevistas não foi previamente estipulado, mas com o decorrer do trabalho de campo, utilizou-se o princípio da saturação das respostas. A partir do momento em que os entrevistados, com frequência, começaram a repetir seus discursos, entendeu-se que o número de entrevistas e respostas havia atingido um nível satisfatório, dessa forma chegou-se às 46 entrevistas.

Este processo de avaliação da saturação de respostas ainda no campo só foi possível, pois durante as entrevistas, além da gravação das falas, fazia-se anotação dos principais pontos em um bloco de papel. Após isto, ao fim do dia de trabalho, ouvia-se o conteúdo gravado para comparação entre o que havia sido anotado e o que se ouvia na gravação. A partir daí, notou-se que as respostas começavam a se repetir, fato logo reportado ao orientador que considerou as respostas obtidas, suficiente para que se cessassem as entrevistas.

Após o término das entrevistas, o conteúdo gravado foi integralmente transcrito. A partir deste momento, houve a criação de mapas de consenso e discordância; o material obtido foi lido, as ideias mais relevantes foram sinalizadas e comparadas entre si. Dentro das ideias mais relevantes foram extraídas aquelas mais recorrentes nos discursos, assim como as ideias contraditórias e complementares.

Preliminarmente, um apanhado de ideias recorrentes, ou seja, que surgiam mais de uma vez, foi extraído das entrevistas, e que precisavam ser depuradas e inseridas em categorias, quais sejam:

- O festival construiu uma identidade cultural do povo parintinense e amazonense.
- Valorização da cultura parintinense e amazonense.
- Valorização do artista parintinense.
- O festival alavancou o turismo na cidade.

- O festival não pertence mais ao povo de Parintins.
- Permissividade Sexual (Promoção do corpo).
- Doenças Sexualmente Transmissíveis aumentaram com o crescimento do Festival.
- Discurso Ambiental (nas músicas) dos bois na arena é diferente da prática ambiental.
- Visitantes (turistas) jogam bastante lixo nas ruas.
- A criação do festival foi importante para acabar com as brigas de rua entre as torcidas.
- Os problemas ambientais de Parintins poderiam ser amenizados se houvesse investimento no saneamento básico.
- É necessário investimento em educação ambiental na ilha.
- As agremiações (Caprichoso e Garantido) começaram a tentar cuidar de seus resíduos sólidos.
- Orgulho local.
- Visibilidade da cidade.
- Investimento em Infraestrutura (mudanças estruturais – porto, aeroporto, centro da cidade, algumas ruas, bumbódromo, algumas praças, hospitais, etc.)
- Aumento da circulação e tráfico de drogas.
- Sobrecarga de pessoas na ilha (superlotação de Parintins).
- Aumento na produção de lixo e despejo em vias públicas.
- Emprego para os catadores de lixo.
- Poluição das águas ao redor de Parintins.
- Embarcações ao redor da ilha e a falta de controle ambiental e tratamento de resíduos.
- Festival aquece a economia da cidade.
- Geração de empregos temporários.
- Parintins não tem muitas opções econômicas, então se torna refém do festival (economicamente).
- As coisas funcionam no Festival, mas não fora dele.
- Sentimento de desconsideração.
- Alteração no ritmo da cidade (a cidade pacata toma ares de cidade grande).
- O discurso ambiental do boi influencia a cidade.
- O discurso ambiental do boi não influencia a cidade.
- Melhora na educação com a vinda das universidades públicas (UEA, UFAM e IFAM).

- Descontinuidade da economia.
- Geração de renda.
- Escolas culturais para crianças.
- Exploração Infantil (tanto no trabalho como sexualmente).
- Crescimento Populacional
- Crescimento urbano desordenado da cidade
- Aumento da prostituição
- Concorrência entre comerciantes parintinense e os que vêm de Manaus.
- Falta de controle sobre os que vêm de fora vender coisas em Parintins.
- Desrespeito do turista para com o ritmo da cidade.
- Turistas querem fazer em Parintins, o que não fazem em suas cidades.
- Maior esforço do poder público para “embelezar” a cidade, cidade mais cuidada.
- Gravidez precoce
- Falta de lixeira pela cidade, dentro e fora da festa.
- Leves ocorrências de roubos e furtos.
- Maior segurança durante a festa.
- É preciso ordenar o trânsito na época do festival.
- Melhoria na qualidade de vida de algumas pessoas.
- É preciso respeitar os limites sociais da cidade.
- A cidade não tem estrutura para receber o fluxo de pessoas que chega à ilha durante os três dias de festival. (Falta de infraestrutura)
- A cidade ainda não é uma cidade turística.
- Festival é importante para retratar a história da formação social dos povos da Amazônia.
- O Festival modernizou a cidade
- Antes, usavam-se penas de aves para a confecção das fantasias. Hoje, as penas são industriais.
- Os bois estão reciclando alguns materiais usados.
- Os materiais utilizados na confecção das alegorias são muito poluentes.
- As condições ambientais de trabalho dentro das agremiações ainda não são ideais.
- O Festival ajudou na urbanização de Parintins
- A Festa profissionalizou-se artisticamente, mas não em outras áreas.
- Ausência de setor de pesquisa e meio ambiente nas agremiações.
- Uma política ambiental ainda não foi pensada para os bois para a festa.

- Os impactos ambientais do festival prejudicam o turismo em Parintins.
- O lixo produzido no Festival prejudica outras comunidades mais distantes.
- O lixo produzido no Festival é o menor problema. O real problema é quando este lixo é levado para a lixeira pública que na verdade nunca foi planejada para tal função.
- O Festival influencia outras comunidades a terem seus próprios festivais ou festas folclóricas.
- As festas nessas comunidades estão impactando ambientalmente seu espaço físico.
- Impactos Sociais são trazidos pelo grande número de pessoas que chega à ilha.
- Impactos Ambientais são trazidos pelos de fora, mas também é culpa dos parintinenses que não tem educação ambiental.
- É incômodo se locomover pela cidade na época do Festival
- “Sustentabilidade não é só vender ferro para Manaus. É muito mais que isso”
- É preciso maior prestação de contas do que é arrecadado no festival.
- Como uma cidade tão importante para o turismo do Amazonas pode ter uma rede de esgoto e tratamento de água deste jeito?
- O lixo jogado nas águas retorna na época da cheia.
- Os Problemas sociais são o custo do progresso.
- A falta de especialização ambiental é, em si, um problema ambiental.
- Os problemas sociais que aparecem no festival são ligados a outros problemas estruturais na cidade.

O ordenamento destas ideias foi realizado, classificando-as em 11 principais categorias e, dentro delas, subclassificações indicando suas complementares ou contradições ou ideias distintas:

1. O festival construiu uma identidade cultural do povo parintinense e amazonense

Ideias complementares:

- Valorização da cultura parintinense e amazonense.
- Valorização do artista parintinense.
- Festival é importante para retratar a história da formação social dos povos da Amazônia.
- Escolas culturais para crianças.

Ideias contraditórias ou outras ideias:

- A criação do festival foi importante para acabar com as brigas de rua entre as torcidas (O Festival foi criado pelo povo de Parintins) x O festival não pertence mais ao povo de Parintins.

2. Orgulho Local***Ideias complementares:***

- Crescimento da autoestima local
- Visibilidade da Cidade
- Melhoria na qualidade de vida de algumas pessoas

Ideias contraditórias ou outras ideias:

- Crescimento da auto estima x sentimento de desconsideração (baixa na auto estima por causa dos benefícios que chegam durante, mas se vão ao fim do festival)
- Todas as coisas funcionam durante o Festival, mas fora dele, não.

3. Festival aquece a economia da cidade***Ideias complementares:***

- O festival alavancou o turismo na cidade
- Geração de empregos temporários
- Geração de renda

Ideias contraditórias ou outras ideias:

- Geração de renda x descontinuidade da economia
- Parintins é refém do Festival (economicamente)
- Criação de empregos x As condições ambientais de trabalho dentro das agremiações ainda não são ideais.
- Criação de empregos x exploração do trabalho infantil.
- Concorrência entre comerciantes parintinense e os que vêm de Manaus. (Falta de controle sobre os que vêm de fora vender coisas em Parintins).
- É preciso maior prestação de contas do que é arrecadado no festival
- Manaus ganha mais com o boi, que Parintins.

4. Permissividade Sexual***Ideias Complementares:***

- Doenças Sexualmente Transmissíveis aumentaram com o crescimento do Festival.
- Promoção do corpo

- Exploração sexual infantil
- Aumento da prostituição
- Gravidez Precoce

5. Crescimento do turismo

Ideias Complementares:

- Investimento em Infraestrutura (mudanças estruturais – porto, aeroporto, centro da cidade, algumas ruas, bumbódromo, algumas praças, hospitais, etc.)
- Alteração no ritmo da cidade (a cidade pacata toma ares de cidade grande)
- Atividade turística extremamente sazonal
- Embarcações ao redor da ilha e a falta de controle ambiental e tratamento de resíduos.

Ideias contraditórias ou outras ideias:

- Investimentos em Infraestrutura turística x a cidade não tem infraestrutura para receber o turista durante o evento.
- A cidade é vendida como turística, mas não investe em outros segmentos além do cultural (além do boi).
- Visitantes (turistas) jogam bastante lixo nas ruas x falta de lixeiras pelas ruas.

6. Respeito aos Limites Sociais do município

Ideias complementares:

- Os turistas querem fazer em Parintins, o que não fazem em suas cidades, por exemplo: andar em trajes de banho pelas ruas (Desrespeito do turista para com o ritmo da cidade).
- Leves ocorrências de roubos e furtos.
- Aumento da circulação e tráfico de drogas (visitantes trazem drogas ao município).

7. Modernização da Cidade

Ideias Complementares:

- Melhora na educação com a vinda das universidades públicas (UEA, UFAM e IFAM).
- Crescimento Populacional
- Visibilidade da cidade
- Crescimento urbano desordenado da cidade (Urbanização)
- Melhorias na Infraestrutura
- Aumento da consciência ambiental nas agremiações (As agremiações (caprichoso e garantido) começaram a tentar cuidar de seus resíduos sólidos).

Ideias Contraditórias ou outras ideias:

- A Festa profissionalizou-se artisticamente, mas não em outras áreas.
- Ausência de setor de pesquisa e meio ambiente nas agremiações.
- Impactos Sociais são trazidos pelo grande número de pessoas que chega à ilha
- Os problemas sociais que aparecem no festival, são ligados a outros problemas estruturais na cidade.
- Problemas sociais são os custos do progresso.
- A falta de especialização ambiental é, em si, um problema ambiental.

8. Saneamento Básico***Ideias Complementares:***

- Os problemas ambientais de Parintins poderiam ser amenizados se houvesse investimento no saneamento básico.
- Falta de lixeira pela cidade, dentro e fora da festa.
- Poluição das águas
- O lixo jogado nas águas retorna na época da cheia.
- Aumento na produção de lixo e despejo em vias públicas.
- Emprego para os catadores de lixo.
- O lixo produzido no Festival é o menor problema. O real problema é quando este lixo é levado para a lixeira pública que na verdade nunca foi planejada para tal função.
- O lixo produzido no Festival prejudica outras comunidades mais distantes.

Ideias contraditórias ou outras ideias:

- Como uma cidade tão importante para o turismo do Amazonas pode ter uma rede de esgoto e tratamento de água deste jeito?
- É necessário investimento em educação ambiental na ilha.

9. Sobrecarga de pessoas na ilha (superlotação de Parintins)***Ideias Complementares:***

- É incômodo se locomover pela cidade na época do Festival
- Impactos Ambientais são trazidos pelos de fora, mas também é culpa dos parintinenses que não tem educação ambiental.
- É necessário investimento em educação ambiental para os parintinenses e aos visitantes.

Ideias contraditórias ou outras ideias:

- Sobrecarga de pessoas na ilha x falta de lixeiras.

- Uma política ambiental ainda não foi pensada para a festa.
- Os impactos ambientais do festival prejudicam o turismo em Parintins

10. Discurso e Prática Ambiental das Agremiações

Ideias Complementares:

- Os bois estão reciclando alguns materiais usados.
- Os bois estão buscando parcerias com empresas de Manaus para vender ferro e isopor que sobram da festa
- Antes, usavam-se penas de aves para a confecção das fantasias. Hoje, as penas são industriais.
- As agremiações (caprichoso e garantido) começaram a tentar cuidar de seus resíduos sólidos.

Ideias Contraditórias ou outras ideias:

- Discurso Ambiental (nas músicas) dos bois na arena é diferente da prática ambiental. (Os materiais utilizados na confecção das alegorias são muito poluentes)
- O discurso ambiental do boi influencia a cidade
- O discurso ambiental do boi não influencia a cidade

11. Influência do Festival em outras comunidades.

Ideias complementares:

- O Festival influencia outras comunidades a terem seus próprios festivais ou festas folclóricas.
- As festas nessas comunidades estão impactando ambientalmente seu espaço físico.
- O lixo produzido no Festival prejudica outras comunidades mais distantes.

Visto que as 11 classificações demandariam um tempo de trabalho muito grande, elas foram agrupadas em quatro grandes categorias, as quais são mais relacionadas aos impactos observados pelo pesquisador durante o trabalho de campo. Assim, as 11 classificações estão contidas nas quatro categorias, mas de forma mais compacta. Desta forma, as categorias escolhidas são: identidade cultural, impactos sociais, meio ambiente e turismo.

3.1 PERCEPÇÃO

A percepção é apontada como uma das formas elementares da interação ou intercâmbio do homem em relação ao mundo. “Por meio dos nossos órgãos sensitivos da visão, tato, audição, paladar, e olfato estabelecemos um conhecimento e uma experiência sensível com o que nos rodeia” (FERREIRA 2005, p. 48).

A análise da percepção é um ato que é cercado de significações, trata-se de desvelarmos o que está por trás dos bastidores, clarear aquilo que não está bem definido por meio de um esforço sistemático e crítico tendente a captar a própria coisa, a sua estrutura oculta, e descobrir a forma de ser do que existe (FERREIRA, 2005). A percepção está diretamente relacionada ao meio ambiente, fruto da interação entre os homens, mas também destes com a natureza (RUOSO, 2012).

Por meio dos órgãos dos sentidos, o homem percebe o mundo, levando em conta as suas próprias experiências e influências advindas de sua cultura (TUAN, 1980). A compreensão da percepção tem sido apontada como elemento importante para o planejamento de diversas atividades que venham impactar a vida das pessoas (MILAGRES et al. 2010).

Para Schneider *et al.* (1979) não há nada mais interessante para nós, com exceção de nós mesmos, do que o mundo de outra pessoa, as suas percepções sobre o mundo que a circunda. No caso deste trabalho não é a mera curiosidade que inspira uma maior investigação. Acredita-se que o estudo da percepção dos residentes de localidades turísticas é um importante meio para subsidiar boas propostas de planejamento e desenvolvimento do turismo (LIU, SHELDON e VAR, 1987).

O estudo da percepção das comunidades onde o turismo se instalou já acontece há mais de três décadas (MURPHY, 1983; SHELDON e VAR, 1984; KING *et al.*, 1993; HILLERY *et al.*, 2001). O ato de perceber “é conhecer através dos sentidos, objetos e situações [...] Percebe-se em função de uma perspectiva [...] A percepção é, assim, a forma restrita de captação de conhecimentos” (PENNA, 1973, p. 11).

Portanto, a percepção dos atores locais entrevistados, os dados obtidos, foram descritos à luz das categorias mencionadas. A pesquisa buscou mesclar pessoas de diversas classes e funções sociais dentro da cidade de Parintins. Dessa forma, nas percepções colhidas veremos mais claramente os pontos congruentes e divergentes em relação aos impactos socioambientais e a importância que a festa, enquanto manifestação cultural, possui para o cidadão parintinense.

PARTE II: RESULTADOS

CAPÍTULO 1 – DESCRIÇÃO DOS ATORES LOCAIS

Os entrevistados serão identificados pelas iniciais de seus nomes e um número indicando a ordem em que foram entrevistados. Por exemplo: A senhora Maria José foi a quinta entrevistada, então ela será chamada de MJ5; e assim sucessivamente. A maioria dos entrevistados apresentou alguma relação com o Festival; de forma direta ou indireta as pessoas acreditam que participam de alguma forma do evento e isto está associado ao que o Festival representa para elas. Poucos foram, os que afirmaram não ter relação alguma com o evento.

Portanto, mediante as respostas dos entrevistados quanto a relação com o Festival, classifica-se a intensidade dessa relação em: fraca, média ou forte. A intensidade da relação será comparada com os tipos de respostas seguintes, servindo para avaliarmos se a relação que alguém tem com o Festival influencia as suas respostas de forma positiva ou negativa, tendo em vista a criação de uma política para o evento que leve esses dados em conta.

Sobre a importância da intensidade da relação, tomamos como quadro de referência a teoria dos “laços fortes” e “laços fracos” de Granovetter (1973; 1983). O autor aponta que nos chamados “laços fortes”, os indivíduos têm uma identidade mais comum, a coesão social é maior, há um quadro de referências pelo qual sempre se retorna para a tomada de decisões, as pessoas frequentam os mesmos círculos sociais e têm confiança e credibilidade umas nas outras. Por outro lado, os “laços fracos” estão caracterizados por ser constituídos de pessoas com formações e experiências diversas, onde a inovação é muito mais disseminada.

Os laços fracos são importantes, pois permitem uma maior troca de informações e nos conectam com outros grupos nas relações sociais. Granovetter aponta que quanto menores forem os laços fracos que um indivíduo mantém, menos informações diferentes ele terá, restringindo-se às informações obtidas por meio de seus pares mais íntimos. Desta forma, novas formas de agir, inovação e avanços científicos acontecem muito mais lentamente. Contudo, as inovações não são aceitas de imediato, antes elas precisam contar com a identificação e confiança de uma comunidade, o que nos remete ao papel dos laços fortes.

Em síntese, laços fortes e laços fracos têm seu grau de importância e um papel dentro das relações sociais. Pessoas com laços fracos perante o Festival tendem a ter informações que difiram de pessoas com laços fortes, e vice-versa, sendo imprescindível entrevistar pessoas que tenham ou não identificação com o evento e tudo o que ele representa.

Passemos, a descrição dos atores sociais.

Tabela 7 – Caracterização dos Atores locais

Ator	Idade	Atividade	Intensidade da relação	Participante em Agremiação
GB1	22	Jornalista/ Compositor	Forte	Sim, de forma direta
JC2	36	Artesão	Forte	Não
MB3	38	Recepcionista no setor público	Média	Sim, de forma indireta
AA4	27	Artista plástico	Forte	Sim, de forma direta
MB5	65	Comerciante	Fraca	Não
MT6	50	Costureira	Fraca	Não
MC7	22	Voluntário em trabalhos religiosos	Fraca	Não
VP8	24	Recepcionista no setor público	Média	Não
GF9	65	Líder religioso	Média	Não
FG10	60	Escritor/compositor	Forte	Sim, de forma direta
AD11	42	Comerciante	Média	Não
CA12	48	Artesã	Fraca	Não
AP14	25	Secretaria em um das agremiações	Forte	Sim, de forma direta
FG15	60	Professora/ativista social	Forte	Não
RP16	47	Artista coreógrafo	Forte	Sim, de forma direta
FC17	35	Advogado	Forte	Sim, de forma direta
ER18	50	Professora	Fraca	Não
MC19	39	Jornalista	Forte	Sim, de forma direta
AM20	65	Agricultor aposentado	Fraca	Não
GG21	44	Radialista/Cientista Político	Forte	Sim, de forma direta
OB22	46	Artistas plástico	Forte	Sim, de forma direta
TP23	43	Administrador	Forte	Sim, de forma direta
ES24	39	Comerciante	Fraca	Não
AM25	35	Professora	Forte	Sim, de forma direta
JM26	72	Aposentado	Forte	Sim, de forma direta
JS27	42	Jornalista	Forte	Sim, de forma indireta

JM28	70	Artista plástico	Forte	Sim, de forma direta
MM29	74	Aposentada	Forte	Sim, de forma direta
GM30	67	Aposentada	Forte	Sim, de forma indireta
LM31	47	Servidor público da saúde	Forte	Sim, de forma direta
VG32	48	Pedagogo	Média	Não
AC33	39	Sociólogo	Forte	Não
JD34	44	Servidor público do Meio Ambiente	Média	Não
RA35	33	Professor	Forte	Não
AS36	40	Promotor de justiça	Média	Não
FC37	46	Radialista	Forte	Não
FL38	55	Radialista	Forte	Sim, de forma direta
RM39	33	Turismólogo	Forte	Sim, de forma direta
RM40	42	Servidora Pública da Saúde	Fraca	Não
NC41	50	Vereador e empresário	Fraca	Não
VC42	51	Empresário	Forte	Sim, de forma direta
JB43	52	Comerciante	Forte	Sim, de forma direta
MS44	40	Guia de Turismo	Fraca	Não
MC45	38	Biólogo	Forte	Sim, de forma indireta
RM46	38	Servidor Público do Meio Ambiente	Forte	Sim, indiretamente

Fonte Própria

GB1 (relação forte) 23 anos: o primeiro entrevistado é estudante de Comunicação na Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Apesar de ainda não ser formado na área, já trabalha há algum tempo na cobertura das notícias, participando ativamente do cotidiano da cidade de Parintins. Além disso, faz parte de uma das agremiações folclóricas, onde exerce o papel de assessor de imprensa e também atua na área artística, compondo toadas, dentre as quais duas foram escolhidas para serem apresentadas durante o Festival.

JC2 (relação forte) 36 anos: O segundo entrevistado é artesão e desenvolve um trabalho com a temática do artesanato sustentável, que em suas palavras é sustentável por que “todo material usado é proveniente de reciclagem”. Este trabalho é desenvolvido junto às escolas de Parintins, levando à elas a questão da sustentabilidade e a reutilização dos materiais.

Ele afirmou que durante 12 anos participou do Festival integrando uma das agremiações, mas que agora não atua mais por questões particulares. Entretanto, o entrevistado não deixa de citar que o Festival foi “uma das portas que abriu muitas oportunidades para ele e para outros artistas”, e continua abrindo para outros. **JC2** é outro importante ator local que transitou pelo meio artístico dos bois e disso tirou proveito, mas que hoje não se considera mais participante do evento, a despeito de sua forte relação com o mesmo.

MB3 (relação média) 38 anos: a entrevistada trabalha como recepcionista em um órgão público do Estado do Amazonas e é associada a uma das agremiações, mas afirma que sua participação no Festival é modesta. Utiliza a época do Festival para conseguir alguma renda a mais para si e sua família.

Apesar de fazer parte, como associada, de uma das agremiações, a sua participação é pequena. Desta maneira, a percepção da entrevistada pode ser encarada como a percepção de alguém externa às agremiações, constituindo-se em um importante olhar sobre o evento.

AA4 (relação forte) 27 anos: o entrevistado atua na área artística em uma das agremiações, tendo como principais atividades: a composição de toadas e a confecção de itens alegóricos (artes plásticas). Assim como outros artistas, **AA4** vê no evento uma forma de demonstrar seu talento, e mais que isso: conseguir oportunidades fora do Amazonas.

MB5 (relação fraca) 65 anos: a entrevistada trabalha como vendedora de café da manhã no mercado municipal em Parintins e também é professora aposentada. **MB5** é uma senhora de 65 anos, que nasceu no município de Parintins e de lá nunca saiu; viu a evolução da pequena brincadeira de rua para o grande Festival.

Ela não pertence a nenhuma agremiação e não se considera participante do Festival. Anteriormente, ela participava “quando tudo era apenas uma brincadeira”, mas agora ela e seus companheiros de trabalho “somente observam o Festival passar”. Durante a entrevista, notou-se que uma das suas grandes preocupações está ligada à mudança nos valores sociais da cidade.

MT6 (relação fraca) 50 anos: a entrevistada é outra moradora antiga de Parintins, que exerce o ofício de costureira, e também não se considera participante do Festival Folclórico e a razão para isto, não sabe muito ao certo, apenas não se sente atraída a participar de alguma forma, apesar de ter o seu boi do coração. Diz ela: “quando tenho tempo, acompanho pela televisão.”

MC7 (relação fraca) 22 anos: o entrevistado é voluntário nos trabalhos da Igreja Batista em Parintins. Antes de entrar para a igreja, fazia parte de uma das agremiações, onde tocava violão, instrumento que ele aprendeu a tocar em uma das escolinhas de arte mantidas pelas agremiações. A sua visão é bem pessimista sobre a festa, talvez pelo fato de alguns valores

da “igreja protestante irem de encontro à algumas práticas no Festival, como licenciosidade sexual”. Atualmente, ele não participa mais do Festival pelos motivos religiosos.

VP8 (relação média) 24 anos: a entrevistada é acadêmica do curso de administração e está próxima do término da graduação. Ela trabalha no Centro de Atendimento ao Turista (CAT) em Parintins, onde necessita ter conhecimentos gerais sobre o Festival Folclórico e, obviamente, o turismo em Parintins. Ela afirma que não é muito ligada ao evento em si, mas acredita participar dele de forma indireta ao lidar com os turistas que chegam à Parintins para participar do Festival.

GF9 (relação média) 65 anos: o entrevistado é um dos líderes religiosos, pertencente à igreja católica em Parintins, que apesar de ser estrangeiro, nascido na Itália, mora há mais de 10 anos no município, onde desenvolve vários trabalhos de ação social junto à comunidade.

Ele afirmou que aprecia muito o Festival, “até mesmo porque o evento nasceu sob a sombra da igreja católica, que encontrou uma forma de reduzir as constantes brigas de rua entre as torcidas rivais (entre Garantido e Caprichoso)”. O líder religioso torce para um dos bois, mas não considera que a sua participação seja efetiva. Contudo, entre os trabalhos de ação social, que ele e a igreja realizam, está o trabalho de sensibilização de jovens e adultos contra a exploração sexual na época do Festival.

FG10 (relação forte) 60 anos: O entrevistado tem uma relação muito próxima com o Festival, pois desde a infância participa das brincadeiras de boi, acompanhando o processo de crescimento do Festival. Ele também é sobrinho de um dos criadores dos bois e sempre atua de forma ativa na diretoria de uma das agremiações.

Desde o começo dos 90, o Festival passou a abordar a questão ecológica como um dos seus temas especiais. **FG10** foi um dos principais responsáveis por esta aproximação do boi de Parintins e a temática do meio ambiente. O entrevistado sempre participou de movimentos ambientalistas durante sua estada fora do Amazonas, o que o influenciou a trazer essas reflexões para Parintins.

AD11 (relação média) 42 anos: o entrevistado é atualmente comerciante, mas também chegou a atuar no poder público como coordenador de meio ambiente em Parintins. Ele é associado a uma das agremiações, porém não se considera como participante direto do evento, pois afirma que, como muitos parintinenses, participa dos ensaios preparativos para o Festival, mas do evento em si, não.

Ele tem uma visão muito crítica sobre o Festival, tanto do ponto de vista sociocultural, ao sustentar que o parintinense está perdendo interesse pelo evento, como do ponto de vista ambiental, ao afirmar que não há preocupação com a sustentabilidade na cidade e nem no evento.

CA12 (relação fraca) 48 anos: A entrevistada é artesã e trabalha em uma feirinha especializada em artesanato em Parintins, e faz parte da associação dos artesão de Parintins. Ela afirma que sua participação é estritamente relacionada ao trabalho, pois na época do Festival a demanda por produtos artesanais aumenta. Fora isso, não se sente ligada de outra forma ao evento.

CA13 (relação forte) 35 anos: o entrevistado trabalha como coreógrafo em uma das agremiações, há mais de 15 anos. Antes desta relação de trabalho, ele já participava ativamente do Festival na condição de torcedor da agremiação da qual faz parte atualmente. Sua visão sobre o Festival é bastante positiva sobre todo o processo que envolve o evento, desde o seu planejamento, execução e impactos.

AP14 (relação forte) 25 anos: a entrevistada trabalha como secretária da direção de uma das agremiações. Além de trabalhar diretamente com o Festival, **AP14**, afirmou que tem grande identificação com o evento, desde muito tempo. Segundo ela, cada parintinense escolhe um lado para torcer, seja ele vermelho ou azul. Durante a entrevista, apesar de sua forte ligação com o Festival, ela demonstrou uma posição crítica perante o evento.

FG15 (relação forte) 60 anos: a entrevistada é professora, ativista social e líder de um grupo de mulheres em Parintins, além de antiga moradora da cidade. Sua relação com o Festival é indireta, pois o mesmo é alvo de suas críticas. Estas já renderam alguns artigos jornalísticos e acadêmicos, onde **FG15** analisa o Festival do ponto de vista dos seus impactos socioambientais positivos e negativos para a cidade de Parintins.

Ela afirma que participa “como parintinense, como alguém que está inserida neste contexto, mas não como alguém que tenha poder de intervenção” sobre o planejamento do evento. Entretanto, ela marca sua posição a respeito sobre o que considera certo ou errado no Festival, podendo ser considerada formadora de opinião na cidade, por isso sua percepção é de extrema importância.

RP16 (relação forte) 47 anos: o entrevistado é diretor de artes cênicas em uma das agremiações, afirma que trabalha no Festival há mais de 20 anos e é um dos responsáveis pelo crescimento do evento. **RP16** acredita que a o Festival trouxe uma nova identidade cultural ao município de Parintins e ao Amazonas, o que para ele é algo que há muito tempo era buscado.

FC17 (relação forte) 35 anos: o entrevistado atua no setor jurídico de uma das agremiações e espera concorrer, em breve, na eleição para sua presidência. Ele afirma que o Festival é a principal atividade em Parintins e que sem o evento, o município assemelhar-se-ia aos outros municípios que não dispõem da mesma infraestrutura.

ER18 (relação fraca) 50 anos: a entrevistada é professora na Universidade do Estado do Amazonas (UEA), e recentemente defendeu sua tese de doutorado na área de desenvolvimento sustentável. Ela afirma não ter uma relação forte com o Festival, pois apesar

de ser nascida em Parintins, todos os anos na época do evento ela e sua família viajam para fugir da agitação.

Apesar de não participar do evento, **ER18** diz não estar a par dos impactos que o Festival traz à Parintins. Uma das suas principais preocupações é em relação ao turismo impulsionado pelo evento, pois esta é uma das suas áreas de estudo na academia.

MC19 (relação forte) 39 anos: O entrevistado é jornalista em Parintins, atualmente exercendo o cargo de assessor em uma das agremiações. Além dos benefícios que o Festival lhe propicia no campo profissional, ele se considera um torcedor e amante do Festival. Para ele, a disputa entre os dois bois é algo que transcende uma mera disputa, é questão essencial no cotidiano parintinense.

No entanto, **MC19** se mostra preocupado com as questões socioambientais que o Festival suscita. Neste quesito, o entrevistado se mostra um tanto pessimista quanto às ações que estão sendo efetuadas para minimização dos impactos.

AM20 (relação fraca) 65 anos: o entrevistado é um antigo morador de Parintins, agricultor aposentado. Ele acompanhou o processo de crescimento do Festival, sendo que hoje não nutre muito apreço pelo que a antiga brincadeira de rua se tornou, de modo que, há algum tempo, não acompanha o evento.

GG21 (relação forte) 44 anos: o entrevistado trabalha em uma das rádios de Parintins, tem formação em ciência política, já foi vereador na cidade e atua como diretor de projetos em uma das agremiações. Apesar de sua atuação efetiva dentro de uma das agremiações, o entrevistado tem preocupações muito pertinentes em relação aos impactos que o Festival ocasiona, demonstrando interesse na responsabilidade social que os bois devem ter com Parintins.

OB22 (relação forte) 46 anos: o entrevistado é artista plástico dentro de uma das agremiações, onde, segundo ele, exerce este ofício há muitos anos. Ele afirma que o Festival representa diversas coisas dentro do município e suscita diversas discussões sobre seu papel na sociedade, desde o aspecto cultural até o político.

TP23 (relação forte) 43 anos: o entrevistado é um dos membros da diretoria de uma das agremiações e exerce um cargo que está diretamente ligado ao planejamento do evento. Para ele, o evento representa muito mais uma questão econômica do que uma questão cultural, sendo que os benefícios que o Festival traz são maiores que os impactos que possa causar.

ES24 (relação fraca) 39 anos: o entrevistado é comerciante em Parintins. Ele afirma que sua relação com o Festival é meramente econômica, pois na época do evento, as suas vendas aumentam.

AM25 (relação forte) 35 anos: a entrevistada é professora de artes e coordena uma atividade com crianças que é relacionada aos bois. Além de cultural, esta atividade tem o

caráter educacional, pois sempre que possível **AM25** proporciona palestras sobre o perigo das drogas, o valor dos estudos etc. A entrevistada é parente de um dos fundadores de um dos bois.

JM26 (relação forte) 72 anos: o entrevistado possui forte relação com o Festival, pois é filho de um dos criadores de um dos bois, e apesar dos 72 anos, ainda participa do evento ativamente, sendo um dos participantes mais tradicionais da festa. Ele afirma que o Festival é de extrema importância para todos em Parintins, pois seus benefícios são maiores que os malefícios. Portanto, sendo amplamente positivo.

JS27 (relação forte) 42 anos: o entrevistado é jornalista em Parintins e há 20 anos faz a cobertura do Festival para uma emissora regional. Ele afirma que apesar de todas as mudanças ocorridas no Festival durante todos estes anos, contando os anos em que ele não existia (pois Garantido e Caprichoso existem antes da criação do evento), o Festival conseguiu manter uma essência.

O entrevistado demonstrou bastante preocupação com os rumos do Festival e sobre como os planejadores, tanto do evento como da cidade, lidam com os impactos socioambientais.

JM28 (relação forte) 70 anos: o entrevistado é considerado o mestre de todos os artistas em Parintins. **JM28** trabalha na confecção das alegorias e é o responsável pela inserção destes elementos no Festival, o que ocasionou grande revolução no jeito de se brincar boi em Parintins.

Ele participa do Festival há mais de 40 anos, sempre trazendo inovação para a arena do bumbódromo. Além do Festival, **JM28** chegou a emprestar seus dons aos carnavais do Rio de Janeiro e São Paulo, passando a ser um ícone em Parintins.

MM29 (relação forte) 74 anos: a entrevistada é filha de um dos criadores de um dos bois. Até hoje ela participa do Festival ativamente e trabalha no resguardo de antigas músicas compostas por seu pai, prestando um serviço à história da festa.

GM30 (relação forte) 67 anos: a entrevistada é uma moradora antiga de Parintins, que detém bastante conhecimento sobre a história do Festival. É associada a uma das agremiações e sempre participa do evento ativamente. Uma de suas principais preocupações é com os reais ganhos econômicos de Parintins, pois segundo ela: “Manaus ganha mais dinheiro com o boi do que Parintins.”

LM31 (relação forte) 47 anos: o entrevistado trabalha na área da saúde em Parintins, mas também atua como secretário na direção de uma das agremiações. Por ser membro da rede municipal de saúde, sua preocupação gira em torno das possíveis doenças que durante o Festival podem se propagar, como as DST's (Doenças sexualmente transmissíveis).

VG32 (relação média) 48 anos: o entrevistado é formado em pedagogia e atua como diretor em uma escola da rede estadual de ensino, em Parintins. Por sua influência, a escola

busca incorporar práticas mais sustentáveis no seu cotidiano como: coleta seletiva, produção de alimentos orgânicos para consumo dos alunos na escola, reciclagem e outros.

VG32 é cidadão nascido em Parintins e afirma ter bastante apreço pelo Festival, mas acredita que sua participação é pequena, pois não costuma participar do evento em si. Por outro lado, ele costuma acompanhar o movimento das pessoas, da economia, do turismo, durante os dias do Festival. Segundo ele, esta atividade lhe confere um panorama dos impactos do evento.

AC33 (relação forte) 39 anos: o entrevistado é sociólogo e professor da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) em Parintins, onde tem como um dos seus objetos de pesquisa: o Festival Folclórico. Ele afirma que admira muito o que o evento representa para os parintinenses e como tal coisa possui tamanha força para congrega pessoas de diversas partes da sociedade de Parintins.

Contudo, **AC33** posiciona-se de forma bastante crítica quanto ao que o Festival tem apresentado como sendo a Amazônia e como ela tem sido “vendida” para o mundo, tanto no discurso social como ambiental.

JD34 (relação média) 44 anos: o entrevistado atua na secretaria de meio ambiente em Parintins, onde tem trabalhado em prol de uma melhor destinação dos resíduos sólidos produzidos no município. Ele afirma que não participa do Festival por falta de interesse no evento em si, mas por outro lado acompanha as questões ambientais referentes ao evento.

RA35 (relação forte) 33 anos: o entrevistado é professor de comunicação na Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e além do trabalho na academia, exerce a profissão de jornalista, em Parintins. Ele afirma que não participa do evento em si, mas o mesmo é alvo de suas reflexões e críticas.

A relação de **RA35** com o Festival, atualmente, é de oposição ao mesmo. Segundo ele, o evento foi tomado pela mídia como um legítimo representante da cultura amazonense, gerando o que ele chama de “Parintins fictícia”, ou seja, uma cidade ilusória que é vendida para turistas e serve como moeda de troca na política parintinense.

AS36 (relação média) 40 anos: o entrevistado atua como promotor de justiça em Parintins. Ele afirma que aprecia o evento, mas não participa do mesmo; apesar de se dizer admirador do Festival, ele tece algumas críticas importantes para a reflexão. Uma das suas críticas se relaciona ao discurso que os bois cantam na arena do bumbódromo. Para **AS36** há muita incoerência no discurso focado na preservação do meio ambiente e respeito às populações originárias e tradicionais.

FC37 (relação forte) 46 anos: o entrevistado é radialista em Parintins. Ele considera sua participação no Festival como indireta, pois trabalha na transmissão do evento e às vezes na divulgação do mesmo pelo rádio. **FC37** afirma que o Festival, para ele, é somente uma manifestação folclórica e que a sua relação é apenas profissional.

FL38 (relação forte) 55 anos: o entrevistado é radialista em Parintins. Ele afirma que sua participação no Festival, acontece de forma direta e indireta. A sua participação direta no evento se dá como torcedor de uma das agremiações, segundo ele é uma coisa que não dá para fugir, “todo mundo em Parintins participa de alguma forma.” Por outro lado, ele considera que a sua participação de forma indireta está relacionada ao seu trabalho como radialista, quando divulga o Festival, toca as músicas dos bois etc.

RB39 (relação forte) 33 anos: o entrevistado é formado em turismo, mas atua na área de comunicação em umas das agremiações. Ele participa do Festival, auxiliando na transmissão diretamente da arena do bumbódromo. **RB39** afirma participar ativamente do dia a dia da agremiação da qual faz parte, conhecendo seus processos internos.

Devido à sua formação em turismo (apesar de não atuar diretamente na área), **RB39** percebe que muitos investimentos em Parintins acontecem por causa do Festival, e isto levou a cidade a ser considerada uma cidade turística, mas na sua percepção, Parintins ainda não pode ser chamada de cidade turística.

RM40 (relação fraca) 42 anos: a entrevistada atua na secretaria de saúde de Parintins. Ela afirma que tem uma pequena participação no Festival, pois na época do evento a secretaria de saúde realiza trabalho de prevenção de DST's (doenças sexualmente transmissíveis) e gravidez.

NC41 (relação fraca) 50 anos: o entrevistado é vereador em Parintins, além de ser empresário e funcionário da caixa federal. Ele afirma que não participa do Festival, segundo ele: “como a maioria dos parintinenses”, pois o evento se tornou algo muito comercial, não sendo mais tão atrativo para ele, até mesmo pelos preços dos ingressos.

VC42 (relação forte) 51 anos: o entrevistado é administrador de empresas em Parintins. Ele afirma que participa do Festival, desde muito tempo, tendo uma relação de muito apreço pela festa.

JB43 (relação forte) 52 anos: o entrevistado é comerciante em Parintins e atua como diretor de patrimônio em uma das agremiações. Apesar de sua relação direta com o Festival, ele acredita que há muitos impactos socioambientais que ainda precisam ser solucionados pelos planejadores e poder público.

MS44 (relação fraca) 40 anos: o entrevistado é guia de turismo em Parintins, atuando também na recepção de turistas durante a época do Festival. Segundo ele sua relação com o Festival é meramente profissional.

MC45 (relação forte) 56 anos: o entrevistado é biólogo de formação, mas já atuou na secretaria municipal de cultura em Parintins por 8 anos. Durante este período, a sua participação no Festival foi muito mais incisiva do que agora, porém ele afirma que ainda participa do evento e das discussões que envolvem sua melhoria nos aspectos socioambientais.

RM46 (relação forte) 38 anos: o entrevistado atua na secretaria municipal de meio ambiente de Parintins. Ele afirma que sempre participou do Festival e que tem uma relação boa com o evento, mas como representante de meio ambiente, ele percebe que o Festival traz muitos impactos para Parintins, os quais precisam urgentemente serem minimizados a cada ano.

CAPÍTULO 2 IDENTIDADE CULTURAL

O primeiro eixo da pesquisa gira em torno da ideia de uma construção da identidade cultural, em Parintins, por meio do Festival Folclórico. A pergunta: “o que o Festival representa para você?” é extremamente ampla e deu margem a várias respostas por parte dos atores locais. Estas informações foram suficientes para entendermos a gama de significados que um evento cultural pode ter para uma população.

A princípio, identidade é relacionada a uma cultura partilhada que exerce papel de unificação dos sistemas culturais, congregando sujeitos sob uma mesma identificação com “quadros de referência e sentidos estáveis, contínuos, imutáveis por sob as divisões cambiantes e as vicissitudes da nossa história real” (HALL, 1996 p. 68). No entanto, esta visão da identidade como uma essência intrínseca é balançada pela chamada crise das identidades, fenômeno moderno.

Enquanto as sociedades ditas pré-modernas possuíam referenciais, que serviam como âncoras para o indivíduo, as sociedades modernas enfrentam uma fluidez e mutação das suas identidades. O ser moderno não possui mais identidade fixa e as certezas o abandonaram, as identidades são múltiplas e a cada hora mudam com a velocidade das inovações (NASCIMENTO, 2007).

A ideia de cultura também é relativizada. Ela passa a ser entendida como algo mutável, ou seja, na modernidade a cultura é dinâmica. Ao falarmos de identidade cultural, estamos falando sobre a cultura a qual pertencemos, mas afinal, a qual cultura pertencemos? Ao compreendermos a identidade cultural do ponto de vista da contradição, multiplicidade e mutabilidade, e não como algo estável (CHARTIER, 1990; SANTOS, 2011) podemos compreender a diversidade dos discursos em Parintins.

No balanço da toada, Garantido e Caprichoso cantam sobre a Amazônia, mas na verdade, deveríamos falar de várias Amazônias. Esta incrível região que é fruto da confluência de diversos sujeitos sociais, necessita ser vista de um ponto de vista menos estereotipado.

Desse modo, adentrar o universo identitário dos povos amazônicos implica considerar um mundo de ambiguidades, trata-se de percorrer caminhos que se cruzam e se contrapõem, mascaram diferenciações sociais que têm entravado processos de emancipação social e política. (FRAXE et al. 2009)

Os discursos dos entrevistados refletem essas noções e demonstram a perda da pureza cultural, comumente associada aos povos da floresta e ao passado.

2.1 A importância do Festival Folclórico de Parintins em termos culturais

Um dos impactos mais significativos da transformação da brincadeira de rua em megaevento televisionado foi a visibilidade da cidade de Parintins. Os governantes, cientes do potencial que tinham em mãos, entenderam que o Boi-bumbá de Parintins “poderia emprestar visibilidade à diversidade cultural amazônica.” (NOGUEIRA, 2008).

A visibilidade da cidade lançou luz sobre o grande talento dos artistas que ali residem. Os responsáveis pelo espetáculo não são os planejadores, estes apenas cuidam do que menos interessa ao público; o real atrativo do Festival está no ritmo e letra das toadas, nas danças coreografadas, nos versos de desafio entre os bois.

Quando questionado sobre a importância dos artistas e a real do Boi-bumbá de Parintins sobre outras festas, o compositor **GB1** afirma categoricamente, privilegiando os seus colegas de composição, que:

[...] O Festival de Parintins nasce na mente dos compositores, há pesquisa sobre as lendas, sobre as coisas amazônicas. Então, o diferencial está na elaboração das letras das toadas.

É evidente que, em termos artísticos, o Festival não é fruto somente do esforço intelectual dos compositores. Há uma vasta gama de profissionais da arte em Parintins, pessoas que na maioria das vezes nunca participaram de algum curso formal relacionado às artes que praticam. Em Parintins, o saber foi sendo repassado de pai para filho, como revela o artista plástico **OB22**:

[...] O espírito artístico aqui é muito forte, as pessoas vão se envolvendo com a arte desde cedo, assim é muito fácil desenvolver talentos. As crianças recebem a instrução de seus pais, avós, tios etc. E desenvolvem o dom que nasce em cada parintinense e em pouco tempo as pessoas sabem pintar, soldar, trabalhar com madeira, cerâmica, sem passar por escolas, por teorias. Assim, foi se criando uma mão de obra pro crescimento da festa e isto é até hoje.

Pode-se afirmar, com razão, que Parintins é um celeiro de artistas, sendo que a cada ano, mais crianças estão sendo preparadas para serem o sustentáculo do evento no futuro. O Festival impulsionou a criatividade em Parintins e gerou um estímulo à manifestação da cultura popular, pois se se aprende a dançar, aprende-se para se dançar no boi-bumbá; se se aprende a trabalhar na produção de esculturas, aprende-se visando trabalhar na agremiação pela qual se torce, e assim por diante.

Em Parintins, à primeira vista, a questão da inserção de outros elementos, como as grandes alegorias, que dão um toque de carnaval carioca ao espetáculo, parecem ser temas marginais que não causam grandes discussões. Entretanto, nota-se uma adequação da festa

aos novos tempos; com o Festival as cantigas de roda dão lugar às toadas que tem um ritmo envolvente e despertam os sentidos dos participantes, por exemplo.

Com o passar dos anos, as mudanças efetuadas no modo de se realizar a brincadeira de boi-bumbá, conseqüentemente o Festival, são tidas como uma espécie de aprimoramento da tradição folclórica, tudo em nome do aperfeiçoamento da festa, como exemplifica o entrevistado **FG10**:

[...] Quando se criticava o avanço do processo artístico do boi, não por parte da comunidade, mas por pessoas que achavam que estávamos violando as tradições do boi; tudo isso era apenas uma mera busca por aperfeiçoamento do espetáculo boi-bumbá.

[...] O próprio Lindolfo Monteverde (criador do boi Garantido), tinha uma visão disso, ele fez um boi que ele visualizou. Apesar de vir do Nordeste, Lindolfo fez um boi diferente. Então, isso permaneceu.

Se levarmos, em consideração a noção de cultura como processo dinâmico, estas afirmações são plenamente cabíveis. Ao lembrar das origens do boi Garantido, na figura de Lindolfo Monteverde, o entrevistado justifica as diversas alterações que ocorreram ao longo do tempo. Isto demonstra que desde o início do século XX, no meio da Floresta Amazônica, já existiam pessoas simples, como Lindolfo, que trazendo consigo a cultura Nordestina como bagagem para a Amazônia e aqui misturando os elementos do boi do Nordeste e a realidade amazônica, criou um boi diferente.

Entretanto, as inovações artísticas, ou aprimoramento da tradição podem ser postas de duas formas: podem ser uma mudança “natural” da cultura popular em Parintins, fruto das mudanças próprias da modernidade; ou podem ser mudanças impostas por pressões da lógica econômica, que não leva em consideração os anseios e a tradição do local, mudanças estas demandadas por outros atores externos, causando impactos socioculturais negativos. Isto será alvo de consideração, ainda neste trabalho.

Para **FG10** a relação que a população de Parintins tem com as mudanças, pode ser resumida em uma afirmação interessante:

[...] Parintins possui uma relação muito boa com o novo, é uma cidade aberta ao conhecimento e à inovação.

Mudanças significativas no modo de realização do Festival, em grande parte estão relacionados a sua aproximação com o carnaval carioca. O maior responsável por esta aproximação é o entrevistado **JM28**, que desde a década de 70, após a sua passagem pelo Rio de Janeiro e o seu apreço pelo carnaval, começou a introduzir elementos que não faziam parte das apresentações dos bois.

[...] eu comecei a trazer algumas coisas novas para Parintins. As alegorias, que hoje chamam atenção, fui eu quem trouxe. Se assim não fosse, nós continuaríamos como qualquer outro boi, Comecei a deturpar o boi-bumbá, uma mistura de carnaval com boi-bumbá.

Essas mudanças iniciadas na década de 70 serviram para que na década de 90, quando o Festival começou a ser mais conhecido fora dos limites do Amazonas, o evento chamasse atenção da mídia.

Os artistas de Parintins, especialmente aqueles que trabalhavam na construção das enormes alegorias, passaram a ser notados. Iniciou-se um intercâmbio de artistas de Parintins e Rio de Janeiro (e algumas outras capitais), com vistas à troca de conhecimentos. Essa troca artística persiste até hoje e o prestígio dos artistas plásticos parintinenses só aumentou, de modo que eles são bastante requisitados em todo Brasil, levando um pouco da cultura do Norte para todo o país.



Fotografia 5 – Artista plástico produzindo alegoria em Parintins
Autor: Antônio Milena
Data da foto: junho 2013
Fonte: desconhecida

O crescimento do Festival trouxe visibilidade à Parintins, trouxe visibilidade para os seus artistas. Estes agora aliam a tradição aprendida com o saber especializado, gerando o que é

apontado com um dos principais impactos culturais do Festival, a valorização da arte feita em Parintins.

Além da valorização artística, abriu-se uma oportunidade para que muitas pessoas pudessem ampliar os seus próprios horizontes, enquanto indivíduos, grande parte dos artistas, sendo eles artistas plásticos, artesãos, cantores, dançarinos, coreógrafos etc., puderam sair de Parintins e descobrir outros horizontes, apresentar seu trabalho, até mesmo fora do Brasil, em viagens pela Europa e Ásia; em feiras culturais das mais diversas.

Estas novas experiências foram permitidas graças ao Festival e a notoriedade que o mesmo ganhou através da mídia televisiva, impressa (através dos *flyers* das agências de turismo) e mais recentemente, a internet. Isto é corroborado na fala dos entrevistado **JC2**, **RP16** e **CG13**, respectivamente:

[...] O Festival, não só pra mim, mas para todo parintinense, é uma porta que abriu muitas oportunidades para nós. Para quem é artesão, como eu, o Festival é o nosso carro chefe para levar nosso artesanato para todo mundo, já participei de vários eventos ao redor do mundo, sem o Festival é quase impossível termos representação fora.

[...] Então, o folclore abriu várias portas e continua abrindo. Eu no momento me sinto beneficiado, por que hoje eu sobrevivo do folclore, por causa disso me foram abertas outras portas. Hoje vivo disso.

[...] Como coreógrafo, trabalho ano todo, mas para a maioria é só no período do boi, em média 3 meses. Durante o período fora do festival, os outros artistas viajam para o Brasil para divulgar o boi.

A oportunidade que é dada há algumas pessoas de expandirem suas habilidades, cultura individual, o reconhecimento e valorização de seu trabalho sendo ancorados na possibilidade de explorar uma manifestação cultural que lhes são próprias e fazer disso um modo de conseguir a subsistência e mais coisas além disso, sem dúvida são impactos socioculturais muito importantes.



Fotografia 6 - Alegoria no bumbódromo (arara)
 Autor: Nathalie Brasil
 Data da foto: 2013
 Fonte: Diário do Amazonas

A visibilidade e valorização da arte de Parintins geraram, conseqüentemente, a valorização da cultura do Norte por parte dos estrangeiros, mas principalmente por parte dos próprios parintinenses. A sensação de fazer parte de uma das manifestações culturais mais conhecidas e admiradas no Brasil, gerou uma espécie de orgulho local. Além disso, criou-se um referencial inigualável no Amazonas. Fato relatado na fala dos entrevistados **GF9**, **AM20**, **JM26** e **GM30**, respectivamente:

[...] Quando ando pelo Brasil, as pessoas perguntam e sabem sobre Caprichoso e Garantido, o evento cresceu demais e causa um orgulho nos parintinenses por causa desta fama.

[...] O Festival representa muito pra nós. É uma alegria para nós que ele seja mostrado no mundo todo, é um cultura muito forte.

[...] A nossa sociedade não acreditava que o boi viria a ser essa coisa grande. Hoje, o Brasil já conhece o garantido, o mundo também.

[...] Para nós o Festival é a pérola do Estado, do Brasil e do mundo.

O orgulho local é cantado na arena, é tocado nas rádios, é tema das conversas nos bares da cidade, é algo que se tenta explicar aos turistas. Fazer parte da ilha encantada, da

ilha Tupinambarana (relembrando seu passado indígena), e poder afirmar que o local em que se vive, possui um ritmo (toada) somente seu e que tal ritmo tornou-se o ritmo do Amazonas, revela que parintinense, na condição de amazonense buscava um meio de afirmar a sua identidade cultural frente a outros estados, como o Pará, muitas vezes visto como um rival cultural, especialmente pelos manauaras.

O ritmo nortista mais conhecido no Brasil é o carimbó paraense, entretanto a manifestação folclórica mais pujante do Norte é o Festival Folclórico de Parintins. E por se converter como a festa representante do Amazonas, a entrevistada **MB3** afirma:

[...] O Festival ficou mais conhecido por causa dos nossos artistas. Isso foi levado para cidades maiores, começaram a ver o nosso trabalho e sempre que querem mostrar nossa cultura fora do estado, chamam Garantido e Caprichoso.

A fala dos atores sociais em Parintins, revela este achado identitário para o estado. O Festival Folclórico de Parintins torna-se o diferencial cultural do Amazonas em um mundo moderno marcado pela fluidez das identidades culturais. O Festival torna-se uma espécie de referencial para o cidadão parintinense/amazonense. Em um primeiro momento, parece-nos que o Festival age como uma espécie de resistência identitária cultural (GIDDENS, 1991), e do mesmo modo como nas sociedades pré-modernas, serve como âncora para os seus cidadãos. Exemplos: “sou de Parintins, torço para o Caprichoso”, “sou de Parintins, torço para o Garantido”, “sou do Amazonas, onde acontece o Festival de Parintins”, “sou compositor de toadas em Parintins” etc.

Tal resistência identitária sofre influências de outras identidades culturais, como é o caso da inserção de novas formas de se realizar o Festival, a inserção de alegorias e a proximidade com os carnavais do sudeste. Afinal, a identidade cultural só é exercida na interação com o diferente, perante o outro (HALL, 1997; LARRAIN, 2003). Entretanto, o Festival com todas as intervenções ao decorrer do tempo conseguiu manter uma essência, tornou-se patrimônio de Parintins e a identidade cultural que faltava ao Amazonas, ao menos é a análise que se faz da percepção de alguns atores sociais como **JC2**, **MC19**, **GG21**, **JS27** e **RB39**, respectivamente:

[...] O Festival é nosso maior patrimônio.

[...]O bumba-meu-boi tem outros concorrentes como o axé, como outros ritmos até mesmo o forró, no Norte tem o ritmo paraense, que é o carimbo, mas no Amazonas, a toada do boi é um ritmo hegemônico. Como se diz: deu identidade cultural. Acho que a criatividade fez a diferença e até mesmo uma identidade própria, os bois de Parintins não se parecem com os bois do Nordeste.

[...]Culturalmente representa uma identidade que Parintins conseguiu dar pro Amazonas. Uma brincadeira de boi nascida de forma despreziosa, hoje é uma das manifestações folclóricas mais significantes do Norte do país.

[...] A cultura do boi passou por uma sustentabilidade. Nesta trajetória de 100 anos, é claro que houveram modificações, mas houve uma sustentabilidade da cultura. Você manter uma história viva é muito difícil, você mantê-la pela oralidade é difícil, mas o boi conseguiu isso.

[...] O Festival representa muita coisa, principalmente o resgate permanente e a valorização permanente da identidade cultural do nosso município.

Há outro elemento importante, o Festival Folclórico tem a cada ano um tema específico para ser abordado pelos compositores e apresentado na arena, em 2013, por exemplo, o tema foi o centenário de Garantido e Caprichoso. O tema principal serve como mote para a apresentação de outros temas, sempre relacionados com as questões pertinentes à Amazônia, como a conservação da fauna e da flora, o respeito às populações originárias e tradicionais, as lendas e ritos indígenas.

Além de trazer visibilidade à cidade, valorização da arte e dos artistas, o orgulho local e dar uma cara, uma identidade cultural ao parintinense/amazonense, o Festival por meio das letras das toadas, concede um suporte à esta identidade. Não basta ser uma festa com características de folclore popular, pois o Festival seria semelhante a qualquer outra festa. É preciso passar uma mensagem, ter uma responsabilidade com a propagação da cultura do Amazonas. Acredita-se que os artistas e compositores tenham isso em mente, a despeito de todas as contradições que podem ser apontadas, como veremos a seguir.

Na percepção do entrevistado **FG10**, o Festival é mais que um mero entretenimento, ele exerce uma função sociocultural:

[...]O Festival tem uma função muito além da mera brincadeira que nós participamos. Ele não deixa de ser uma brincadeira, um entretenimento, mas ele exerce uma função muito importante, função cultural: é um veículo de informação, principalmente, dessa nossa formação histórico cultural; nós povos da floresta. Então, o principal foco do festival é esse. É uma brincadeira, mas ela serve como veículo para se passar conhecimento sobre a cultura do povo da Amazônia.

As figuras mais relevantes no contexto de formação histórica e sociocultural são exaltadas no evento. O índio, como vimos no capítulo 2, tomou o lugar principal do negro na encenação do auto do boi, em Parintins. O próprio auto do boi foi deixado de lado e a história da Amazônia, em especial a história do Amazonas passou a ser encenada na arena.

A Amazônia é tida como uma região que por muito tempo foi esquecida pelo resto do Brasil. Se tomarmos o nosso país como parâmetro, a tese do esquecimento é correta, o Estado do Grão-Pará e do Maranhão (a Amazônia como era conhecida em outra época) viveu por um longo tempo de costas para o Brasil. Entretanto, quando a análise histórica é

relacionada ao mundo, em especial ao mundo europeu do tempo da conquista e colonização, a tese cai por terra, pois a formação social da Amazônia foi amplamente aberta à sociedade europeia. (WITKOSKI, 2007)

Este elemento europeu misturou-se ao indígena. Mais tarde, com a grande seca do anos 1870 que se abate o Nordeste, uma migração em massa de nordestinos vai em direção à Amazônia, e com eles o ciclo da borracha começa a fascinar os governantes e a elite da época. Há também, tempos depois, a migração de sulistas (gaúchos, catarinenses e muitos paranaenses) (*idem*, 2007).

Esta mistura de raças serve de inspiração para muitas composições. O índio é retratado de diversas formas, tem seu lugar de honra no Festival e demonstra que o projeto de extinção de qualquer traço da cultura indígena, impetrado pela sociedade brasileira, embora tenha sido avassalador, não obteve êxito completo (FRAXE *et al.*, 2009). O europeu é retratado, por exemplo, na figura da *sinhazinha da fazenda*, item de avaliação dos jurados durante o Festival, a *sinhazinha* é filha do amo do boi e dono da fazenda, é a moça branca, bela e graciosa. O nordestino nunca é esquecido, sempre retratado com o povo forte, trabalhador, que deixou sua terra em busca de melhores condições. E neste conjunto de representações, está um dos sujeitos sociais mais enigmáticos da Amazônia, o caboclo amazônico (ADAMS *et al.*, 2006).

O caboclo ou caboclo ribeirinho é a mistura do branco com o índio. “No entanto, podemos dizer que ele é o principal representante da população do Amazonas, constituindo a maioria, uma vez que é considerado caboclo não apenas o descendente direto ou indireto dos habitantes indígenas do Estado do Amazonas.” (CORRÊA, 1980). Muitas vezes, o caboclo é considerado um ser indolente e não afeito ao trabalho, o típico preguiçoso. Essa concepção talvez se dê em comparação com a leva de nordestinos que aqui chegou, homens do Nordeste árido com homens da Amazônia fluvial. O “confronto” entre homens que a tudo falta e os que tudo tem, pois a floresta lhes supri o necessário. Essa diferença entre dois mundos, dois modos de vida e dois modos de lidar com o meio ambiente talvez possa explicar o fato do caboclo ser chamado de preguiçoso em comparação ao nordestino guerreiro (WITKOSKI, 2007).

Entretanto, Sahlins (1988) combateu esta tese antropológica de que o caboclo era um ser preguiçoso. O autor afirma a ideia de “abundância de subsistência”, pois o meio ambiente em que o caboclo vive lhe proporciona todas as coisas que necessita para seu sustento e de sua família, não necessitando trabalhar em demasia. Outra defesa contra este rótulo infeliz é a ideia de que o caboclo não funciona no mesmo ritmo do homem urbano. O caboclo tem grande adaptabilidade ao ecossistema de várzea e considera o tempo de trabalho segundo o ritmo ecológico e não como o homem urbano que está submetido ao tempo cronológico. Tal fato lhe confere uma racionalidade específica e absurda ao que são estrangeiros (MÓRAN, 1990).

O ser caboclo tem vários significados, além da mistura de índio com branco, passou a envolver a miscigenação dos próprios nordestinos aos povos amazônicos. Contudo, o que se deve pensar aqui é que o Festival Folclórico de Parintins conseguiu pôr em evidência ao público leigo, a importância dessa figura que é a síntese do índio, do branco, do nordestino, enfim, a síntese da formação social da Amazônia. O Festival passou a mostrar ao mundo a cultura cabocla e isto é um impacto cultural grandioso e um fato importante para Parintins, onde se vivem muitos caboclos, mas mais importante ainda para o Amazonas.

O Festival Folclórico de Parintins tem o mérito de colocar na arena uma imagem do que sejam os povos amazônicos. Isso serve para mostrar ao mundo que “a Amazônia não é um vazio demográfico ou cultural” (MÓRAN, 1990, p.18), pois existem várias populações, sejam elas indígenas, caboclas ou brancas. E que as culturas precisam sobreviver e serem conhecidas.

2.2 O CONTRAPONTO

Apesar de toda a importância cultural que o Festival tem para Parintins, há o contraponto de todos esses impactos positivos. O Festival cresceu muito e a sua organização passou por várias configurações, como pudemos ver. Em primeiro lugar, os criadores dos bois idealizaram a brincadeira e a puseram em prática pelas ruas e currais. O Garantido é o “boi de cima”, o seu local tradicional é a Baixa da Xanda, a tradicional Baixa do São José. O Caprichoso é o “boi de baixo”, da Lagoa da Francesa.

A rivalidade entre Garantido e Caprichoso, mais do que uma disputa entre bois-bumbá, era a disputa entre o “boi de cima” e o “boi de baixo”, e que se tornou a disputa de sentimentos antagônicos entre grupos sociais. Quando a brincadeira passou a ser uma competição formalizada, onde um dos bois deveria ganhar e levar o troféu, enquanto o outro seria motivo de gozação, o folguedo que era realizado no âmbito das camadas mais populares em Parintins, transformou-se em um veículo de expressão das camadas mais abastadas, dos grupos sociais da elite: funcionários públicos, comerciantes e pecuaristas (NOGUEIRA, 2008).

Passa-se a uma segunda fase, onde a brincadeira se converte em Festival, os investimentos aumentam por parte do poder público e a iniciativa privada. E é possível inferir que:

As camadas mais aquinhoadas injetaram recursos financeiros na preparação dos bumbás para que estes lhes representassem nas disputas de arena – ou ainda: que por meio dessa atitude, o poder público, pressionado, passasse a investir nas agremiações que, rapidamente, adquiriram o poder de representar essa rivalização interna, ao mesmo tempo em que se consolidavam como ícones de um todo social: a cidade, o lugar histórico que acomoda a todos. Quando os bumbás Garantido e Caprichoso extrapolaram

os domínios da Ilha Tupinambarana, interesses comerciais e políticos lhe arrebataram para um campo mais amplo. Um marco desse momento é a construção do bumbódromo pelo Governo do Estado, em 1988. O “boi-bumbá parintinense”, como passou a ser chamado o fenômeno que mobiliza multidões na Amazônia, açambarcou, por conta de estratégias governamentais, a possível identidade cultural de “um povo” que se movimenta na diversidade tecnocultural. Todos esses fatores se encaixam no formato televisivo: tanto no ponto de vista da veiculação da imagem quanto no plano comercial, e no plano ideológico e da mobilização de telespectadores (NOGUEIRA, 2008, p. 98-99).

Ao mesmo tempo em que o Festival Folclórico de Parintins surge como expressão de uma identidade cultural que o parintinense/amazonense buscava, ele torna-se um meio comercial, onde há interesses políticos, ideológicos e financeiros em jogo. As agremiações representam a tomada do controle dos bois da mão das famílias que os criaram, e mais que isso, representam a tomada da brincadeira de boi-bumbá das mãos da população de Parintins. A cultura passa a ser comercializada nas agências de viagem, nos comerciais de promoção da festa. Esse produto que é a cultura será consumido dentro do palco sagrado do folclore amazonense: o bumbódromo. Apesar da identificação que o parintinense possui com a festa e com os bois, como fica explicitado na fala da entrevistada AP14:

[...] É um evento que está dentro do parintinense, quando nascemos já temos a ideia de que isso é nosso, mesmo involuntariamente isso está dentro de nós. É algo que não sabemos explicar, apenas somos de um boi ou de outro.

Os cidadãos parintinenses percebem muito bem a relação que há entre o Festival e a comercialização da cultura popular. Aponta-se aqui neste trabalho, como um dos impactos culturais negativos, o crescimento do Festival e a sua excessiva comercialização. O crescimento da festa não é em si, o problema, mas as consequências que a comercialização que veio com este crescimento causa na participação do parintinense.

O Festival tornou-se um meio de subsistência para muitas pessoas. Além da cultura pela cultura, esta tornou-se um produto para exportação. Isto está demonstrado nas falas de muito dos atores locais pesquisados, mas tomemos as falas dos entrevistados **GB1**, **FG15**, **RP16**, **AM20**, respectivamente, como exemplo:

[...] O nosso principal produto é a toada. Para mim, o Festival é um produto da indústria cultural, você rotula o Festival, utiliza-se este rótulo de Festival Folclórico para vender a cidade, o todo.

[...] Deveria representar uma oportunidade, um espaço para se desenvolver toda uma expressividade cultural, artística local, mas hoje o festival representa uma porta aberta para o lucro e quem ganha com isso são os que estão à frente das organizações. Sem dúvida sobra algum ganho para os tarefeiros do boi, mas ele deixou de representar um espaço de cultura popular. É uma cultura de elite, é um brinquedo para turista ver.

[...] Costumo dizer que nós somos “parafolclore”, quando o folclore sai do controle da cultura local, mas passa a ser movido pela grana, dinheiro.

[...] Eu acho que a gente ainda guarda a brincadeira, mas você vê que quanto se tornou empresa a nossa brincadeira?

Quatro coisas nos saltam à vista, a partir destas falas. A primeira é o que já foi colocado, a saber a comercialização da cultura. Adiciona-se a isso a venda simbólica da cidade. A segunda coisa refere-se ao Festival como porta aberta ao lucro e benefício das organizações que comandam o evento. A terceira está ligada ao fato de que o Festival saiu do controle das mãos do povo. E a quarta coisa refere-se ao fato de que os moradores mais antigos, como o senhor **AM20**, ainda veem a brincadeira como sua, quando na verdade ela deixou de ser.

A entrada de patrocinadores no evento, como a Coca Cola, deu um caráter de empresa ao Festival, e como toda empresa ela precisa dar retorno. O dinheiro injetado nas agremiações ajudou na capitalização da festa, agregando valor ao novo produto da indústria cultural que estava mais que pronto para ser consumido.

O bumbódromo foi construído para acomodar melhor as pessoas que viriam para o evento, dentre essas pessoas estariam as celebridades globais, dando um toque de sofisticação à festa. O boi começou a macular sua identidade de “boi popular quando sai da rua e é encurralado na arena” (GUEDES, 2002, p. 52). Este “encurralamento” dos bois para melhor acomodação dos participantes da festa, começa a mostrar sua face excludente, pois nem todos podem ter acesso ao bumbódromo já que os preços dos ingressos são altos.

É claro que há os lugares gratuitos, o local reservado para as torcidas, no meio da “galera” azul ou vermelha. Entretanto, como a demanda para entrar no bumbódromo é grande, é preciso se aventurar em uma fila enorme que se inicia logo nas primeiras horas do dia, como relata o entrevistado **AS36**:

[...] Qual parintinense consegue entrar no bumbódromo? O parintinense fica desesperado tentando uma renda, vendendo o que pode e o que não pode na cidade, durante o dia, como é que vai entrar a noite? Só entra lá quem não tem ocupação, pois o cara tem que ficar desde as 7 da manhã na fila, o cara está morto de cansado de trabalhar, ele vai participar de festa? Vai comprar 900 reais de ingresso pra entrar? Ninguém discute isso, fica por isso!

O Festival nasceu no seio da população parintinense, mas hoje nota-se um afastamento destas pessoas. A crítica feita por Guedes (2002) reflete muito bem esta questão, quando a autora afirma que o caboclo que vivia e fazia a festa, passa a ser só mais um “tarefeiro dos bois”. Com a construção do bumbódromo as forças que comandam o Festival passaram a definir valores, estabelecer limites, “privilegiou a elite e segregou a plebe. A estrutura passou a ser construída de cima para baixo e o retorno para o caboclo vem como panaceias que não alcançam as raízes dos legítimos anseios.” (GUEDES, 2002, p. 52).

Atualmente, 75% dos lugares no bumbódromo são destinados aos parintinenses. Entretanto, quem faz esse real controle? Na teoria, a área gratuita, onde ficam as galeras de Caprichoso e Garantido, seria para que a população parintinense acompanhasse de dentro o evento. Contudo, além de terem que enfrentar uma fila enorme que começa muito cedo, têm que aguentar a chuva ou o sol quente, pois não há cobertura alguma para abrigo. Os parintinenses têm que enfrentar a concorrência das pessoas que chegam para acompanhar o Festival, mas, assim como o parintinense, não têm dinheiro para comprar ingresso. Os quais, em sua maioria são manauaras.

A participação dos manauaras é interessante. Além de representarem uma parcela grande dos turistas que chegam à Parintins, os manauaras, na percepção de alguns atores locais, estão sendo bem mais beneficiados e estão passando a gostar mais de boi que até os próprios parintinenses. Em Manaus, há pelo menos duas festas relacionadas ao boi de Parintins: o “Carnaboi” e o “Boi Manaus”. Há também vários eventos menores, durante o ano, para arrecadação de fundos para as agremiações. **GB1** e **GM30**, respectivamente, afirmam que:

[...] Vejo hoje, que o parintinense não é tão fanático por boi, mas o manauara, tanto que quem “vende” o boi não é Parintins, mas Manaus, exemplo disso é o Carnaboi e o Boi Manaus.

[...] Não temos o bar do boi, tudo está em Manaus. Todo o conhecimento fica em Manaus, ela que é a chave para o Festival.

Esse fanatismo que existe em Manaus, e diga-se de passagem que já começou a bastante tempo, concorre com o gradual desinteresse pelo Festival por parte do parintinense mais adulto. Na mente dos mais antigos, está guardada a memória dos tempos de brincadeira de rua, onde o povo, indiscriminadamente participava.

Há uma certa dicotomia na mente dos entrevistados. O desinteresse por parte de alguns, não significa que estes pararam de torcer por Garantido e Caprichoso, ou que o folguedo perdeu valor para a comunidade. As pessoas continuam torcendo para o seu boi de coração, continuam enfeitando suas casas na época do Festival e até fora dele, muitos ainda demonstram orgulho por pertencer à cidade de Parintins e pelo crescimento do Festival. Entretanto, quando indagadas se elas se consideram participantes do evento, a resposta é negativa.

Estas pessoas mantêm um carinho pela festa, mas participar do Festival não é algo que desperte tanto seu interesse, a ponto de fazer sacrifícios para ver seu boi brilhar na arena. Vejamos a constatação sobre este afastamento da população, nas falas dos entrevistados **MB5**, **AD11** e **FG15**, respectivamente:

[...] Se eu participo? Não me considero participante, pois eu nem lá vou participar das atividades por causa do trabalho. Aqui a gente só vê passar o Festival. Antigamente o Festival era diferente, hoje está muito diferente; representava alegria, euforia, porque a gente ia pra lá e participava. Hoje o povo de Parintins quase não participa, é quase só o pessoal de fora, né?

[...] Participo igual aos outros parintinenses, ficamos de fora do Festival. Participamos dos ensaios todinhos nos meses antecedentes, lançamentos de dvd/cd. Mas no Festival, a população não é espectadora da festa [...] Aos poucos a população vai saindo de cena, até mesmo pelos preços que são praticados no bumbódromo, é muito seletivo o preço.

[...] O Festival era uma expressividade popular, nascida de um conhecimento tradicional, até mesmo da necessidade de ajuntamento da comunidade, mas a evolução do boi acompanhou a evolução do pensamento econômico, de lá pra cá, as mentalidades foram acompanhando a lógica do sistema capitalista. O real comprova isso, o boi seguiu as imposições do sistema capitalista [...] toda aquele conhecimento tradicional, a mística das culturas tradicionais que se manifestavam nas festas, hoje se transformou na indústria cultural, um evento para agradar turistas, não mais para a comunidade, mas um produto para exportação.

Na fala de **AD11** podemos visualizar uma comunidade que ainda tem ânimo para participar dos preparativos da festa. Essa comunidade participa dos ensaios, das festas pré-Festival, mas ao *grand finale* poucos conseguem ter acesso. A cereja do bolo, cada vez mais, é reservada para o “pessoal de fora” como expressa a entrevistada **MB5**. O Festival se adequou aos novos tempos, suas mudanças estruturais e estéticas o ajudaram a crescer e a ganhar mídia que necessitava para ganhar o mundo. Mas tais mudanças, exacerbaram-se ao ponto de estar criando um afastamento de sua real população.

Enquanto alguns ainda não se deram conta destas imposições capitalistas, tomando a fala de **FG15**, sobre o Festival e não entendem ou aceitam muito bem, que hoje o evento seja feito por parintinenses para ser entregue ao “pessoal de fora”; outros, como o entrevistado **GG21**, sintetizam muito bem esta relação quase fabril de “produção e venda”:

O Festival tem dois pontos interessantes: ele passou a não ser uma festa nossa e nós ainda não entendemos bem isso [...] Fazemos uma festa para os outros [...] Mas por outro lado, dá na gente uma espécie de frustração de que não estamos fazendo uma festa para nós, o compromisso não é só com a nossa gente, mas o compromisso é com os outros.

Sustenta-se neste trabalho, que o afastamento da população está sendo causado, não somente por conta do alijamento natural que os preços altos para se ter acesso ao bumbódromo representam, mas também por conta deste sentimento de frustração, citado por **GG21**. A frustração está levando o parintinense ao desinteresse, e a enxergar o Festival, apenas como uma alternativa econômica.

O afastamento da população carrega alguns perigos e indagações. A identidade cultural que o Festival trouxe à Parintins é real ou apenas um projeto político construído para

homogeneizar às diferenças culturais? A identidade cultural é real ou serve apenas de pano de fundo para que se venda uma cidade idealizada? O afastamento da população pode tornar o Festival apenas uma simulação de cultura popular, destituído de sentido, onde pessoas fingem que produzem cultura nascida do povo e outras fingem que consomem esta cultura. O esvaziamento da população pode gerar uma simulação de Festival Folclórico de Parintins, que com o tempo perderá interesse daqueles que hoje o exaltam, sendo substituído por outro produto da indústria cultural.

O Festival Folclórico de Parintins, na figura de suas agremiações, constitui-se em um novo poder na cidade. Às vezes as agremiações podem ser consideradas detentoras de maior poder até que a própria prefeitura, segundo os entrevistados **JS27** e **LM31**, respectivamente:

[...] Hoje, essa brincadeira, que é muito séria, transformou-se no produto cultural do Amazonas. A importância que isso tem é que o boi hoje passa a ser um quarto poder na cidade, porque emana um poder tão grande. Parintins é dividida em 3 cidades: a cidade do Garantido, a cidade do Caprichoso, e a prefeitura; mas há momentos que o poder dos bois sobressai ao do município.

[...] A festa se tornou conhecida, famosa, grandiosa, é um terceiro poder em Parintins.

As agremiações detêm poder dentro de Parintins, tanto é que a disputa para presidente dentro de Caprichoso e Garantido é acirrada, pois investimentos vêm, benefícios também. Será que o Festival Folclórico de Parintins não se tornou apenas um projeto político que congrega várias pessoas que sob a crença de um patrimônio cultural que beneficia e pertence a todos, mas que se aproxima muito mais do que Nestor Garcia Canclini (2008) aponta ao considerarmos os usos do patrimônio dentro dos estudos sobre reprodução cultural e desigualdade social? A saber:

[...] vemos que os bens reunidos na história por cada sociedade não pertencem *realmente* a todos, mesmo que *formalmente* pareçam ser de todos e estejam disponíveis para que todos usem [...] a reformulação do patrimônio em termos de capital cultural tem a vantagem de não representa-lo como um conjunto de bens estáveis e neutros, com valores e sentidos fixados de uma vez para sempre, mas como um *processo social* que, como o outro capital, acumula-se, reestrutura-se, produz rendimentos e é apropriado de maneira desigual por diversos setores [...] O patrimônio cultural funciona como recurso para reproduzir as diferenças entre os grupos sociais e a hegemonia dos que conseguem um acesso preferencial à produção e à distribuição dos bens. (GARCIA CANCLINI, 2008, p. 194-195)

Outro aspecto das indagações feitas acima está relacionado a uma Parintins idealizada. Aqui, as percepções de alguns atores sociais nos chamam à atenção, pois a cidade idealizada está relacionada ao modo como o Festival apresenta e representa a Amazônia e seus personagens.

A Amazônia tem sido representada de diversas formas ao longo dos séculos, ora ela é representada como um espaço imenso coberto por uma vasta floresta tropical, ora como espaço ocupado por populações primitivas. Outra forma de ver a Amazônia é referindo-se a ela como um domínio natural em que o elemento social é encarado como invasor (NUGENT, 1993; SLATER 1996). A noção da Amazônia como um local onde o elemento natural é predominante, baseia-se em dois pressupostos básicos sobre as populações amazônicas: o primeiro nos diz que durante o processo de dissolução das populações indígenas e o surgimento dos caboclos, a natureza foi o único fator que se manteve constante. O segundo nos diz que o meio ambiente foi um fator limitante para que houvessem sociedades indígenas pré e pós-coloniais complexas (ADAMS *et al*, 2006).

São várias as Amazônias no imaginário e nos escritos, muitos são as Amazônias inventadas tanto por sábios como por leigos (GONDIM, 2007). Mas acostumou-se a ver a região como estática, onde habitam os bons selvagens em harmonia com a natureza, há problemas mas estes sempre estão muito distantes da realidade dos grandes centros, sendo encarados como problemas pré-modernos.

Dentre estas representações, o Festival Folclórico de Parintins dá a sua contribuição por meio das letras de suas toadas, suas danças e alegorias. Entende-se que o Festival transmite uma mensagem àqueles que o acompanham, dentro do bumbódromo, pela televisão, rádio ou internet, mas será que o Festival não está servindo para divulgar os mesmos estereótipos que já são veiculados no resto do Brasil e do mundo?

A repetição dos mesmos temas é um incômodo e motivo de desinteresse pela festa por parte do entrevistado **AD11**:

[...] Eu, como outros nem fazemos questão de assistir ao Festival, ele é muito repetitivo, todo o ano eles apresentam a mesma coisa, muda uma coisa ou outra coisa.

A questão não é apresentar os mesmos personagens (o índio, o caboclo, o europeu etc.), mas idealizar suas representações como se elas fossem estáticas, distantes das questões problemáticas dentro da Amazônia. Para o entrevistado **AC33**, o Festival deveria ser um meio educacional que servisse para desmistificar a visão romântica que se tem da Amazônia:

[...] o festival precisa avançar muito nesse sentido, inclusive como meio pedagógico, em dizer o que é a Amazônia, o que é o caboclo, a identidade amazônica.

Quando o entrevistado afirma que o Festival precisa dizer o que é a identidade amazônica, ele não contesta o fato do Festival ter dado uma cara, um referencial cultural à

Parintins perante o Norte e o Brasil, como afirmamos anteriormente; porém ele preocupa-se com a imagem que as pessoas têm sobre o que é Parintins, quais são as suas raízes de fato, mas acima de tudo, o que é a Amazônia hoje e não somente o que ela foi ontem.

A grande preocupação é com o estereótipo que é criado, ou melhor é reproduzido e que serve muito bem aos meios de comunicação de massa, como está relatado na fala do entrevistado **RA35**:

[...] Ele foi tomado pela mídia como um festival representativo da Amazônia, foi elencado como um grande propulsor de uma dita cultura popular, que hoje interessa mais a massa, aos veículos de massa, do que à cultura popular em si mesma. A Amazônia exótica é vendida através do Festival, a Amazônia romântica é apresentada.

O Festival precisa mostrar uma Amazônia real, uma Parintins real, pois na percepção de alguns entrevistados, tudo não passa de apenas um espetáculo que serve para fortalecer preconceitos. **AC33**, completa dizendo que:

[...] O que se percebe é que a Amazônia, Parintins, o caboclo ribeirinho, todos estes personagens que compõe a Amazônia [...] de certa forma, percebe-se que eles tem sido veiculados de forma altamente equivocada, altamente caricatural, que não corresponde, tanto ao caboclo, como a problemática indígena, o Festival precisa ficar seus pés nas problemáticas atuais.

Encerra-se esta parte com uma citação que exemplifica bem o que acaba de ser exposto acima:

[...] é impossível omitir a prática idiotizadora contra a cultura indígena, através de macaqueações de rituais, crenças e mitos. Enquanto na arena aquele acervo milenar é mercadoria de luxo para “inglês ver”, os protagonistas inspiradores do processo, estrangeiros no evento, definham lentamente nas artimanhas da invasão cultural, contaminados pelas mazelas da tal civilização. Durante a festa, há uma convergência massiva em torno do lúdico, do alegórico e das fantasias indígenas, como instrumentos de lascívia e erotização; porém, em se tratando do real, ninguém se arrisca, se quer provar do “pirão” daquela cultura (GUEDES, 2002, p. 55)

Tal prática “idiotizadora” contra a cultura indígena e a cabocla, pode gerar problemas sérios que ultrapassam o limite da cultura. No caso dos “instrumentos de lascívia e erotização”, tais coisas podem gerar sérios impactos sociais no seio da comunidade, como veremos em outra parte.

2.3 SÍNTESE DAS QUESTÕES CULTURAIS

As duas primeiras ilustrações, representam os pontos em que a maioria das respostas indicaram concordância acerca dos pontos cruciais referentes à valorização artística-cultural, ao orgulho local e identidade cultural, além disso podem ser considerados como os impactos culturais positivos. A seguir, a outra ilustração refere-se aos pontos que diferem sobre os dois mapas acima e podem ser considerados como impactos negativos. Nota-se que apesar de a questão da identidade cultural estar na ilustração 2, ela aparecerá na ilustração 3, pois apesar de alguns dos atores sinalizarem isto como um impacto cultural positivo, alguns outros sugerem que não seja algo tão positivo assim.

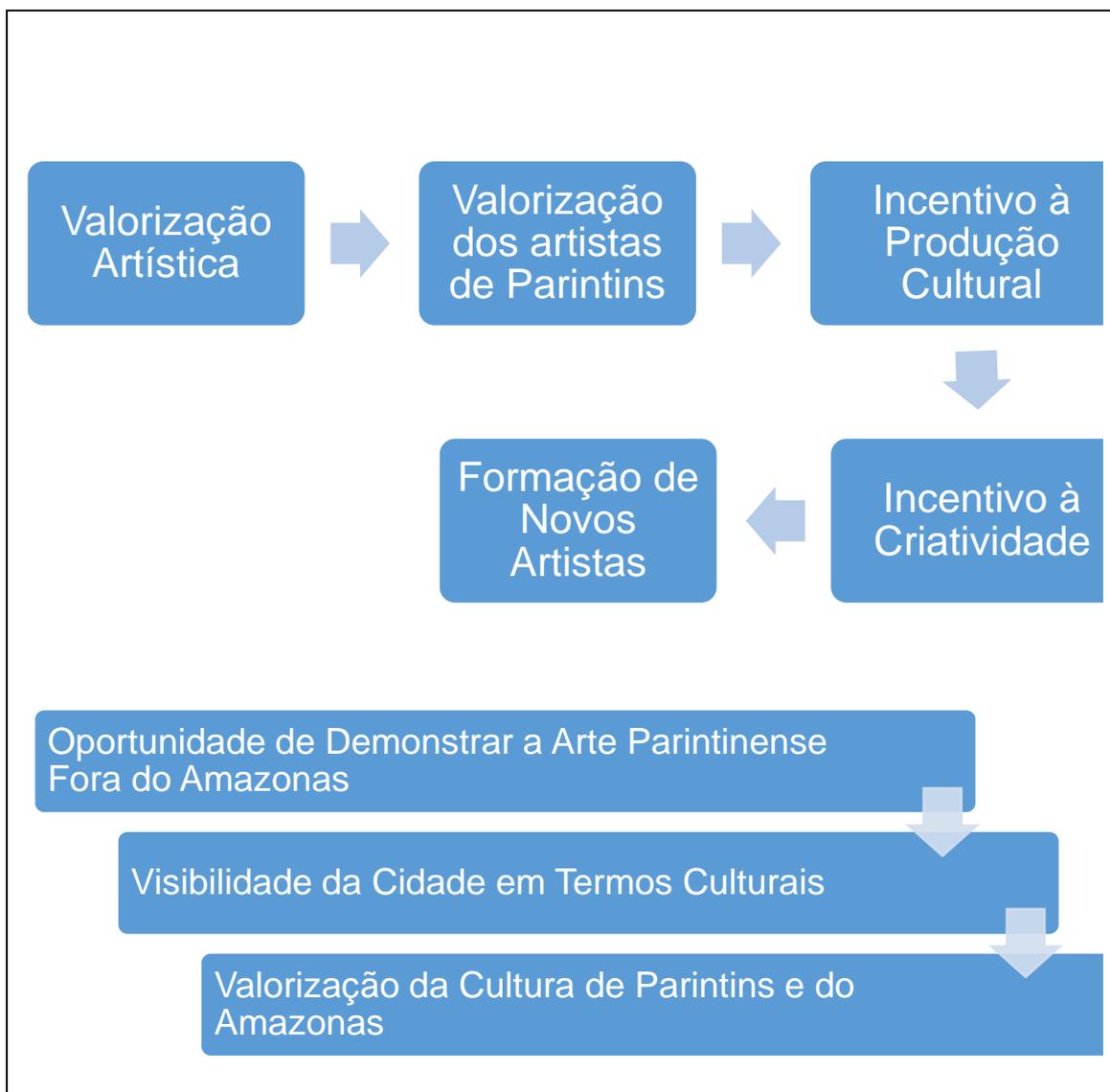


Figura 2 – Síntese: Valorização Artístico-cultural
Fonte Própria

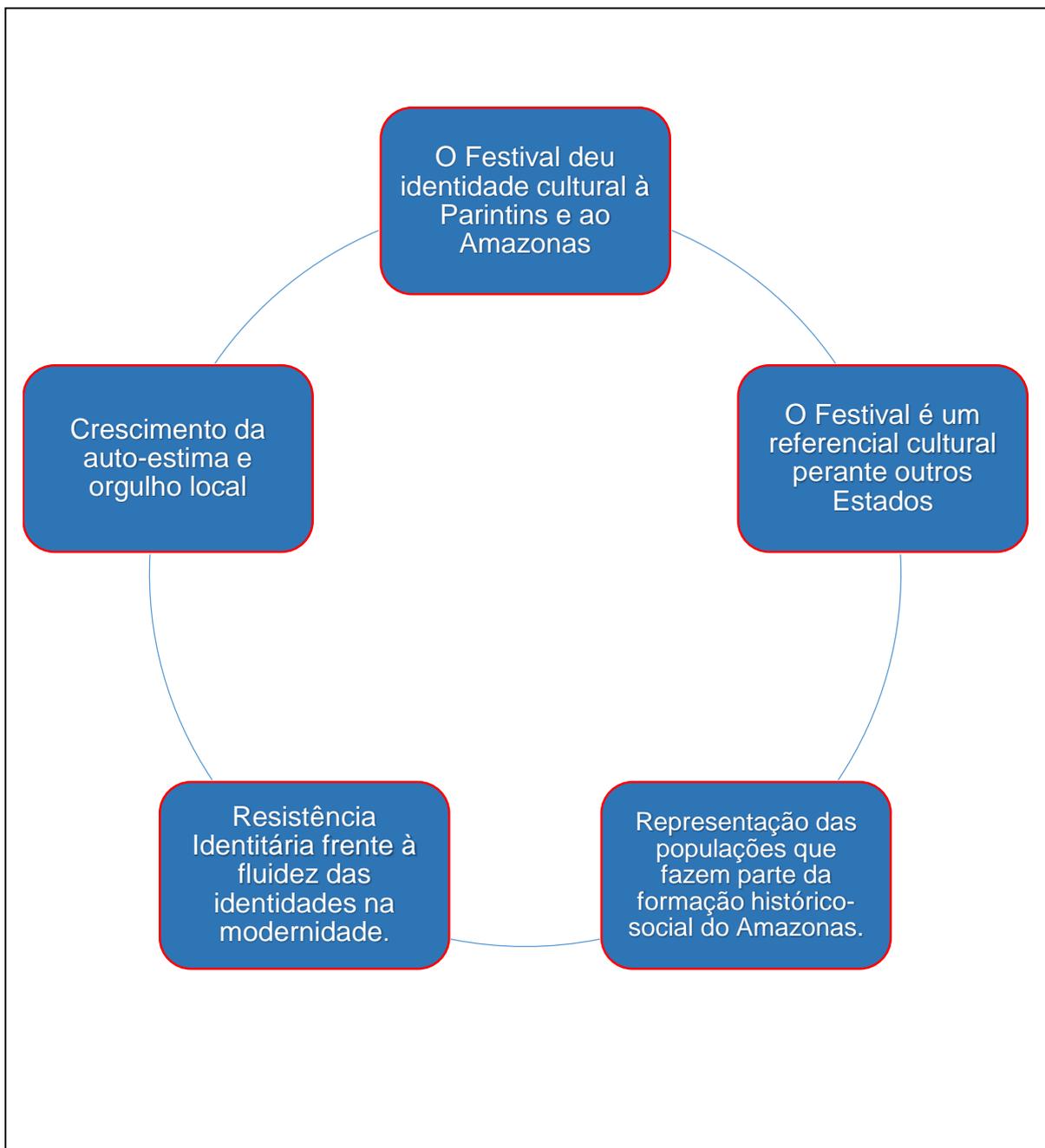


Figura 3 – Síntese: Identidade e Orgulho Local
Fonte própria

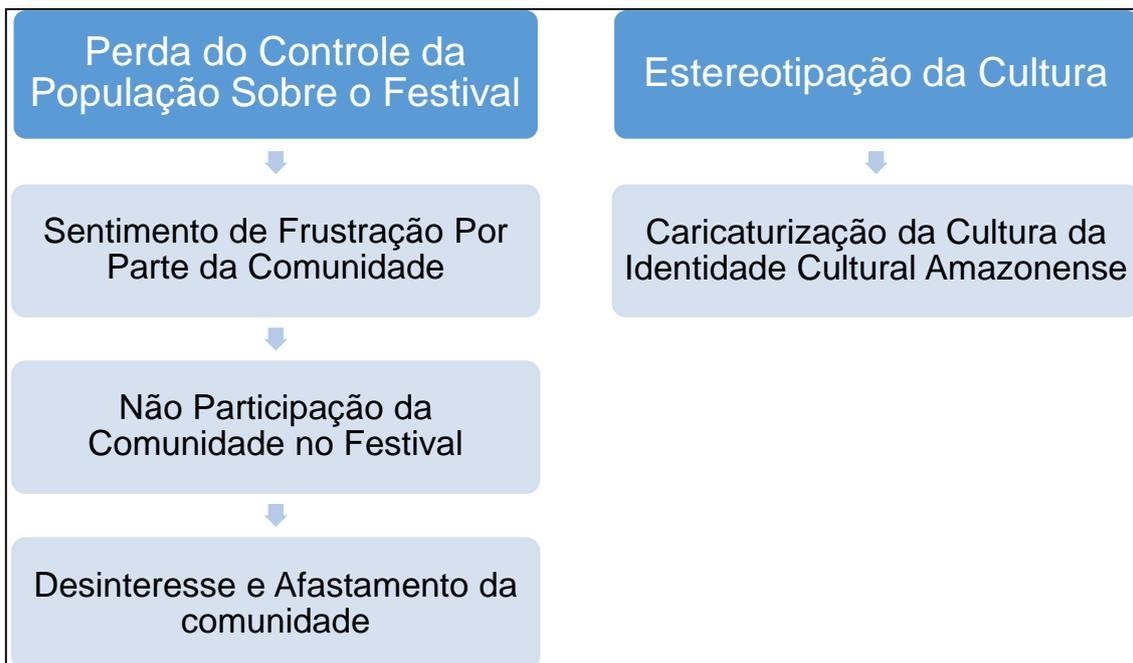


Figura 4 – Impactos culturais negativos
Fonte própria

Os impactos culturais geralmente são incorporados aos impactos sociais, mas devido ao contexto deste trabalho, eles foram separados. As questões sociais serão abordadas no capítulo a seguir.

CAPÍTULO 3 IMPACTOS SOCIAIS DO FESTIVAL FOLCLÓRICO DE PARINTINS

Os eventos são meios para se conseguir investimentos para a melhoria socioeconômica e para se ter um estímulo à urbanização, porém o incentivo ao crescimento dos eventos em localidades interioranas, sem antes realizar um processo de preparação social pode trazer outros impactos significativos não esperados (ROCHE, 1992; COSTA, 2008).

A partir da década de 1980, a cidade de Parintins começou a sofrer mudanças econômicas, sociais e políticas, que refletiram o crescimento do Festival Folclórico de Parintins. Agentes externos à população foram responsáveis pela promoção do espetáculo, tal intervenção externa deixou marcas indeléveis na sociedade parintinense (FERNANDES, 2002).

Este capítulo trata dos impactos sociais percebidos pelo atores locais. Nota-se que o Festival Folclórico de Parintins foi a porta de entrada de Parintins na modernidade, processo que se materializa nas mudanças sociais, políticas, na urbanização das cidades, no ritmo da mudança da tecnologia e em vários outros aspectos do cotidiano, e que muitas vezes se opõe e complementa aos modelos tradicionais de cada sociedade, produzindo efeitos diversos (GUIDDENS, 1991, TOURAINÉ, 1994).

Em primeiro lugar, aborda-se as mudanças na infraestrutura da cidade de Parintins, reflexo do prestígio que o Festival passou a ter, sendo que tais mudanças estruturais, apesar de pontuais, influenciaram o crescimento urbano da cidade, gerando modernização urbana, mas não isenta de problemas sociais. Em segundo lugar, o Festival serve para dinamizar o trabalho e a economia em Parintins, trazendo benefícios aos cidadãos. Contudo, abre espaço para grandes problemas sociais e para que problemas globais tirem a tranquilidade da antiga pacata cidade.

3.1 MUDANÇAS INFRA ESTRUTURAIS EM PARINTINS

Antes da criação do Festival Folclórico de Parintins, a brincadeira de boi já existia em Parintins, tanto é que em 2013 os bois estavam comemorando o seu centenário. O Festival veio a existir bem depois, em 1965, fruto da iniciativa da igreja católica, com vistas a reunir os jovens da cidade e acabar com as constantes brigas de rua que ocorriam entre os torcedores de cada boi.

O término das brigas de ruas, até hoje, é apontado com um dos principais benefícios sociais ocorridos pelo advento do Festival, como aponta a entrevistada MM26:

[...] Um impacto social positivo é o fato de que as brigas de rua, entre os torcedores, terminou devido à criação do Festival, as regras dele limitaram a

ação dos torcedores, pois se os torcedores se comportassem mal, o boi perderia ponto e o boi contrário poderia vencer.

Na década de 1980, quando os olhos do poder público passaram a perceber o Festival. Um dos governadores da época, Amazonino Mendes mobilizou recursos para a construção de um local específico para as apresentações dos bois, pois, a cada ano, o número de pessoas que desejavam acompanhar as apresentações, crescia. O ano de 1988 é um dos maiores marcos na história recente de Parintins. Neste ano, houve a criação do bumbódromo, talvez a primeira obra de infraestrutura justificada pelo Festival. Pelo menos no interior do Amazonas, não há obras semelhantes que precedam o edifício, que se tornou um exemplo da força econômica que está por trás das apresentações de Garantido e Caprichoso.

O bumbódromo é a primeira mudança estrutural significativa que o Festival trouxe para os parintinenses e a entrevistada **AP14** o percebe como uma das coisas que diferenciam Parintins das outras cidades do Amazonas:

[...] Quanto aos aspectos físicos, o nosso bumbódromo é um lugar totalmente diferente do que era antes (antes do bumbódromo), é uma arquitetura diferente para nós, algo grandioso para um cidade do interior.

Os anos 90 foi o estopim de crescimento e reconhecimento do Festival fora dos limites do Amazonas. Em 92, os primeiros patrocinadores já injetavam recursos financeiros nas agremiações para que cada vez mais o espetáculo se modernizasse, enquanto o poder público realizava melhoras estruturais na cidade, pois a demanda de turistas só crescia.

Em mais ou menos 25 anos, o Festival Folclórico de Parintins passou de um pequeno evento comunitário que visava congrega a comunidade, para um megaevento que possui demandas cada vez mais diferenciadas, deixando evidente à influência da modernidade e o seu ritmo de mudança (GIDDENS, 1991) cada vez mais veloz.

O Festival representa muitas coisas em Parintins, além do aspecto cultural e dos impactos ambientais, o evento é a justificativa para várias mudanças infra estruturais e melhorias em equipamentos públicos já existentes. Os atores locais entrevistados percebem claramente a relação entre o crescimento do Festival de Parintins e a chegada do “progresso urbano” à cidade.

Parintins deixou de ser apenas mais uma cidade do interior do Amazonas. Os investimentos que o Festival proporcionaram, permitiram que o município fosse melhor visto pelos governantes. Parintins tornou-se foco dos investimentos do poder público do estado, tornou-se foco das grandes corporações que começaram a disputar um lugar para suas marcas, buscando associar sua imagem a um evento cultural no meio da floresta amazônica. Parintins é o único local da terra, onde o rótulo da Coca Cola pode ser encontrado na cor azul,

onde a cor do Banco Bradesco também torna-se azul, onde nenhuma empresa quer perder clientes por conta das cores vermelha ou azul.

Desta forma, o Festival Folclórico de Parintins ganhou visibilidade, marketing e fama. Todos estes ingredientes fazem com que durante três dias, a cidade de Parintins seja a capital mundial do folclore. Para tal é necessário garantir uma mínima infraestrutura para recebimento das pessoas que irão acompanhar o espetáculo.

A cidade já conta com um aeroporto desde o ano de 1984, porém com o crescimento da cidade e a própria construção do bumbódromo, ele foi mudado de localização. Atualmente, o aeroporto Júlio Belém está localizado na região do Parananema, zona rural/suburbana de Parintins.

Parintins teve seu porto inaugurado em 2006, com a ajuda do então ministro dos transportes e ex-prefeito de Manaus durante a década de 90, Alfredo Nascimento. O político se junta a muitas outras figuras da política amazonense, no que tange ao gosto pelo Festival. O porto de Parintins é o segundo maior terminal hidroviário do Amazonas, ficando atrás apenas do de Manaus.

Os atores locais entrevistados percebem estas e muitas outras obras de infraestrutura, como decorrentes da importância do Festival. Até mesmo o aeroporto, que data de um período anterior à popularização do evento, é considerado um equipamento de infraestrutura devido às eventuais melhorias que o mesmo recebe. Vejamos o que dizem os entrevistados **RP16**, **AD11**, **MC19** e **GG21**, respectivamente:

[...] Se eu for nomear as mudanças que aconteceram em virtude do festival, posso te dizer que foram em torno de 80% de toda a transformação que Parintins recebeu.

[...] O Festival para Parintins foi um divisor de águas, quando ele se tornou essa coisa gigantesca, a partir da década de 80, quando virou uma festa nacional/internacional. O Festival foi responsável pelo desenvolvimento do nosso município, pelo crescimento da infraestrutura de Parintins. Hoje temos um aeroporto categoria 5, um porto na qualidade que nós temos, a distribuição de água e energia elétrica que não é ideal, mas é melhor que na década de 80. Tudo isso a gente ganhou pela dimensão do nosso festival.

[...] Tivemos mudanças estruturais muito grandes. Hoje você vê em Parintins, uma obra que é gigantesca. O bumbódromo de Parintins é um exemplo de mudança estrutural, um investimento de quase 40 milhões, segundo dados do governo do estado. Todos os anos a cidade recebe uma operação de embelezamento, de tapa buraco, de melhoria de aeroporto, temos melhorias na questão da iluminação pública, uma melhoria na segurança, além de outras questões aí, mas acho que é mais estrutural.

[...] Acredito que Parintins deve muito a este Festival, é responsável por um aeroporto bom que nós temos, um porto bom, é responsável por uma gama de investimentos que estão sendo feitos em Parintins. O governo do Estado anunciou um volume de 200 milhões de reais para serem investidos na orla de Parintins, além do próprio bumbódromo e outros locais que são

considerados pitorescos, paisagísticos que serão alternativas para turistas conhecerem.

O Festival Folclórico de Parintins se fosse um ser humano poderia se gabar de ser a justificção para os investimentos e melhorias no município de Parintins. Desde uma simples açção de tapa buracos até a construçção do porto, passando pelo embelezamento da cidade, no que concerne à construçção e melhoria de praças, e a reestruturaçção de ruas, o Festival é visto como a força motriz de urbanizaçção em Parintins.

O crescimento urbano da cidade acompanhou o crescimento e popularidade do Festival, além do embelezamento das ruas, da construçção de praças, do porto e do aeroporto, algumas outras benesses da modernidade chegaram à Parintins, como é o caso das operadoras de telefônicas celulares, melhorando o alcance da comunicaçção no município.

Retomando a questção do embelezamento das ruas, tal melhoria envolveu o recapeamento com asfalto e a instalaçção de canteiros centrais. Algo que permitiu que as vias mais movimentadas, como a Avenida Amazonas tivessem a concentraçção de “bares lanchonetes, restaurantes e barracas de iguarias típicas que a tornaram aprazível e sustentam relativa vida noturna.” (FERNANDES, 2002). Além disso, a orla da cidade foi remodelada e estruturada para não sofrer mais com a queda de terra das margens, possibilitando uma visão mais agradável.

Os atores locais entrevistados com frequêcia comparam o estado de urbanizaçção da cidade de Parintins com outros municípios do Amazonas, como podemos constatar nas falas de **AD11**, **FC17** e **RB39**:

[...] o Festival é o único diferencial que Parintins tem em relaçção às outras cidades do interior. Se você for conhecer as outras cidades, Parintins tem uma infraestrutura muito superior. Infraestrutura como essa você só encontra em cidades como as da área metropolitana de Manaus.

[...] o investimento na cidade, educaçção, saúde, infra estrutura, tudo isso são questções que o festival proporciona para a populaçção. Parintins é como se fosse um polo para outras cidades.

[...] O Festival trouxe uma infraestrutura urbana melhor ao compararmos com as outras cidades da região.

Essa melhor infraestrutura urbana possibilitou o êxodo de algumas pessoas da área rural para a área urbana, em outros casos algumas pessoas que não moravam em Parintins, passaram a morar no município devido ao Festival. A cidade a cada dia passou a ser mais atraente por conta do evento, “o campo ficou mais vazio e a cidade mais cheia” (SOUZA, 2002). Entretanto, o crescimento urbano de Parintins foi desordenado, assim como em muitas outras cidades brasileiras, tendo a criaçção de novos bairros como a soluçção para acomodar os novos e velhos parintinenses, **ER18** exemplifica muito bem isto:

[...] Muitos bairros surgiram como o Itaúna e o Paulo Correa, onde tem muitos comércios, então inchou, devido ao número de pessoas que vem pra cá, mas não em função de buscar emprego, mas montar seu próprio negócio na perspectiva que faça alguma coisa em nome do boi.

Mais recentemente, a urbanização de Parintins vai invadindo cada vez mais as áreas até então conservadas de Parintins, criando novos bairros próximos à áreas ambientalmente frágeis, como relata o entrevistado **RB39**:

[...] Vemos que várias chácaras estão sendo construídas. Há a ampliação da cidade nessa área florestada, que não é qualquer mata, Nós tínhamos um castanhal, próximo ao Aninga, tínhamos um manancial muito grande, que hoje está sendo cada vez mais espremido ou excluído para a construção de casas.

O crescimento de uma cidade não pode ser explicado somente por conta de um evento cultural, mas certamente o Festival Folclórico é responsável pela nova estrutura e configurações que a cidade vai ganhando; os atores locais percebem isto muito bem. E um dos aspectos que tais atores atribuem ao crescimento do Festival é a vinda das universidades para Parintins.

Na década de 80, Parintins contava com a UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro) por conta do Projeto Rondon. Com a saída da UERJ, muitos jovens em busca de completar seus estudos universitários começaram a migrar para Manaus. É aí que a UFAM (Universidade Federal do Amazonas), em 1987 chega à Parintins, trazendo o curso de letras e mais tarde o curso de geografia e outros novos cursos. Isto começa a reter mais os jovens estudantes.

A criação da Universidade do Estado do Amazonas (UEA) já nos anos 2000, faz com que mais uma universidade pública se estabeleça no município. Logo depois, o Instituto Federal do Amazonas (IFAM) também chega à Parintins. Estas instituições de ensino superior diversificaram o cenário da educação em Parintins e deram novas alternativas aos jovens que saem do ensino médio. Tais mudanças, na percepção dos entrevistados **LM31** e **MC45**, estão ligadas ao Festival:

[...] Eu me sinto beneficiado, pois através do crescimento da festa, vieram as universidades estadual e federal, e outras particulares. Nosso nível de ensino aumentou, o nível de educação.

[...]as universidades que estão aqui estabelecidas (UFAM, UEA, IFAM), que são fomentadoras de conhecimento e informação, as universidades particulares que chegaram aqui, o grupo 5s do governo (SESI, SENAI, SESC etc.), isso é fruto do Festival.

Além das universidades públicas, as particulares já “descobriram” Parintins, sem contar instituições como o SESI e SENAI, onde cursos profissionalizantes podem ser feitos pela população, em especial os jovens. A vinda das instituições é vista como uma melhora na educação, sendo esta, associada à presença de estruturas físicas. Além da educação, a estrutura dos prédios de saúde também sofreu melhorias, sendo isso tido como um impacto positivo na saúde, em si.

Eis que Parintins, em um primeiro momento, está transformando-se a cada Festival que passa, modernizando a sua infraestrutura urbana. Possui um local imponente para a realização do evento que lhe deu projeção nacional, sua área urbana ficou mais atraente para se morar, suas ruas e praças estão belas, a orla da cidade está estruturada para servir de atrativo, começa-se a esboçar uma vida noturna em torno dos bares e equipamentos de restauração que se encontram nas principais vias, a educação superior está presente com um bom número de cursos e há hospitais para suprir as necessidades da população e até de outras cidades próximas. No entanto, isto constitui-se em uma modernização estrutural incompleta (KLEIMAN, 1996), pois convive com problemas urbanos básicos, com bairros criados de forma desordenada, que reproduzem as desigualdades sociais e a pobreza das grandes cidades.

Enquanto que para alguns Parintins deve tudo ao Festival, para outros, tal afirmação não passa de exagero. O fato do Festival ter melhorado parte da infraestrutura de Parintins não é negado, porém alguns atores locais percebem que tais mudanças são pontuais e pequenas se comparadas aos reais problemas que Parintins possui, de modo que utilizar o Festival como justificativa para investimentos não está produzindo as melhorias necessárias para a cidade. O entrevistado **RA35** afirma que benefícios reais não estão sendo percebidos por grande parte da população:

[...] Digo que as modificações são quase nenhuma, são mudanças pontuais para ludibriar o turista. O que fica para a população, bato nessa tecla, é muito pouco. O que melhora é uma pintura de rua, um asfaltamento. Uma mudança estrutural concreta, permanente, praticamente nada.

Para alguns, o que ocorre em Parintins é semelhante ao que ocorre com a Copa do Mundo do Brasil, há a promessa de melhorias infra estruturais significativas, utiliza-se a ideia de legado para justificar investimentos bilionários, mas as mudanças que ocorrem, de fato, ficam muito aquém do que era esperado. São obras que maquam os problemas reais de uma localidade, esvaziam os cofres públicos, mas que em pouco tempo necessitam de reformas, que demandam mais recursos financeiros públicos.

Mas a comparação mais interessante é com a Zona Franca de Manaus, como afirma o entrevistado **MC45**:

[...] O Boi está para Parintins, como a Zona Franca está para Manaus.

Esta comparação nos dá uma dimensão do que o Festival, em termos econômicos, representa para Parintins.

Entretanto, há uma queixa generalizada quanto aos benefícios que o Festival promove. Por exemplo, durante o Festival, todos os dias e a todo momento chegam aeronaves no aeroporto Júlio Belém, mas após o evento, a cidade sofre com a interdição dos voos. Tal “sazonalidade de benefícios” advindos por conta do Festival serão descritos a seguir.

3.1.1 Benefícios temporários?

Uma das principais queixas dos atores locais é o fato de que todas as coisas funcionam perfeitamente bem na época do Festival Folclórico de Parintins; passados os dias do evento, a cidade volta a sofrer com velhos problemas. A rede de distribuição elétrica não é uma das melhores, mas no Festival ela é satisfatória; o atendimento na rede pública de saúde é ampliado e há médicos de todas as especialidades, atendendo a população em tempo integral nos dois hospitais da cidade; a segurança pública aumenta consideravelmente, afinal o aglomerado de pessoas demanda isto; o aeroporto funciona dia inteiro para receber os inúmeros voos que chegam à Parintins.

Dizer que o Festival possibilita uma melhor saúde e segurança públicas é certo, mas apenas temporariamente. Quando o Festival acontece, o governo do Estado envia várias equipes de saúde e um efetivo maior de policiais militares para Parintins. No entanto, quando as luzes da arena do bumbódromo são apagadas, tais benefícios voam da ilha, assim como outros benefícios temporários.

Os atores locais percebem esta situação como um descaso por parte do poder público e sentem-se desprestigiados, pois os benefícios temporários servem aos interesses do evento, de seus organizadores e dos turistas que enxergam uma Parintins “fictícia” no entendimento do atores locais. Os entrevistados **GB1**, **MB3**, **AP14**, **ES24** e **VG32**, respectivamente, apontam essa descontinuidade:

[...] Tudo funciona na época do Festival, o governo traz tudo para o município, e depois esquece-o, fica abandonado. Os benefícios vêm para atender os visitantes e os benefícios para a população, cadê? Não há investimento para as polícias, na segurança, só na época do festival.

[...] Depois de Manaus, um dos municípios mais visados e que cresceu foi Parintins, entretanto esse foco só se dá no período do Festival. As coisas só funcionam na época do Festival. Nosso policiamento melhora, ele é bom, mas vem muita gente de fora. Nossa energia não é muito ruim, mas na época do

Festival funciona 24 horas, o fornecimento de água também funciona perfeitamente na época do Festival, fora disso sofreremos racionamento.

[...] Como os olhos do Estado e Brasil se voltam pra cá, muita coisa vem para Parintins. Gera alguns benefícios, por exemplo: trazem curso de capacitação, os hospitais na época tem médico de toda forma, tudo funciona. Depois algumas coisas ficam, outras vão embora, volta a ser uma cidade do interior.

[...] Os serviços públicos ficam 10 no festival, mas somente no Festival.

[...] Ele precisa deixar de ser sazonal. Que as ações paliativas, fossem permanentes. Muito recursos vem pra cidade, mas pouco fica.

Tais constatações dão a impressão de que “as coisas só funcionam” no período do Festival, pois “os olhos do Estado e do Brasil” e do mundo estão sobre Parintins. Afinal, é necessário passar uma boa imagem da cidade para que o turismo cresça e os patrocínios milionários permaneçam. É a imagem do Amazonas e do Brasil que está em jogo, ou seja, não importa que vários serviços públicos não tenham a devida atenção durante o ano todo, importa que eles sejam bons enquanto o visitante está presente, para que o mesmo leve uma boa impressão quando retornar para casa.

3.2 TRABALHO E ECONOMIA

Em se tratando da área urbana, as ofertas de trabalho derivam dos cargos comissionados no serviço público, comércio e pequenas empresas, serviços (restaurantes, hotéis e pousadas, turismo em geral). Contudo, não há muitas vagas disponíveis, sendo o desemprego um problema social forte em Parintins.

Com a movimentação em torno do Festival, pelo menos por três meses há absorção de mão de obra em Parintins para se trabalhar nos bois. Com o passar dos dias e a aproximação do evento, muitas pessoas se preparam para trabalharem com vendas de alimentos, artesanato e outros objetos relacionados aos bois.

O Festival Folclórico de Parintins, além de ser esperado pelo seu elemento festivo, tornou-se um momento muito esperado por várias famílias parintinenses, que veem no Festival uma chance de incrementar a sua renda. O que mais impressiona é o fato do evento durar 3 dias, mas a renda gerada é tão grande a ponto de repercutir no orçamento do ano inteiro para muitos parintinenses.

O Festival é o momento de maior circulação de dinheiro na cidade e é a galinha dos ovos de ouro para a economia parintinense. Os atores comprovam a importância econômica do evento, vejamos o que afirmam os entrevistados **VP8**, **C12**, **FG15** e **AA25**, respectivamente:

[...] Em questão de município é algo bom para Parintins, em questão de renda, é uma renda que entra, muitos moradores se preparam para esta época. É bom, pois proporciona trabalho para o pessoal. É uma renda extra, venda de churrasco, passeio de barco, triciclo, é quando o povo se “faz” financeiramente.

[...] É ainda a única fonte de recursos para nós, mesmo que uma vez ao ano. A mudança positiva é que ele traz recurso para muitas famílias que esperam isso o ano todo.

[...]a cidade passou a existir por causa do boi. A vida econômica de algumas pessoas melhorou consideravelmente, há um interesse das pessoas para buscarem formação para podem conseguir algum lucro com o boi, são aqueles programas de emprego e renda, de desenvolvimento de tecnologias populares, então sentimos que ouve um despertar das pessoas para buscar um oportunidade durante este período, durante estes três dias.

[...] O Festival traz benefícios para a cidade, benefícios para as pessoas, elas conseguem ganhar algum dinheiro extra, ainda mais aqui no nosso município onde nós não temos fábrica. Antigamente as pessoas tinham poucos recursos, agora com esse festival elas conseguem mostrar seu trabalho, suas atividades. Há também as pessoas que alugam suas casas, é mais um recurso para melhorar o ambiente que elas moram.

Na percepção de alguns atores locais, se não fosse o Festival, Parintins entraria em estado de estagnação econômica, por isso o evento é comparado à Zona de Franca de Manaus para os parintinenses. Entretanto, faltam estudos específicos para mensuração do impacto econômico do Festival sobre Parintins, como aponta o entrevistado **RB35**:

[...] Em termos econômicos é um festival que tem dado algum retorno, mas ainda é pouco pra quantificar isso. A vantagem social é aglutinar um aporte financeiro pra cidade, o dinheiro circula mais no perímetro da sede, isso é inegável. Há um aspecto transitório, referente aos benefícios, os benefícios econômicos são passageiros. Dizer que o Festival beneficia economicamente a população é correto entre aspas, até certo ponto, precisa de mais pesquisas nesse ponto.

A possibilidade de complementar a renda familiar faz com que várias pessoas montem algum tipo de venda, durante o Festival. Há os vendedores de alimentos, vendedores de bebidas, vendedores de artesanato etc. No entanto, por não haver um controle específico para estabelecer quem pode vender e o que pode vender, um certo conflito social emerge quando pessoas de Manaus vão à Parintins concorrer com os parintinenses.

Além dos vendedores, como foi dito anteriormente, há aqueles que trabalham nos bois durante o período do Festival. Geralmente, o trabalho consiste na construção e montagem das partes das alegorias, dentro dos galpões dos bois. A participação destes trabalhadores já foi alvo do Ministério do Trabalho por conta de algumas irregularidades no que tange à segurança dos equipamentos de trabalho e más condições ambientais e de saúde, que os locais apresentam.

Após algumas multas, as agremiações passaram a enquadrar-se nas leis trabalhistas, buscando melhores condições de trabalho para os seus trabalhadores, mas mesmo assim, segundo alguns entrevistados, está ainda não é uma questão resolvida. Vejamos o que diz os entrevistados **FG10**, **AD11** e **GG21**, respectivamente:

[...] Quanto ao trabalho, o Ministério (do Trabalho) está dando em cima, antes não tinha controle, mas hoje todo mundo trabalha com equipamentos de segurança, isso é o avanço.

[...] Se a gente for pensar em trabalho dentro dos galpões, vamos encontrar problemas sociais. A questão dos equipamentos de proteção individual, bem os bois tem começado a se organizar a respeito disso, tem começado a usar os equipamentos, mas o trabalho dentro do galpão é quase sem nenhuma qualidade ambiental para o trabalhador. É um galpão que não tem ventilação, eles trabalham com material altamente tóxico e ficam fechados naqueles galpões, sem nenhuma proteção adequada para isso.

[...] Em termos de crescimento social, não acredito, não consigo apontar algum tipo de compromisso social que a festa tenha produzido, a não ser, que agora há uma política dentro dos bois fruto de um exigência do Ministério do Trabalho para que os bois tenham o mínimo de respeito com seus trabalhadores, com carga horária, material de proteção etc.

Enquanto **FG10** considera a questão da segurança dos trabalhadores, no que tange aos equipamentos utilizados, considerando a questão encerrada, **AD11** vai além da questão dos equipamentos ao citar a qualidade ambiental do local de trabalho, apontando isto como um problema social a ser resolvido pelas agremiações. Por fim, **GG21** fala em compromisso social do Festival, algo que ele não percebeu ainda na prática por parte das agremiações.

Além das questões levantadas até aqui, quais as mudanças que a sociedade parintinense mais percebem? Vejamos no próximo tópico.

3.3 PARINTINS GLOBAL, PROBLEMAS GLOBAIS

Em relação aos problemas sociais relacionados ao Festival, percebe-se que há atitudes sendo tomadas para enfrenta-los. Pode-se discutir sobre a efetividade de seus resultados, pois afinal Parintins não é mais uma cidade pequena do interior do Amazonas, é uma cidade conectada ao mundo, onde as influências globais cada dia mais estão mudando as relações sociais ali existentes.

Alguns entrevistados ainda percebem Parintins como uma cidade pequena, porém a percebem como uma cidade com aspectos e problemas de cidade grande. Para o entrevistado **AC33**, esta ideia de que Parintins é uma cidade pequena é equivocada, graças ao Festival o mundo se realiza na Amazônia e em Parintins:

[...] A gente pensar o festival, sem pensar a extensão da cidade com o mundo, pode ser um equívoco, pensa-se o Festival como o meio em que o mundo tem se realizado na Amazônia e em Parintins. Quando falamos na toada, que este festival é para o mundo ver, está certíssimo. Simbolicamente, Parintins deixou de ser uma ilha. Por conta das influências que o mundo tem na cidade, não tem-se mais a ideia de uma cidade isolada. Hoje, Parintins tem problemas cruciais de uma metrópole, então não podemos pensar Parintins como uma cidade isolada. Ela pode ter sim, característica de província, pela forma de desenvolvimento que ocorre aqui, mas dizer que Parintins é uma cidade desarticulada com o mundo é um equívoco, hoje nós pensamos Parintins como um lugar onde os grandes problemas mundiais ocorrem, tem um pouco do mundo, um pouco do que chamamos de globalização.

É interessante notar como o entrevistado percebe a relação de Parintins com o mundo. Parintins é uma das principais portas para o “mundo” entrar na Amazônia, os problemas globais se fazem presentes, Parintins deixou de ser, simbolicamente, uma ilha, e apesar de ter “característica de província”, está passando por um processo de desenvolvimento (que reproduz velhos erros das capitais brasileiras) e, sobretudo, de entrada de vez na modernidade, fato irreversível que carrega consigo inúmeras oportunidades, mas que também traz vários problemas.

3.3.1 Mudanças sociais

Há quatro décadas Parintins era apenas mais uma cidade interiorana, com hábitos locais simples, sem muita tecnologia por perto, bastante religiosa, com laços familiares estreitos e não muito conhecida até mesmo no Amazonas. Cidade pacata figurando o estereótipo da cidade pequena.

Se tinha algo que incomodava alguns cidadãos, isso se resumia às brigas de rua entre as torcidas rivais de Garantido e Caprichoso. Tais brigas foram contidas através da intervenção da Igreja Católica que criou o Festival. Este, após o seu *boom*, colocou Parintins no mapa, como alguns costumam dizer na cidade.

Mesmo tradicional, a cidadezinha do interior sempre esteve aberta ao novo, às mudanças. Como afirma o entrevistado **FG10**, Parintins sempre teve a “índole da modernidade”:

[...] A comunidade parintinense evoluiu junto com a evolução artística do boi, pois isso dependeu da aceitação da comunidade. A sociedade parintinense é muito aberta para a evolução dos tempos, sempre foi. Parintins tem a índole da modernidade, não meramente por modismo, mas pelo que isso pode trazer de benefícios para a comunidade, no seu modo de vida: melhores hospitais, melhores escolas, tudo isso caminhou junto como boi. Creio que se os bois não tivessem tido essa explosão, não tivessem caminhado junto aos grandes espetáculos, talvez Parintins não fosse a mesma cidade, talvez fosse uma cidade com características mais interioranas. Não teria avanços nem no campo cultural

Neste fragmento, o entrevistado está tratando dos avanços culturais, que alteraram alguns elementos tradicionais no boi-bumbá de Parintins, afirmando que tais inovações auxiliaram o crescimento do evento e tiveram apoio da comunidade. Esta, percebeu que o crescimento da fama do Festival traria mudanças tanto no modo de vida, como na infraestrutura do município. Talvez, a sociedade parintinense não vislumbrasse todos os impactos sociais que o crescimento da festa traria, mas segundo **FG10**, ela sabia que isto a beneficiaria.

Parintins entrou de cabeça na modernidade juntamente com Garantido e Caprichoso, ou seria o contrário? Tanto faz, tal feito é irreversível ou pelo menos impensável, hoje. Os benefícios da modernidade podem não estar plenamente estabelecidos em Parintins, mas as mudanças estruturais na cidade, a sua ligação com o mundo lá fora e as novas oportunidades que isto proporciona para a sociedade, são percebidos pelos entrevistados.

Os impactos culturais, que geralmente estão relacionados aos sociais, já foram abordados. Contudo, vale lembrar que o Festival incentivou à produção cultural em Parintins, estimulou a cidade a virar um polo de artistas, isso é um impacto social positivo significativo. Além disto, grande parte dos artistas de Parintins tem a oportunidade de viajar para outros Estados e outros países, vivendo novas experiências, conhecendo outras culturas, o que inevitavelmente tem influência no seu cotidiano, no caso dos artistas que voltaram a morar em Parintins.

Desta forma, novas visões de mundo chegam à Parintins, alterando as bases tradicionais da sociedade. Isto é algo que nem sempre as pessoas estão preparadas para lidar, gerando um choque entre modernidade e tradição. Além das diversas visões de mundo trazidas pelos artistas, o crescimento do Festival trouxe outras pessoas alheias à cultura parintinense, a saber os turistas, a mídia e as empresas patrocinadoras do Festival (o capital financeiro mundial passando por Parintins). De repente, o mundo moderno aterrissa na cidade, gerando impactos sociais, nem sempre positivos.

Há quem consiga se adaptar rápido ao ritmo de mudança imposta pela modernidade, há outros que não. Há quem resista à modernidade, mesmo vivendo em meio a ela, apegando-se às tradições; não significa que estes atores resistentes possam parar as novas mudanças sociais, mas eles preferem manter suas bases, suas crenças, seus ideais. Em face aos ventos modernos, com suas mudanças rápidas, plenas de inovações, preferem refugiar-se no ventre do tradicional, com sua quietude e movimentos conhecidos.

A busca por apagar as tradições da sociedade moderna não teve êxito, pelo contrário é plenamente aceitável que tradição e modernidade caminhem juntas em uma mesma sociedade (GARCIA CANCLINI, 2008, BECK *et al.*, 2012). É certo que a convivência não será

plenamente pacífica, mas é preciso conviver com “quem não é moderno”. Este é o caso da cidade de Parintins, onde tradição e modernidade estão separadas por uma linha tênue.

Os ventos da mudança trazem novidades mas também insegurança, os riscos e perigos próprios da modernidade (BECK, 1992). Vejamos o que alguns atores locais, como **OB22**, **MB3**, **GM30**, **RB39** e **AP14**, respectivamente:

[...] Não temos mais aquela tranquilidade de antigamente.

[...] Antes nós tínhamos uma vida mais tranquila.

[...] Parintins era uma cidade calma, pacata. Hoje, não é mais.

[...] Parintins não é mais aquela cidade pacata de 10, 15 anos atrás.

[...] Os mais antigos, que brincavam e voltavam tranquilos para suas casas, hoje têm que ter um certo cuidado. Parintins está tomando aspectos de cidade grande graças ao Festival.

As quatro primeiras falas são semelhantes, e foram selecionadas para enfatizar a percepção de que Parintins teve alterações sociais significativas: a tranquilidade típica de municípios do interior foi quebrada. E na última fala, **AP14** indica que certos problemas que deveriam ser exclusividade das capitais, estão se materializando em Parintins, neste caso, a fala da entrevistada está associada ao crescimento da criminalidade, fenômeno até recentemente próprio às grandes cidade.

Quando os entrevistados citam a falta de tranquilidade, que tipos de coisas estão implícitas nestas falas? Bem, tomando como contexto as cidades do interior do Amazonas (nem todas, é claro), vejamos alguns aspectos que podem estar relacionados às falas dos entrevistados: 1) em alguns lugares, muito poucos, ainda é possível dormir e deixar a porta da casa aberta, 2) a influência da mídia na criação de filhos, ainda é muito limitada, 3) o tráfico de drogas é algo que está pouco presente e ainda não é um assunto debatido, 4) a licenciosidade sexual ainda é um tabu, 5) o respeito aos anciãos é visível e, 6) a religiosidade, disseminada.

Há outros aspectos, mas nos fixemos nestes. Parintins vive uma mudança no nível de segurança, há a interferência da mídia televisiva e da internet no cotidiano das famílias e certos tabus ainda persistem. Quanto à religiosidade e o respeito aos mais velhos ainda são fortes na cidade. Contudo, a cada ano o choque cultural imposto pelo Festival, acirra os conflitos sociais e tira os moradores de Parintins de sua tranquilidade habitual, em especial os mais antigos, que tem modos de vida mais aliado às tradições e costuma não temer por sua segurança.

A perda da tranquilidade ocorre, sobretudo, na semana do Festival. O número de pessoas que chega à Parintins é enorme (em 2013, aproximadamente 30 mil pessoas

chegaram à ilha) há a concentração destas pessoas no centro da cidade, onde está localizado a maioria dos serviços e locais para alimentação. A maioria dos visitantes comprova uma das críticas de Krippendorf (1989), quando afirma que o turista de massa deseja realizar aquilo que ele não pode fazer no seu local de origem.

Criou-se uma imagem negativa em Parintins por parte de alguns visitantes, a imagem de que tudo é permitido na cidade, logo algumas pessoas vestem-se como se fossem ir à praia, ou pensam que estão em uma. As entrevistadas **MB5** e **VP8** relatam o seu desagrado quanto a este fato:

[...] A maneira de se vestir me causa incômodo. Aqui não tem praia, mas eles acham que podem desfilarem de sunga, de biquíni, como eles fazem aqui no mercado, se formos repreender nós somos repreendidos de volta, pois dizem que o local é público, mas porque é público posso fazer o que quero? Acho que não. Afinal, aqui ainda é uma cidade muito católica.

[...] Eu me sinto prejudicada, em um certo ponto de vista, quando vejo a cidade suja, pessoas bêbadas jogando cerveja na rua, é muita gente andando de biquíni, de sunga, mesmo não tendo praia. Eu não gosto disso, mas tem gente que gosta.

As entrevistadas se mostram bastante insatisfeitas com a conduta externa dos turistas. **MB5** relata o absurdo que é ser repreendida por turistas, em uma clara falta de respeito com quem é “filho da terra”. Além disso, sua fala traduz o choque cultural entre valores modernos e a tradição de uma cidade que ainda é “muito católica”, demonstrando que a modernização social em Parintins ainda não está em estágio avançado. Além do mais, a idealização do clima de praia sem a presença de uma, é rejeitada pelas entrevistadas.

Em qualquer dia normal, o centro de Parintins estaria ocupado por pessoas trajando no máximo shorts, devido ao intenso calor, mas nada menos que isso. O Festival permite que a ordem social seja subvertida.

O Festival, em si, não é um agente social que produz impactos sociais, mas ele é uma porta aberta para que processos negativos se concretizem em Parintins. Esta é a tese defendida pelos entrevistados **FG10**, **JM26** e **JS27**, respectivamente:

[...] É claro que há impactos sociais fortíssimos. Eles aumentaram com o crescimento dos bois, mas eles não advieram com os bois, eles já existiam. No campo da exploração sexual infantil, a gente sabe que isso existia, não vieram com os bois, mas com os bois isso se amplificou.

[...] Os problemas sociais de Parintins, naturalmente não pertence ao Festival, já é outro departamento.

[...] Toda e qualquer festa, todo e qualquer desenvolvimento acarreta problemas sociais, isso não é uma situação ou problema do festival, isso é um problema corrente, de vários aspectos.

O crescimento do Festival maximizou problemas sociais que já existiam e proporcionou outros. O crescimento urbano da cidade de forma desordenada são problemas estruturais que afetam o campo social, sem dúvida, e o Festival ajudou na amplificação destes problemas. Contudo, impactos sociais como a exploração sexual infantil, ou pejorativamente chamado turismo sexual, chegaram à ilha devido ao aumento da demanda de turistas na ilha.

3.3.1.1 Problemas sociais

A exploração sexual e o tráfico de crianças e mulheres, na percepção de vários entrevistados não eram coisas comuns ao cotidiano parintinense, mas que foram sendo introduzidos em Parintins, devido ao crescimento do Festival. Essa é uma das coisas que tiraram a tranquilidade dos parintinenses, são as dores da modernidade.

O combate contra a exploração sexual e o trabalho infantil é feito através do poder público e, principalmente, das agremiações. São distribuídos cartazes, são ministradas palestras alertando a sociedade sobre a presença desta mazela social. Entretanto, tais ações ainda não são suficientes, pois ocorrem geralmente próximo do início do Festival, como afirma **GF9**:

[...] Quando se aproxima o Festival, o governo manda um pessoal para dar palestras contra a exploração e outros temas. Nós da igreja já fazemos isso aqui, bem antes do Festival. É preciso que estas ações sejam o ano todo, pois estas práticas ruins estão acontecendo aqui.

Ainda ao tratarmos das crianças de Parintins, é necessário afirmar que as agremiações desempenham um papel importante no que concerne às suas escolinhas de artes, onde qualquer criança pode participar. As escolinhas de arte de Caprichoso e Garantido são gratuitas, sendo mantidas por meio de parcerias com empresas locais, poder público e patrocinadores externos. Além de garantir o ensino de algum instrumento, as escolinhas de arte auxiliam a manter as crianças longe das drogas, que é um dos problemas sociais mais correntes em Parintins.

Tal função social é reconhecida pela população e encarada como um impacto social positivo que o Festival, na pessoa das agremiações, proporciona à Parintins, como afirmam os entrevistados **AA4** e **GG21**:

[...] Os dois bois tem seus projetos sociais. As escolinhas dão oportunidade das crianças conhecerem seus dons artísticos. São mais de 700 alunos em ambas as agremiações.

[...] Existe uma preocupação dos dois bois, com a inclusão de crianças em projetos educativos. Os dois tem suas escolas de arte. Dentro destas escolinhas, as crianças aprendem a tocar algum instrumento musical e essas

crianças serão o sustentáculo da festa, essas escolas são sustentadas por empresas particulares e o governo estadual e federal.

Os problemas decorrentes da exploração sexual infantil e o envolvimento dos jovens com o mundo das drogas são questões que têm grande alcance na sociedade. O aumento da prostituição, da violência e da degradação da dignidade humana estão intimamente ligados à exploração sexual e às drogas, todos estes elementos concorrem para a desestabilização da sociedade parintinense e constituem ameaças à estrutura familiar existente. Estes problemas, que não são exclusivos de Parintins, acabam se intensificando a cada ano.

O Festival permite que Parintins viva, durante três dias, um processo de permissividade sexual que não é característico da cidade. Há uma erotização da ilha permeada pela promoção do corpo. Tais coisas chegam à localidade por meio dos turistas e estes “novos” valores acabam sendo incorporados pelos mais jovens. Após o término do Festival, muitos casos de gravidezes indesejadas são contabilizadas, assim como o número de abortos. Há quem vá para Parintins não pela festa, mas para conseguir ter relações sexuais com as jovens parintinenses.

A chegada de pessoas acontece em massa, várias pessoas de diversas matizes, classes sociais e com diversos interesses vão para Parintins. Entre estas pessoas, há quem não tenha as melhores intenções. Assim como os vendedores de produtos lícitos, os traficantes de drogas encontram um ambiente altamente propício para expandirem seus negócios. Apesar da segurança ser reforçada durante o evento, não há um controle específico e efetivo sobre esta questão. Contraditoriamente, porém, ao que os entrevistados falam, não há um aumento no índice de violência e furtos durante o Festival, sendo um evento até certo ponto, pacífico.

Vejamos o que os atores locais **MB5**, **AD11**, **FG15**, **JM28**, **RB39** e **RM40**, respectivamente, dizem acerca destas questões:

[...] A cidade cresceu muito em relação a população que vem pra cá, mas cresceu trazendo muitos prejuízos, muita marginalidade, muita prostituição. Esse pessoal que vem sem uma fiscalização, é droga que corre, é prostituição ao vivo aí que a gente vê. Isso é uma desvantagem muito grande pra nós

[...] As questões sociais são normais de qualquer cidade turística, a questão da prostituição, principalmente com menores de idade, esse é um problema grave que o festival traz pra gente.

[...] A partir do festival, as estatísticas comprovam, as doenças sexualmente transmissíveis chegaram à Parintins, não porque o boi é culpado, mas através deste espaço cultural que está aí: tráfico de mulheres, prostituição, exploração sexual de crianças.

[...] Hoje, você vê que existe muita coisa entrando na cidade: drogas, prostituição, aids, isto é o custo do progresso, mas a gente vai levando.

[...] Isso são fatores negativos, que tem que ser revistos. Não podemos fugir dessa realidade, pois vivemos numa cidade que produz um grande evento, mas também com um grande evento, vem grandes problemas.

[...] Na questão da saúde, fazemos uma grande preparação para receber as pessoas. Temos alguns impactos que precisamos considerar na questão da saúde, na prevenção das DST's, temos um impacto muito grande, que aumentam consideravelmente após a festa. A questão da gravidez indesejada é um dos problemas sociais, também. A secretaria de saúde sempre trabalha na prevenção destas doenças, na utilização da camisinha.

Nestas falas, percebe-se que a questão da prostituição e do envolvimento de menores e mulheres são as mazelas sociais mais relevantes, em segundo plano estão o problema das drogas, as gravidezes indesejadas e as doenças sexualmente transmissíveis.

Recentemente, o Estado do Amazonas esteve ligado à esquemas de prostituição e pedofilia por parte de políticos locais, que explorando as condições sociais precárias de alguns municípios amazonenses e contando com a conivência das famílias envolvidas, contribuem para a degradação social de vários jovens e crianças. Em Parintins não é diferente, pelos bastidores do evento sabe-se que há muito tempo este problema ocorre, tanto é que existem campanhas contra a exploração sexual, o conselho tutelar intensifica sua ação no período do evento, mas ainda não é o suficiente.

O Festival é um meio de maximizar os impactos e problemas sociais pré-existentes, logo, tem responsabilidade sobre tais questões que são exacerbadas na época em que o evento ocorre. **TP23** entende que o Festival vem melhorando a cada ano dentro e fora da arena, refletindo um compromisso social do evento com a população, porém **FC17** aponta que tal responsabilidade social do Festival, ainda não alcançou níveis desejados:

[...] A cada ano a gente procura se reinventar, procura sempre fazer mais, temos a responsabilidade de fazer um grande festival, mas também é uma responsabilidade social com o município.

[...] A questão da responsabilidade social ainda não é algo muito presente. Acho que isso é muito importante para que a gente possa ter uma festa conhecida nacionalmente, mundialmente, e que esta festa traga dividendos positivos, principalmente na questão social, pra população parintinense.

Está contradição precisa ser equalizada, pois com o crescimento da cidade de Parintins, os problemas sociais só tendem a piorar. As agremiações têm buscado um maior envolvimento com as questões sociais que permeiam o Festival, exemplo disto são as campanhas contra a exploração sexual e trabalho infantil, juntamente com as escolinhas de arte. Entretanto, para alguns entrevistados isso ainda é pouco, ou seja a responsabilidade social dos bois perante à comunidade, ainda pode crescer mais.

3.4 SÍNTESE DOS IMPACTOS SOCIAIS

Os impactos e mudanças sociais estão divididos aqui em: Modernização Urbana, Benefícios Sociais, Desvantagens e Mazelas Sociais e Contradições.

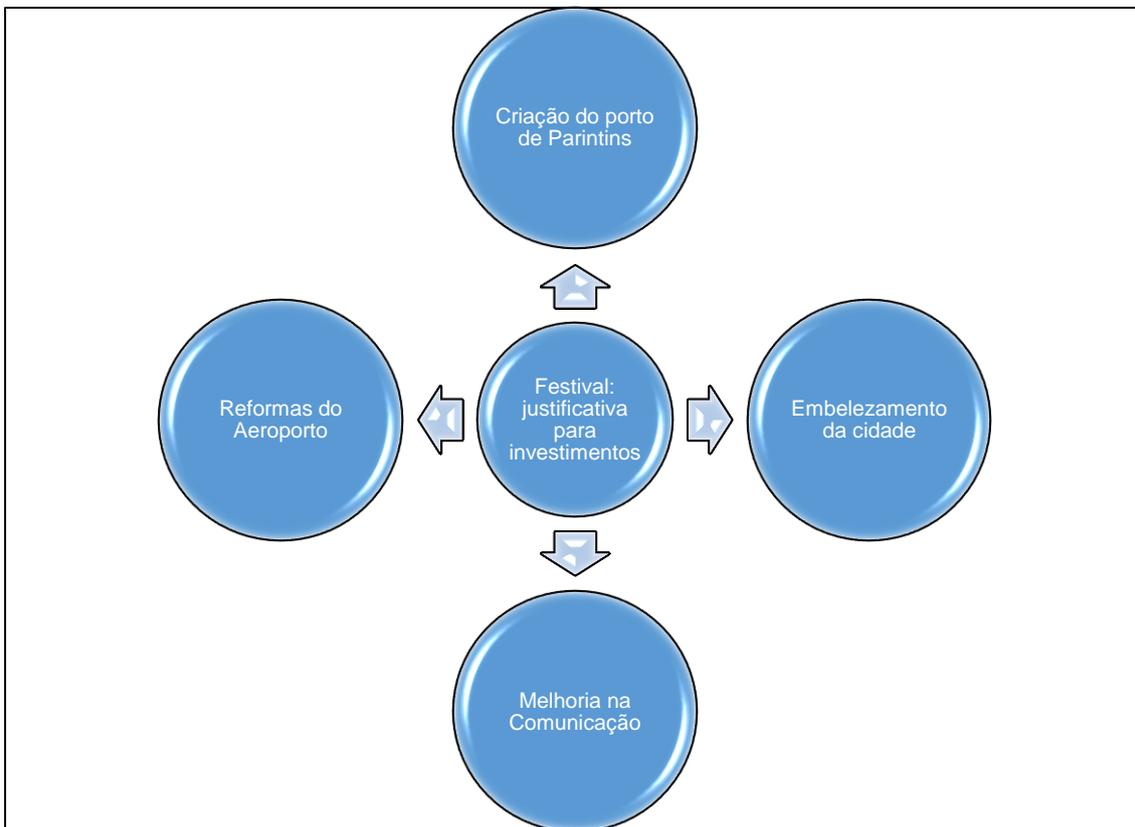


Figura 5 – Síntese: modernização urbana
Fonte própria

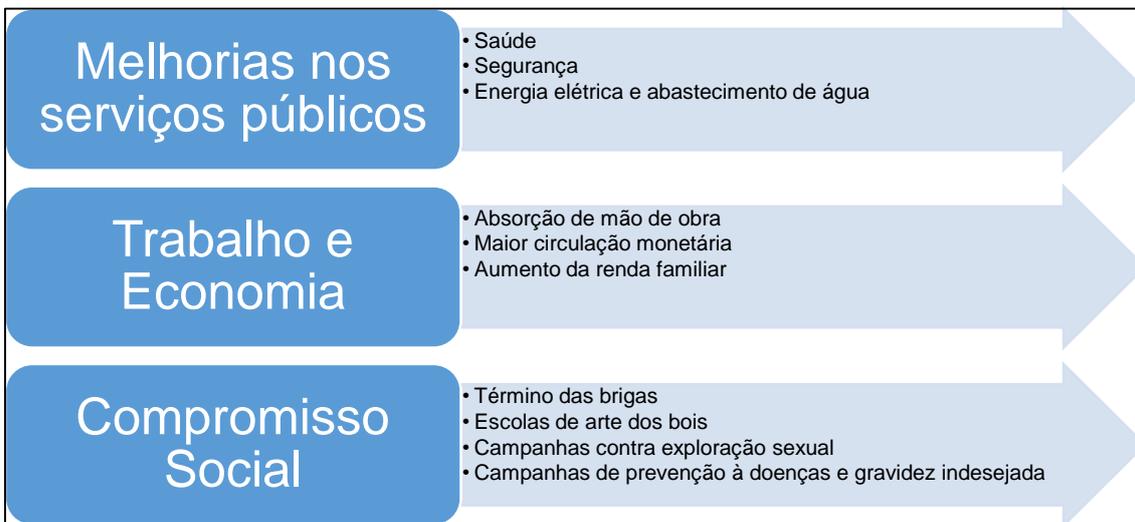


Figura 6 – Síntese: benefícios sociais
Fonte própria

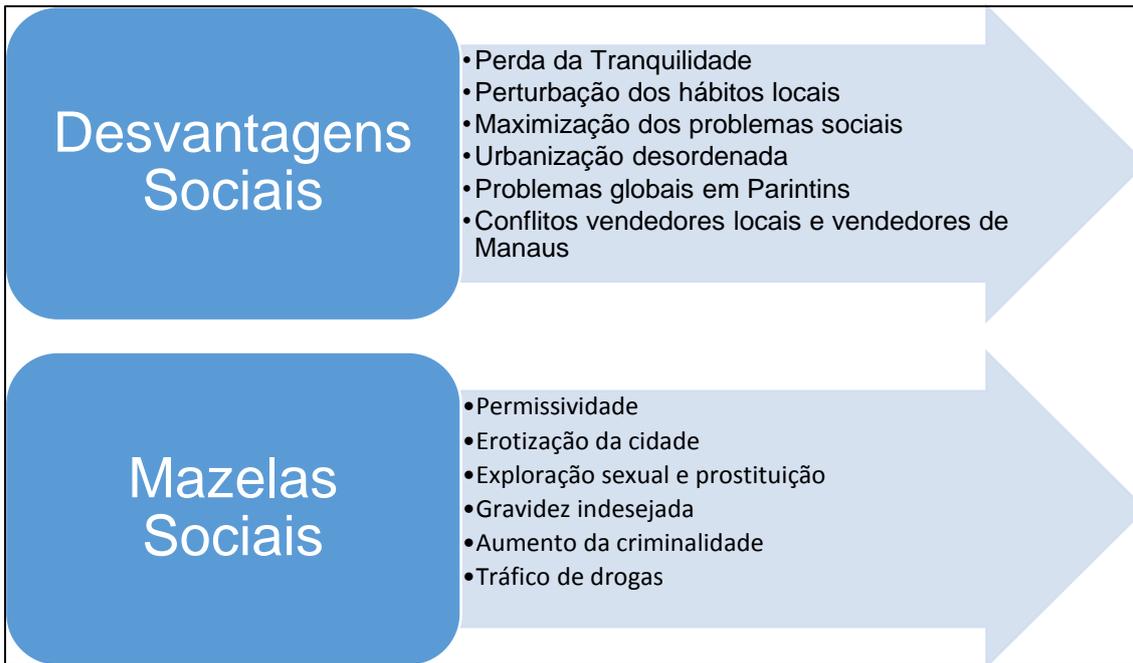


Figura 7 – Síntese: Desvantagens e Mazelas Sociais
 Fonte própria

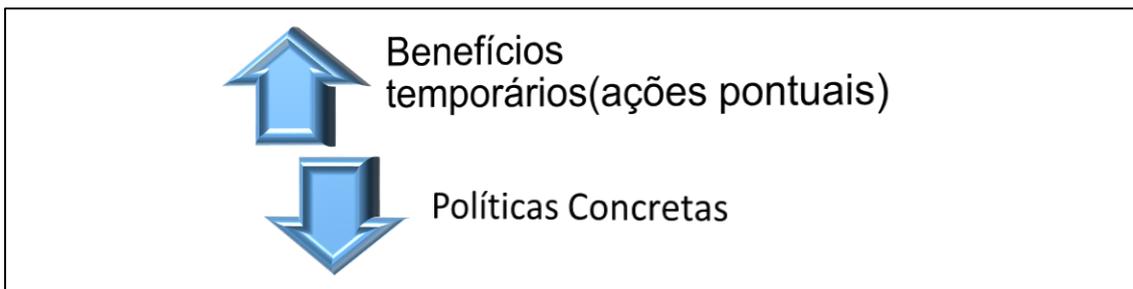


Figura 8 – Síntese: Contradições 1
 Fonte própria

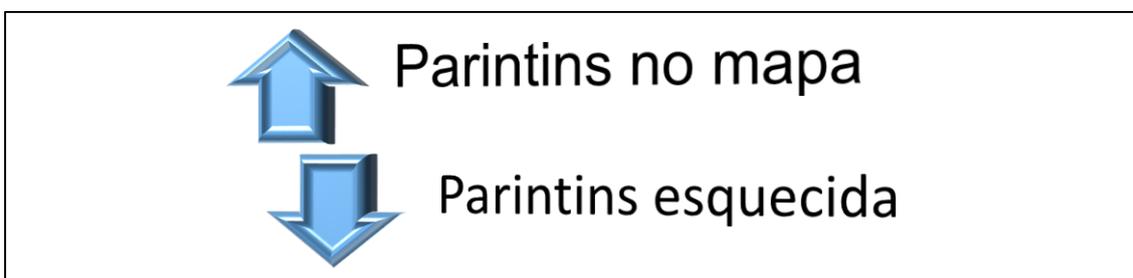


Figura 9 – Síntese: Contradições 2
 Fonte própria

CAPÍTULO 4 IMPACTOS AMBIENTAIS DO FESTIVAL: IMPACTOS DIRETOS E INDIRETOS

Esta capítulo dedica-se a analisar a percepção dos atores locais entrevistados no que concerne aos impactos ambientais diretos e indiretos gerados no Festival Folclórico de Parintins. Portanto, não se trata de analisar os impactos ambientais em si, mas o que os atores tem a dizer sobre os tais.

Os impactos diretos estão relacionados àqueles que ocorrem um pouco antes da realização do evento e/ou durante o evento. Quanto aos impactos ambientais indiretos, serão considerados aqueles resultantes dos impactos diretos e/ou resultantes de tomadas de decisão que estão ligadas ao Festival Folclórico, ou seja, decisões político-governamentais ou não que beneficiando o Festival, resultem em impacto ambiental para Parintins.

Desta forma, divide-se esta seção em duas partes. Primeiro os impactos diretos são abordados e em segundo lugar os impactos indiretos.

4.1 MEIO AMBIENTE

Esta pesquisa conceitua o meio ambiente não só do ponto de vista biofísico natural (SUNKEL e GIGLIO, 1980), mas leva em consideração as relações do homem com a natureza, entendendo que o ser humano não está alijado do meio ambiente. Adota-se a visão socioambiental, pois entende que a natureza não é algo intocado, mas é um espaço relacional, onde a presença humana nem sempre é nefasta para o ambiente natural (CARVALHO, 2008).

Em Parintins, o meio ambiente se divide em:

- O conjunto dos elementos abióticos e bióticos: a fauna e a flora da região que já tiveram bastante atuação no âmbito do Festival Folclórico, como veremos a seguir;
- O conjunto dos elementos físicos, químicos e biológicos e suas múltiplas relações: os ecossistemas que são diretamente e indiretamente impactados devido às ações durante e fora do Festival.
- A complexidade resultante da interação humana com os elementos naturais: as decisões políticas, a percepção ambiental, as ações das agremiações em Parintins etc.

4.1.1 Impacto Ambiental

Basicamente, impacto ambiental está relacionado a qualquer alteração das características e propriedades físicas, químicas e/ou biológicas do meio ambiente, tendo como fonte de ação o ser humano. Os impactos ambientais também afetam o modo de vida das populações humanas e podem alterar o seu estado de saúde. Tommasi (1994) aponta que os conceitos de impacto ambiental sempre são antropocêntricos, no sentido de que sempre serão referidos à ação humana, mesmo que sob forma de “inundações, secas, terremotos e outros fenômenos de grande porte.” (FRANCO, 2001).

Normalmente os impactos ambientais são considerados negativos, mas nesta pesquisa há lugar para ações impactantes ao ambiente, mas de forma positiva.

4.2 FESTIVAL FOLCLÓRICO DE PARINTINS: IMPACTOS DIRETOS.

A preparação para o Festival inicia-se pelo menos dois meses antes da sua realização, geralmente entre março e maio. Há a gravação e lançamento dos cds e dvds de cada boi-bumbá, há a realização dos ensaios nos currais dos bois, a confecção das alegorias está a todo vapor, os ingressos já estão sendo comercializados; então, pode-se dizer que Parintins já vive o clima de Festival, muito antes do seu início. Na verdade, muitos já se consideram no próprio Festival, principalmente aqueles que estão plenamente envolvidos em sua preparação.

Todo o processo que se inicia com os primeiros ensaios e construção de alegorias, até o fim do espetáculo no bumbódromo gera impacto ambiental em Parintins. Tendo por base a percepção dos atores locais entrevistados, apresenta-se os impactos ambientais que mais lhes causam preocupação ou os que mais lhes chamam a atenção.

4.2.1 Impactos ambientais: visitantes e participantes em geral.

Em relação ao meio ambiente, as entrevistas demonstraram que o tema dos resíduos sólidos é o que mais preocupa os atores locais. A Secretaria Municipal de Obras e Serviços Públicos (SEMOSP) informa que Parintins gera diariamente, entre 65 a 70 toneladas de resíduos sólidos. No Festival Folclórico de Parintins a quantidade de resíduos produzidos duplica e até triplica, dependendo da quantidade de pessoas que chegam à ilha.

Antes da realização do evento, a prefeitura efetua um trabalho de limpeza e embelezamento das ruas para receber a enorme quantidade de visitantes. Entretanto, todo o seu trabalho de limpeza se perde, quando tais visitantes misturados aos próprios

parintinenses começam a festejar o Festival, lançando toda sorte de materiais nas ruas, sem nenhum tipo de controle. O primeiro impacto do despejo dos materiais é o visual, é a alteração da paisagem das ruas de Parintins, como afirma a entrevistada **MB5**:

[...] Eles (os visitantes) não tem cuidado com o lixo, jogam o lixo na rua, não há um cuidado quanto a isso. No último dia do festival, a cidade fica imunda, é lixo pra todo canto, é um montueiro de coisas que ficam por aí, mas logo, logo é amenizado isso. No segundo dia, a cidade volta ao normal.

A poluição gerada nos dias do Festival é rapidamente amenizada, pois a prefeitura envia agentes de limpeza, em parceria com os catadores de recicláveis. Estes trabalham para reestabelecer a “normalidade ambiental” às ruas de Parintins, pós evento. O grande problema é todo o resíduo sólido que não é coletado neste íterim (do começo do evento até o fim).

Desta forma, um dos impactos ambientais que influencia diretamente a produção dos resíduos sólidos é a extrapolação da capacidade de carga em Parintins referente à competência para lidar com os resíduos produzidos. Apesar de haver pessoas que trabalham na coleta de materiais durante o evento e um maior efetivo depois do mesmo, na percepção dos atores locais ainda não é o suficiente. O entrevistado **MS7** fala sobre esta insuficiência na coleta de resíduos:

[...] Durantes os 3 dias as ruas ficam sujas, as pessoas que trabalham na limpeza não dão conta de limpar a cidade toda, pois há muita coisa sendo despejada nas ruas, o tempo todo.

Não dar “conta de limpar a cidade toda”, está de acordo com o que **MB5** fala sobre a sujeira nas ruas ser amenizada. Quando o Festival começou a ser conhecido fora do Amazonas, a quantidade de pessoas que chegavam à Parintins, às vezes, dobravam o número de pessoas presentes na área urbana do município. Em um certo sentido, é como se a cidade fosse invadida por turistas em uma semana, gerando impactos ambientais que podem reverberar pelo ano todo.

Na percepção de **MC19**, a cidade ainda não está preparada para receber tal invasão, já **AD11** vai além, ele percebe que falta uma cultura ambiental por parte do povo do Norte em relação aos resíduos. Vejamos:

[...] Olha, dizer que uma festa como esta não causa impactos, é mentira. Um momento em que a cidade é “invadida”, em que tem sua população quase dobrada, é bem incômodo. É incômodo você se locomover pela cidade, é incômodo ver a quantidade de lixo despejadas nas ruas, a cidade não foi preparada para receber esse povo todo, ainda não está preparada, na verdade.

[...] Quanto a questão ambiental [...] primeiro, o grande volume de pessoas traz um grande problema: A cidade fica “entupida” de gente e o lixo que eles

geram. A maioria dos turistas que vem pra cá são da região norte, se você for comparar a consciência ambiental do povo do norte com o do sul, a do norte é muito menos avançada que a do sul. Jogar lixo no chão é comum para o povo do norte. Do Amapá pra cá (a região Norte como um todo) vem gente, isso causa impacto na cidade por causa do lixo.

As falas mostram duas percepções diferentes, as duas estão ligadas à superlotação de pessoas durante os dias da festa, mas uma recai sobre a falta de estrutura da cidade para receber o grande número de visitantes, enquanto a outra responsabiliza a falta de “consciência ambiental do povo do Norte”.

Quanto à percepção de **AD11**, faz-se necessário uma outra pesquisa para saber se a sua percepção corresponde à realidade dos nortistas. É muito mais fácil concordar com **MC19**, quando o mesmo fala sobre a falta de estrutura, pois tal coisa é facilmente constatada nos dias do Festival.

A falta de elementos básicos referentes ao controle ambiental no Festival foi constatado empiricamente. Nas áreas de maior concentração de pessoas, a saber: o centro e os arredores do bumbódromo, pouquíssimas lixeiras, que na verdade eram depósitos improvisados pela própria população, foram encontradas. Tais “lixeiros” estavam abarrotadas de toda sorte de resíduos, os quais transbordavam para a rua.

Como pode um local, como Parintins, que realiza um evento de grandes proporções e atrai várias pessoas, descuidar-se de um aspecto tão básico? Os resíduos ficam para os parintinenses coletarem. Então, o mínimo requerido seriam vários locais espalhados pela cidade para comportar os resíduos sólidos gerados. **MT6**, **MS7** e **VP8**, respectivamente, endossam o que está sendo afirmado:

[...] Fica muita sujeira. Ano passado não havia lixeiras, o lixo tomou conta. Isso é lastimável. Algumas pessoas improvisam as lixeiras.

[...] Não há muitas lixeiras em Parintins, na orla da cidade também não há muitas lixeiras, então quando as pessoas que estão bêbadas terminam de tomar sua bebida jogam suas latinhas no rio. Ou as deixam jogadas na praça. Quando acaba o festival, fica uma nojeira.

[...] É preciso ter mais lixeiras nas ruas, pessoas orientando na separação do lixo e conscientização do próprio público.

Os resíduos sólidos produzidos no âmbito dos participantes do Festival, ou seja os resíduos que não estão associados às agremiações, geralmente são resíduos urbanos domiciliares, comerciais e públicos. Os resíduos domiciliares são produzidos na atividade diária dos cidadãos, são os restos de alimentos, embalagens, papel, pedaços de louças, vidro, plásticos, metais etc. Os comerciais são os produzidos em atividades de empresas e escritórios, e os resíduos são semelhantes aos domiciliares. E os públicos são os resíduos coletados nas ruas, nas feiras livres; referem-se aos restos de hortaliças, madeira e aos

produtos “descartados indevidamente pela população, como entulho, bens considerados inservíveis, papéis, restos de embalagens e alimentos.” (ZANETI, 2006, p. 62)

Durante o Festival, as atividades dos estabelecimentos comerciais, como bares e restaurantes, aumentam consideravelmente, levando a uma maior produção de resíduos sólidos. Os resíduos que mais inquietam os atores locais entrevistados são referentes aos restos de alimentos, bebidas e as embalagens que os comportam. **MM26** identifica os resíduos deixados pelas ruas:

[...] Nas ruas são despejadas muitas coisas durante esses dias: garrafas plásticas, latinhas de cerveja, embalagens de alimentos, lenços de papel, espetos de churrasco, algum resto de comida.

Em um primeiro momento, estes resíduos podem parecer inofensivos, já que logo após o término do evento, e mesmo durante, há a coleta e trabalho de limpeza na cidade. Mas há alguns problemas que tais resíduos podem acarretar ao meio ambiente e à saúde pública, pois em Parintins, ainda não há uma disposição correta para os resíduos. Desta forma, mesmo que coletados, os resíduos não terão a destinação correta (Na seção sobre os impactos indiretos, a destinação dos resíduos será melhor abordada)

Como a produção de resíduos é muito grande e o trabalho de coleta não é suficiente, cria-se um acúmulo de resíduos pelas ruas à espera de serem coletados. Levando em conta, somente os resíduos descritos por **MM26**, nota-se o risco ambiental que o Festival acarreta para a cidade. As embalagens plásticas, a latinha de cerveja e o papel são fontes de metais pesados e tóxicos como o mercúrio, o cádmio e o chumbo, dentre outros que se não forem bem manuseados e terem uma disposição final correta, podem poluir o solo e as águas, gerando, além de degradação, as mais variadas doenças (SISINNO, 2000).

O acúmulo de resíduos durante os dias do Festival além de impactar a paisagem das ruas, sujando a cidade e gerando repulsa por parte dos entrevistados, podem acarretar doenças em Parintins. Aqui entram em cena os vetores: “vários animais encontram no lixo alimento e abrigo, ou seja, condições favoráveis para sua proliferação. Muitos são vetores responsáveis pela transmissão de inúmeras doenças ao homem.” (*idem*, 2000, p. 44)

Com a aglomeração de resíduos pelas ruas, há a proliferação de ratos e insetos pelas casas em Parintins, como afirma **ER18**:

[...] Há uma proliferação muito grande de ratos e insetos em Parintins, eu já observei isso, nos quintais. Para tu teres uma ideia, conversando com os alunos em sala de aula, eles dizem que tem um aumento de ratos nos quintais deles.

Os roedores são portadores de várias doenças, as proliferando por meio das fezes e urina. Dentre estas doenças está a peste bubônica, o tifo murinho, a leptospirose, febre, triquinelose (ingerir carne de animal que tenha se alimentado de rato infectado) e salmonelose. Quanto aos insetos (moscas, mosquitos, pulgas e baratas), as doenças mais comuns são febre tifoide e diarreias infecciosas, peste bubônica, leishmanioses, febre amarela, malária e dengue.

Além dos roedores e insetos, locais que apresentam restos de comida atraem cães abandonados e um dos principais vilões dos aeroportos do Amazonas, os urubus. Tais animais podem carregar consigo a toxoplasmose, sendo repassadas ao ser humano por meio da alimentação. Além de colocarem em riscos os voos.

A produção de resíduos sólidos aliada à falta de um comprometimento real em lidar com o problema, traz à Parintins um ônus muito grande do ponto de vista ambiental. A poluição causa impactos no solo, nas águas, na paisagem e na saúde do povo. O entrevistado **JD34** afirma que o problema ambiental resultante dos despejo indiscriminado de resíduos nas ruas e em outros locais de Parintins, mediante o advento do Festival, gera impactos significativos no cotidiano das pessoas, mas estas nem se dão conta disto:

[...] A poluição resultante dos resíduos descartados irregularmente deve-se aos metais que se dissolvem com a ação de vários produtos, a combinação destes elementos químicos podem originar outros, e principalmente o choro, todo esse material pode chegar ao lençol freático. Os metais na água podem se acumular no organismo, eu tenho dito que as doenças decorrentes da poluição são em longo prazo, as pessoas tendem a não sofrer de imediato, na maioria das vezes elas nem se dão conta de que isso é causado pelas suas próprias ações e pelo movimento no Festival.

Um aspecto citado em muitas entrevistas é a preocupação com o impacto dos resíduos sólidos na água. Parintins é uma ilha, onde o seu centro comercial é próximo da sua orla, lá há uma grande concentração de pessoas todos os dias do Festival, portanto é um local vulnerável ao despejo de resíduos sólidos. Na fala dos entrevistados, a preocupação com os resíduos sólidos lançados nas águas de Parintins, divide-se em dois aspectos: os resíduos lançados pelos visitantes em terra firme e os resíduos lançados pelas/das embarcações que atracam na orla de Parintins.

Quanto aos resíduos lançados pelos visitantes que estão próximos à orla, os descartados são os mesmos que são lançados nas ruas: garrafas plásticas, papel e latas de cerveja. Os entrevistados **JC2** e **MS7**, respectivamente:

[...] No rio é jogado plástico e outros materiais. Observa-se que os próprios visitantes não tem a conscientização, isso é do ser humano, ele é destrutivo.

[...] Como eu disse anteriormente, o povo bebe bastante e joga as latinhas de cerveja, garrafas e outras coisas em qualquer lugar, dentre esses lugares, o rio.

Apesar de muitos parintinenses participarem das ações deletérias ao meio ambiente na época do Festival, há um certo conflito ambiental. Os visitantes são tidos como aqueles que poluem o rio, ou melhor, os que não possuem “conscientização”, lembrando o que **AD11** afirmou sobre a falta de cultura ambiental do povo do Norte.

Em se tratando das embarcações que chegam à Parintins, este princípio de conflito ambiental torna-se mais evidente. O Festival Folclórico de Parintins notabiliza-se por atrair pessoas de todas as classes sociais; os visitantes com maior poder aquisitivo compram pacotes fechados, incluindo passagens aéreas, hospedagem e ingressos. Por outro lado, há um grande número de pessoas que chegam à ilha por meio dos barcos, estes chegam abarrotados de gente ávidas pelo Festival. Entre estas pessoas que chegam por meio dos barcos, há quem não consiga hospedagem em Parintins, sendo obrigados a permanecer nos barcos até o fim do Festival.

As entrevistadas **VP8** e **ER18** relatam sua preocupação quanto às embarcações que chegam à Parintins:

[...] Um dos principais problemas ambientais é o lixo lançado nos rios. Como o principal meio aqui é o barco, todas as horas chegam embarcações aqui, as pessoas jogam lixo dos barcos no rio, todo tipo de lixo.

[...] A questão dos barcos é uma coisa seríssima, não tem uma fiscalização, eles se aglomeram 3 dias direto nos barcos, quanto de dejetos se joga no rio, quem é que fiscaliza? Não tem uma preocupação com a saúde, fica um verdadeiro esgoto a céu aberto em frente ao rio Amazonas.

As embarcações, além de lançar resíduos sólidos, lançam no rio efluentes com o mínimo ou ausência total de tratamento, pois na maioria das vezes os barcos que navegam pela Amazônia não possuem um sistema de tratamento dos seus efluentes. Isto constitui-se em um sério problema ambiental, sendo que a noção de esgoto a céu aberto por parte da entrevistada ER18, faz todo sentido. Grande parte da água utilizada para consumo humano é proveniente dos rios, e é neles que os efluentes, de origem doméstica ou industrial, são dispostos. Desta forma, é essencial que os efluentes sejam tratados da melhor forma possível, pois eles podem prejudicar o uso futuro da água (BASSOI e GUAZELLI, 2004).

A poluição das águas em Parintins impacta a paisagem aquática, impacta a qualidade da água e também impacta locais que poderiam ser usadas para o turismo, como apontam **GB1** e **FL38**:

[...] Um dos principais cartões postais de Parintins está poluída, a Lagoa da Francesa, local de atracação de embarcações, especialmente na época do Festival.

[...] Existem impactos ambientais que acontecem na cidade, eles são em diversos pontos da cidade. Por exemplo, você vai ver a Lagoa da Francesa quando termina o festival, ela está tomada pelo lixo, fora o lixo que está no fundo do rio, à frente da cidade, as lagoas, os portos por detrás da cidade ficam tomados pelo lixo.

Faz-se necessário um trabalho intenso para mudar esta realidade, pois não há fiscalização nos barcos, não há qualquer controle sobre a poluição que estas embarcações e as pessoas que nelas estão acarretam. Devido ao impacto na qualidade das águas em Parintins, o trabalho de tratamento hídrico pode ser muito mais custoso e nem sempre o município possui recursos suficientes. Este é o caso, por exemplo, do plano de gerenciamento de resíduos sólidos em Parintins, onde a Secretaria Municipal de Desenvolvimento Sustentável e Meio Ambiente (SEDEMA) afirma que o município não possui recursos para elaborá-lo e implantá-lo, segundo recomenda a Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS) (CARDOSO FILHO, 2012).

Um município que recebe recursos para realizar um megaevento, mas padece de soluções básicas é contraditório. Portanto, é preciso rever as prioridades para Parintins não ter que conviver, ano após ano, com a realidade apontada por **AD11**:

[...] a maioria vem em barcos, “moram” nos barcos ao redor de Parintins. Como Parintins é uma ilha, praticamente todo o arredor da cidade fica ocupada por barcos, nesses barcos as pessoas “moram”, jogam lixo no rio, as necessidades fisiológicas são feitas e despejadas no rio, não existe embarcação, nem existe lei que cobre das embarcações que elas tenham um sistema de tratamento diferente para estes efluentes. Imagine milhares de pessoas nas embarcações fazendo suas necessidades pelo menos uma vez por dia, isso é um impacto ambiental tremendo.

Esses foram os impactos ambientais diretos que mais chamaram à atenção dos entrevistados quanto à ação impactante dos visitantes e participantes em geral. Nota-se que a ideia de que tudo funciona no Festival é um tanto contraditória quando abordamos as relações da festa com o meio ambiente. O evento gera uma demanda por melhores ações ambientais, devido ao número de pessoas que chegam à ilha, mas não tem dado conta de resolver estes problemas de forma satisfatória. A seguir, veremos os impactos diretos referentes às ações das agremiações folclóricas, Garantido e Caprichoso.

4.2.2 Impactos Ambientais: agremiações folclóricas Garantido e Caprichoso.

Garantido e Caprichoso são a alma do Festival, por eles se vive, por eles se morre. A evolução do evento e a amplitude que ele possui hoje, são fruto do poder de inovação das agremiações. Entretanto, Garantido e Caprichoso, longe de serem somente agentes culturais, tornaram-se agentes ambientalmente impactantes. Seja para o bem, seja para o mal. Isto é amplamente percebido tanto por quem está dentro das agremiações, como por quem está de fora.

A sensibilização ambiental de Garantido e Caprichoso já foi muito aquém do que é hoje, o que não significa que hoje seja o ideal, mas se pode apontar isto como uma evolução positiva. Entretanto, ainda hoje a acomodação dos resíduos sólidos é o principal problema ambiental enfrentado pelos bois.

As diretorias, de forma gradual, começaram a atentar para a necessidade de dar um destino adequado para os resíduos produzidos no Festival. Isto pode ser identificado nas falas dos entrevistados **CG13**, **TP23**, **VC42** e **MC45**, respectivamente:

[...] Quanto aos impactos ambientais, isso já foi discutido em reuniões a respeito sobre o que fazer com os resíduos sólidos que nós produzimos.

[...] Parintins necessita por ser uma ilha, precisa urgentemente ter uma destinação correta para o lixo produzido no festival, ou seja o lixo que é gerado na cidade e, principalmente, dentro do barracão dos bois.

[...] Estamos procurando a cada dia que passa ficar bem atentos nesse assunto, para que possamos resolver bem este assunto dos resíduos.

[...] Algumas situações precisam ser melhoradas, mas hoje a consciência ambiental é muito mais elevada. Tenho certeza que os dirigentes em meio a todo este apelo ambiental no mundo todo, começaram a atender, a ter a visão ambiental. Isso é um avanço. As agremiações já melhoraram muito sua visão ambiental.

Essa tomada de consciência (que deriva em grande parte das multas e processos que os bois tomaram de órgãos ambientais e prefeitura) referente aos resíduos sólidos levou à busca por parcerias com empresas de Manaus. As empresas compram os restos de materiais utilizados, principalmente de alegorias, e levam para Manaus para serem reutilizadas em outras atividades industriais. Além dos restos de ferros, os restos de papelão e isopor são comercializados com empresas de reciclagem em Manaus.

Nestes tempos de certificação ambiental, as agremiações não ficam de fora. Os diretores estão tentando adequar suas práticas ao que o mercado de certificações propõe. A fala do entrevistado **JB43** aponta neste sentido:

[...] A intenção do Caprichoso, hoje, é contratar uma empresa especializada em reciclagem, na verdade já está sendo negociado isso. A empresa fará o processo todinho de reciclagem do material para o Caprichoso, de modo que

através disso nós tenhamos uma certificação ambiental, para mostrar que o Caprichoso não está deixando poluir.

Na percepção do entrevistado, todos os problemas referentes à poluição causada pelo boi Caprichoso serão resolvidos, a partir do momento da contratação de uma empresa para reciclagem dos materiais que sobram das apresentações do boi-bumbá. A preocupação em conseguir uma certificação ambiental mostra o caráter imediatista e comercial por trás da crescente consciência ambiental. A direção do Garantido também não deve deixar por menos.

A busca por meios alternativos de destinação dos principais resíduos sólidos produzidos é louvável, sem dúvida é um impacto ambiental positivo, pois auxilia na diminuição dos resíduos que serão depositados na lixeira pública de Parintins (que não passa de um terreno baldio que com o tempo foi sendo utilizado para depósito indiscriminado de toda sorte de resíduos), aumentando a vida útil de materiais como o ferro, o isopor e o papelão.

Entretanto, não se trata de apenas de reciclar os principais materiais utilizados na confecção das alegorias, trata-se de criar uma política ambiental efetiva que possa lidar corretamente com os problemas ambientais que são originados desde muito antes das alegorias entrarem na arena.

Os entrevistados **JS27** e **FG15** percebem que faltam propostas densas de enfrentamento aos impactos ambientais que os bois geram; um critica a falta de projetos concretos, a outra enfatiza a falta de uma política interna séria para mitigação dos impactos ambientais:

[...] A questão dos impactos ambientais em Parintins, não se resolve somente com a venda de ferro para Manaus, você está apenas transferindo o problema para que outros cuidem dele. É um trabalho mais profundo, de buscar preservar mesmo, não há projeto de nenhum dos bois quanto a isto. Faltam projetos concretos para enfrentamento do problema.

[...] Uma coisa muito negativa que o boi produziu em Parintins é o lixo. Não se desenvolveu nos bois, durante estes 100 anos, uma política de cuidado com a natureza, de aproveitamento do lixo. A gente sabe que há algumas empresas que estão comprando (os resíduos), que estão fazendo uma ponte com os bois, mas pelo que sabemos é um material mais pesado, quanto aos mais leves como o isopor, plástico, papelão, se existe a gente não sabe. Não há uma política séria do município quanto aos visitantes, para chamar à atenção de que isso aqui é uma ilha, e que o boi propõe um projeto de cuidado com o meio ambiente, não existe esta política.

Enfrentar o problema de frente com projetos é o que propõe o entrevistado **JS27**, já **FG15** indigna-se por não haver ainda uma política ambiental que integre os bois e a prefeitura, com efeitos sobre os visitantes que vêm ao evento; a entrevistada afirmou que os bois não comercializam os materiais mais leves (isopor e papelão), porém a preocupação das agremiações abarca estes resíduos. No entanto, há outros materiais que são utilizados na confecção das alegorias e de outros itens, como: cola, latas de tinta, plástico, tecidos, penas

artificiais, soldas, fios elétricos, nylon, cabos de aço, penas artificiais, roldanas, rodinhas etc. Materiais que durante as entrevistas com atores ligados às diretorias das agremiações, não foram citados como alvo. O foco é o ferro, o isopor e o papelão.

Apesar do interesse na reciclagem, Parintins ainda sofre com os restos de alegorias e fantasias espalhados próximos aos galpões das agremiações, pelas esquinas, próximo das margens das lagoas e rio. Os entrevistados **AD11**, **FG15**, **MC19**, **AM25**, **FC37**, **RB39** e **NC41**, manifestam a preocupação com o acúmulo de resíduos sólidos. A maioria cita a poluição das águas, como um impacto ambiental presente, pois o depósito das sobras de materiais acontece geralmente próximo de cursos d'água:

[...] Se você passar próximo dos galpões, você vai encontrar isopor espalhado, pedaços de ferro espalhados, isso causa degradação do solo, que por sua vez pode afetar os lençóis freáticos de Parintins.

[...] Se você passar naquele manancial próximo da ponte Amazonino Mendes, o lixo que desce do caprichoso está todo acumulado naquele manancial, durante o verão você não vê, mas quando vem as águas, boia o lixo podre. Enfim, é uma imundice geral e os nossos mananciais denunciam isto.

[...] O Caprichoso fica próximo a um lago, e foi notificado várias vezes por despejar materiais no mesmo.

[...] O problema ambiental é que a maioria das pessoas trabalham com isopor, com ferro, tinta, com óleo, por algum motivo o final desse resíduo vai pro rio, a gente sabe que mesmo tratando, mesmo conservando a gente vê por aí.

[...] Em relação aos bumbás, há a poluição dos rios, vejo que os materiais utilizados precisam ter o destino correto.

[...] Há muitos impactos ambientais, principalmente relacionados ao lixo que é produzido antes e após da apresentação dos bumbás, apesar da constante fiscalização dos órgãos ambientais, mas infelizmente os bumbás ainda poluem muito. Eles utilizam material como isopor, materiais plásticos, fazem a utilização nas alegorias; o que sobra disso eles vão deixando, vai se acumulando, e eles têm que se livrar disso, acaba sobrando pro meio ambiente.

[...] Com certeza, os resíduos dos produtos utilizados na confecção do festival não são armazenados corretamente, nós temos aí as sobras de isopor, as sobras de materiais que ficam na natureza, causando grandes prejuízos.

A percepção dos entrevistados mostra que, apesar das agremiações tentarem se livrar dos resíduos, de uma forma mais sustentável, tal esforço ainda é falho. Pode-se argumentar que a percepção destes atores locais é distorcida e os mesmo podem estar falando algo sem conhecimento de causa. Contudo, percorrer a área urbana de Parintins não é um desafio tão grande, as distâncias são pequenas por se tratar de um município do interior, os galpões dos bois localizam-se em locais de fácil acesso, ou seja, não são locais encobertos. Os locais onde estão acumulados os resíduos sólidos são conhecidos dos entrevistados, portanto ficam patentes a quem quer que seja. O trabalho de observação direta feita por este autor em

Parintins apenas confirmam estas observações, pois os resíduos sólidos são facilmente visíveis.

De fato, as agremiações ainda não conseguiram, plenamente, dar uma destinação adequada aos seus resíduos. Tais procedimentos estão poluindo as águas de Parintins e degradando o solo; impactos ambientais semelhantes aos relacionados aos visitantes e participantes do Festival em geral. Da mesma forma que o entulho acumulado nas ruas do centro e próximo do bumbódromo impactam e atraem vetores de doenças, o acúmulo de resíduos próximo aos galpões pode causar o mesmo, com o diferencial de que há muito mais residências domiciliares próximos dos galpões do que no centro, onde predominam os estabelecimentos comerciais.

Além dos resíduos sólidos, um outro ponto levantado nas entrevistas, refere-se à relação de uso que as agremiações mantêm com a fauna e flora de Parintins. Este é o próximo tópico.

4.2.2.1 Agremiações e a biodiversidade

A relação do Festival Folclórico de Parintins com a biodiversidade da região não se resume às letras das toadas. Não é de agora que os artistas parintinenses utilizam-se dos recursos da floresta para confecção de seus trabalhos, dentre estes recursos estão: as cascas de árvores, sementes, raízes, fibras de juta, goma de tapioca, tábuas, tala de naja, palhas tecidas, paneiro, tipiti, jamaxi e cipó (COSTA *et al.*, 2010).

A extração de recursos da floresta já se constituiu em um impacto ambiental negativo em um passado recente, mas fatores como as legislações ambientais, a atuação dos órgãos ambientais e o crescimento do discurso do desenvolvimento sustentável na ilha, frearam várias ações impactantes relacionadas ao uso dos recursos.

Nota-se que além da busca por parcerias para reciclagem do seu resíduo sólido, as agremiações estão tentando mitigar os erros passados referentes à extração indiscriminada da madeira para confecção das alegorias, por meio do reflorestamento de áreas onde a vegetação foi fortemente impactada.

A redução do uso da madeira é um impacto ambiental positivo. Mesmo quando utilizada, as agremiações estão buscando a melhor forma de extração ou, em outros casos, efetivando a compra de madeira certificada. Na verdade, a madeira está sendo, pouco a pouco, substituída por materiais industriais. Um ponto positivo para as agremiações e o Festival Folclórico de Parintins é a busca pela adequação às legislações vigentes.

Este fato é percebido pelos atores locais entrevistados como um impacto ambiental positivo, pois beneficia à natureza em Parintins e aumenta a credibilidade ambiental do boi-

bumbá de Parintins, adequando seu discurso de preservação com a prática (tópico que veremos a seguir).

Quanto à fauna, antigamente as fantasias de alguns personagens dos bois (especialmente os itens indígenas) eram feitas de penas originais de aves da região e couro de animais. Para tal, eram contratados caçadores para realizarem o abate das aves, para que se fossem retiradas as penas, e o abate de outros animais para retirada do couro. Em meio às problemáticas ambientais quanto à biopirataria e à extinção de espécies amazônicas, o Festival estava prestando um grande desserviço ao combate dessas práticas.

A utilização de animais silvestres dentro da arena, como a onça pintada, era feita, gerando grande estresse aos animais que, retirados de seu habitat natural, eram enjaulados para servirem de exposição durante as apresentações dos bois perante milhares de pessoas. Tanto a prática da caça para retirada das penas das aves, como a utilização de animais silvestres dentro da arena, foram abandonados pelas agremiações.

Em lugar da pena original, penas sintéticas produzidas em Manaus. Em lugar dos animais, somente a representação dos mesmos por meio das alegorias. O entrevistado **FG10**, **que teve** participação foi decisiva neste processo, ressalta o fato:

[...] Eu participei de movimentos ecológicos no sudeste, levando arte, poesia, sempre focando a preservação ambiental, quando eu me envolvi com o boi, percebi essa possibilidade, passamos a trabalhar essa questão. Isso veio a partir, fortemente, de 1999. Onde fizemos “O Boi da Amazônia”, “Santuário Esmeralda”, “Amazônia Viva”, sempre enfocando a questão ambiental.

FG10 cita, ainda, os tempos de uso de penas originais, assim como os entrevistados **CG13**, **JM26**, **LM31** e **MC45** que citam, respectivamente, a questão do uso das penas e o uso de animais nas apresentações:

[...] Temos impactos ambientais sim, mas temos coisas positivas. Os bois encomendavam muitas penas de aves silvestres. Nós dizíamos: “temos que rever isso, vamos resolver isso”. A solução foi trabalhar com penas artificiais. Ninguém usa mais penas originais, e isso foi lá atrás, há algum tempo já. Esse cuidado foi tomado por parte dos próprios bois.

[...] Quanto à fauna, antes se tiravam as penas originais das aves, hoje não. Hoje são comprados materiais sintéticos, penas sintéticas.

[...] No começo nós precisamos muito do meio ambiente pra fazer as fantasias. Hoje, a parte animal já foi eliminada, trabalhamos com coisas industriais.

[...] Logo no início, quando não tinha essa consciência (ambiental), o boi usava penas de aves, couro de animais, mas agora é tudo sintético. Não tem essa de derrubar árvore para fazer as coisas, agora é tudo ferro.

[...] No início quando eles faziam apresentações, os bois utilizavam animais vivos. Eles levavam onças amarradas pelo pescoço, levavam aves, e muitas vezes o Ibama teve que entrar no bumbódromo para retirar estes animais, pois o estresse era muito grande aos animais. Hoje a consciência ambiental do boi é muito maior que antigamente. Os bois faziam contratos com caçadores para caçar milhares de garças para tirar as penas para produzir as fantasias. Hoje, as penas são feitas de material sintético, hoje eles fazem suas apresentações sem agredir a natureza, neste aspecto.

Ainda que a evolução na conscientização e sensibilização ambiental por parte das agremiações esteja evoluindo de forma lenta e gradual e seja motivada pelos mais diversos interesses, o importante é que isto está acontecendo. Primeiro veio o abandono do uso de penas originais e do couro de animais, depois a presença cada vez maior de toadas, como “Lamento de Raça” (vide capítulo 2), que abordam temas ambientais e clamam pela preservação da Amazônia, o reflorestamento de vegetação, e por último a preocupação em firmar parcerias com empresas de reciclagem para tomarem conta dos resíduos sólidos produzidos.

A influência que Garantido e Caprichoso exercem sobre a população de Parintins é algo notório. O momento em que as toadas são tocadas no bumbódromo e são representadas nas danças teatrais, é o momento em que elas deixam de ser apenas músicas regionais e se transformam em discurso social, cultural e ambiental. Mas será que este discurso está reverberando sobre a população? Vejamos no próximo tópico.

4.2.2.2 O discurso ambiental nas toadas

A pergunta aqui é se a mensagem das toadas sensibiliza ambientalmente aos parintinenses. Este é um dos pontos de maior divergência entre os atores locais entrevistados. De um lado uns acreditam que o discurso ambiental cantando pelos bois é positivo, pois gera sensibilização na população. De outro, há os que argumentam que o discurso é vazio e não chega à impactar ambientalmente à população.

Mesmo que não participe das apresentações dentro do bumbódromo, o parintinense pode acompanhar as toadas bem antes do início do Festival. Após a composição, há a apresentação das toadas para a escolha das melhores que irão compor o cd/dvd de cada boi, há os ensaios nos currais de Caprichoso e Garantido, contando com grande participação da população, nestes ensaios as toadas são tocadas. Logo depois do lançamento dos cds/dvds, as toadas são tocadas à exaustão nas rádios de Parintins; não há outros tipos de músicas, de modo que a cidade vai entrando no clima do evento cada vez mais. Mesmo não acompanhando o Festival dentro do bumbódromo, há todas estas alternativas para que se ouça e conheça cada toada, sem contar o fato de que o Festival é transmitido pela TV.

De alguma maneira, o discurso ambiental embutido nas letras das toadas chega aos ouvidos da população, transformando em música a mensagem que Garantido e Caprichoso estão afinados com as problemáticas ambientais e estão preocupados com os rumos da Amazônia. Afinal, todo compositor tem alguma mensagem ou ideologia para passar aos que ouvem suas canções, sendo o desenvolvimento sustentável uma das ideologias que permeia o discurso no Festival, há mais de 15 anos.

FL38 cita o papel dos compositores na difusão do discurso ambiental:

[...] Claro que as toadas são muito importantes, porque cantando você acaba dando o recado, aliás a música é um meio de comunicação. Então, os compositores acabam fazendo, inclusive, alguns apelos necessários para que a população se conscientize da preservação do meio ambiente.

A entrevistada **AP14** responde ao questionamento sobre a sensibilização ambiental que o discurso dos bois traz, da seguinte forma:

[...] O bois pregam a preservação e isso faz com que as pessoas comecem a observar este tema com outros olhos, por exemplo: "lá eu vi", então eu tenho que mudar minhas ações.

O exemplo que a entrevistada citou, refere-se àquele parintinense que conseguiu entrar no bumbódromo ou acompanhou o espetáculo pela TV. Talvez, o exemplo dado por ela, possa ser aplicado a sua própria realidade, que em algum sentido foi alterada graças à mensagem sobre a importância do cuidado com o meio ambiente. Percebe-se que pelo menos, por algumas horas, a chamada à mudança de hábitos ambientais surtiu algum efeito.

O discurso dos bois enfrenta o problema da contradição entre o que é cantado e o que é vivenciado. O entrevistado **FC17** reconhece que este é um problema que vem sendo encarado pelos bois:

[...] Existia há algum tempo, e isso é até meio polêmico, uma diferença entre discurso e prática. Entretanto, nesses últimos 3, 4 anos existe a preocupação de você conciliar o discurso com a prática. Os bois hoje com esta questão da preservação, da preocupação com os resíduos sólidos, com os materiais não usados, reciclagem. Hoje existe uma preocupação muito maior, não só do Estado, mas do município em dar uma destinação pra isso, para evitar problemas maiores.

Mediante o que vimos anteriormente, parece que o discurso e a prática ainda não estão bem ajustados, apesar dos esforços para que isso seja uma realidade. Entretanto, alguns entrevistados como **LM31**, percebem que o discurso dos bois está, sim, afinado com a realidade:

[...] Bom, o impacto positivo que vejo nesta festa, tanto um como outro (Garantido e Caprichoso), eles cantam a preservação do meio ambiente, músicas falando de temas contra o desmatamento, de proteção aos animais, da não poluição dos rios, se formos olhar pelo lado positivo, os bois estão colaborando com isso.

Analisando a fala do entrevistado à luz do que já foi visto até aqui, afirma-se que por um lado, sim, os bois estão atuando de forma positiva e o seu discurso condiz com a prática. Contudo, se levarmos em consideração que ainda há muitos resíduos sólidos jogados próximos aos galpões dos bois, e tais resíduos estão contribuindo para poluir o solo e as águas de Parintins, não, o discurso do boi não está compatível à prática, precisando caminhar mais no sentido da sua conciliação.

Apesar de ser compositor de toadas para um dos bois, o entrevistado **GB1** não economiza nas críticas feitas ao Festival, aos bois e às pessoas que participam do evento. Ele percebe o discurso como altamente contraditório, vejamos:

[...] O discurso dos bois é contraditório. O discurso é focado para a conservação ambiental, mas esse discurso fica na arena, pois o número de visitantes que estão na cidade fazem muita sujeira. A gente observa a distribuição de cartilhas de vários órgãos, mas as pessoas jogam nas ruas, é um desperdício muito grande de materiais no próprio meio da cidade, isso é evidente. Parintins não é uma cidade de preservação, é contraditório isso. O Festival não trouxe sensibilização ambiental para o município.

Ao falar da “sujeira” que os visitantes fazem e finalizar a fala afirmando que o “Festival não trouxe sensibilização ambiental” à Parintins, **GB1** engloba os turistas, os moradores de Parintins e as agremiações na crítica à contradição no discurso, pois mesmo que haja uma mensagem ambiental nas letras das toadas, que são apresentadas pelos bois (agremiações), esta mensagem não está surtindo efeito em turistas e moradores, por causa da grande produção e despejo de resíduos nas ruas.

A crítica feita por **GB1** é menos direcionada às agremiações do que aos visitantes e moradores em geral. Mas a crítica dos entrevistados **FC37**, **RB39**, **NC41** e **RM46**, respectivamente, vai na direção das agremiações. Na percepção destes atores locais, o discurso permanece na arena:

[...] Vejo que o discurso é muito forte sobre o meio ambiente, mas nós não acompanhamos esse discurso no cotidiano dos bois.

[...] Olha, sinceramente (o discurso) gera quase nada, percebe-se que o discurso dos bois nas toadas é um discurso montado. O compositor prepara a toada, apenas para servir ao projeto do bumbá e o bumbá apenas reproduz na arena. Aquilo se trata de um ato cênico, apenas para compor um espetáculo, mas vivenciar aquilo lá dificilmente se nota, neste sentido, percebo que o discurso dos bumbás é um discurso evasivo.

[...] Não, não vejo dessa forma, eu vejo que a preocupação com o meio ambiente não é uma preocupação dos bumbás. No meu ponto de vista, esta preocupação não está sendo efetuada de uma forma positiva, nós temos aí algumas toadas que falam do meio ambiente, mas não temos nada efetivo que possa trazer alguma mudança. O discurso se restringe às três noites do Festival.

[...] O discurso ambiental é esquecido, um pouco, após o término do Festival, pois os bois deixam muitos resíduos no município, isopor, ferro, papelão.

A alegação de que o discurso fica preso à arena é sintomático. Se o discurso ambiental não extrapola os limites do bumbódromo significa que ele não reverbera significativamente pela população parintinense. É possível que a mensagem que as toadas querem passar, não seja nada além do que uma mera abstração, que sirva como um entorpecente para a consciência da população que ama o boi. A função deste entorpecente seria desviar a atenção das práticas ambientalmente incorretas das agremiações, tomando como realidade o que é cantado na arena, mas não vivenciado no cotidiano, logo que o evento termina, produzindo outros discursos vazios.

O discurso sobre a sustentabilidade é percebido pela entrevistada **ER18** como uma arma ideológica para vender o Festival, para vender a Amazônia:

[...] o discurso ambiental não reverbera entre a população, somente entre aqueles que detém o poder. A palavra sustentabilidade tem um poder, difundiu-se em todos os projetos que se pensa no turismo, ou qualquer projeto na área ambiental, mas a população não tem ideia direito do que é isso. As organizações usam a bandeira da sustentabilidade, mas a gente questiona esse rótulo sustentável, principalmente com esse descaso com a cidade, com as questões sociais, com a questão financeira das pessoas, descaso com a questão indígena que é muito usada no festival. Em nome da sustentabilidade é difundida a marca Amazônia, a marca indígena, a marca de se preservar a mata. Penso que deveria ter um envolvimento maior da sociedade.

Esta, sem dúvida, é uma percepção muito crítica sobre o Festival como um todo. A entrevistada relembra que desenvolvimento sustentável não se resume ao meio ambiente, mas deve considerar os outros aspectos básicos como a sociedade e a economia. A cidade não reflete o ideal pregado na arena, onde o discurso cantado serve como uma propaganda do que não é real.

Voltamos a nos perguntar se o discurso ambiental, ou o discurso da sustentabilidade reverbera sobre a população, gerando sensibilização. Para tal lançamos outra pergunta: o discurso é para quem? Tal pergunta é feita pelo entrevistado **AS36**:

[...] Se fala muito nisso e nós conseguimos suportar essa lixeira do jeito que ela é aqui. Se fala tanto em discurso preservacionista e o mesmo pessoal que brinca de boi, joga lixo na rua, vai até a praia ali no rio Uaicurapá, joga lixo de qualquer jeito, é uma desgraça aquilo ali.

O Discurso preservacionista está na teoria, mas não vivenciamos na prática. As mensagens que se quer passar na festa, de pureza, de altruísmo, na prática, no dia a dia, elas são caóticas, elas não têm esse propósito, isso não é verdade. É tão bonito ver aquilo, mas na prática a cidade é um caos. Como vai gerar sensibilização na população se o parintinense nem entra no bumbódromo. Vai gerar em quem? No paulista que vem aqui, convidado da Coca Cola? No carioca, convidado do Bradesco? No estrangeiro, convidado da Coca Cola, que vem dos Estados Unidos? Nas globais, para tirar foto para aparecer na ilha de Caras? Vai gerar nelas, tá entendendo? E aparecer com cocar, dizendo que está na floresta.

Usar as mensagens das toadas como instrumento de educação ambiental pode ser encarado como um impacto ambiental positivo ligado ao Festival. Entretanto, o discurso não tem confirmação na prática e não se pode afirmar, com clareza, quais as suas repercussões sobre a população em geral, que de alguma forma escuta as músicas. Além disso, não se pode negar de todo a interpretação de que o discurso arma ideológica, que é apresentada para turistas e a mídia externa.

Passemos aos impactos ambientais indiretos.

4.3 FESTIVAL FOLCLÓRICO DE PARINTINS: IMPACTOS INDIRETOS.

Os impactos indiretos podem ser considerados como tais, pois em algum sentido derivam das ações tomadas em relação ao Festival. Os mais importantes são dois: saneamento básico e destinação dos resíduos sólidos.

O saneamento básico em Parintins é um problema ambiental que ainda não foi resolvido. O município já declarou que não tem recursos necessários para elaborar e implementar o plano de gerenciamento dos seus resíduos sólidos, de forma satisfatória. Por outro lado, o Estado fornece recursos financeiros e todo o aparato necessário para que o Festival Folclórico de Parintins aconteça.

Isto é percebido por alguns atores locais, como um descaso com as necessidades básicas da população. A indagação que se faz é a seguinte: como pode o Estado auxiliar o município e as agremiações na realização do Festival, que é uma coisa que dura apenas uma semana, enquanto que os problemas referentes ao saneamento básico perduram o ano inteiro? Os entrevistados **GB1** e **RA35** percebem estas decisões políticas como incorretas:

[...] Parintins deve muito ao Festival, mas ele traz vários problemas. Vivemos em uma ilha, há o problema da enchente, temos o investimento de 50 milhões no bumbódromo, mas não se tem recursos para combater as enchentes, o município tem como controlar, como fazer um planejamento, se se quer Parintins como uma cidade turística.

[...]As decisões políticas tomadas a partir do festival são erradas. Pois se prefere construir um bumbódromo de 50 milhões de reais, que construir um saneamento básico da cidade, que não existe, não tem saneamento,

praticamente todo os esgoto da cidade é despejada na rua e vai pro rio. Só me atendo a estes aspectos, o festival não tem gerado benefício à população.

Em tese, o Festival Folclórico de Parintins não é responsável pela precariedade no saneamento básico da cidade, mas na percepção dos atores locais, a partir do momento em que as agremiações recebem, legalmente, dinheiro que poderia ser aplicado em outra área, moralmente o Festival torna-se responsável pela persistência do problema ambiental.

Os resíduos produzidos no Festival em parte são coletados pelas equipes da prefeitura, em parte são despejados nas águas, quando não, perdem-se pelos bueiros da cidade.

Durante a época da cheia dos rios, Parintins não foge à risca de outros municípios amazonenses, ficando alagada em alguns pontos. As enchentes trazem consigo grande parte do lixo que não foi coletado. E isto, segundo alguns atores locais ocorre todos os anos, podendo ser considerado um impacto ambiental indireto gerado pelo Festival. Tais afirmações sustentam-se na fala de **GM30**:

[...] Como a produção de lixo é muito grande e nem sempre há uma coleta, O lixo quando lançado nas águas, retorna pra cidade na época das cheias. É todo tipo de lixo boiando aqui pela cidade.

Esse lixo, quando não volta para a cidade, é levado para comunidades próximas à Parintins. Ou seja, gera um impacto na área rural de Parintins. **AM20** aponta este problema, percebido por ele, que também é morador da área rural de Parintins:

[...] Quando a gente viaja pelo beiradão, a gente vê o lixo alcançando as comunidades próximas. A nossa cidade é uma calamidade com esse negócio de lixo.

Além deste fato, o Festival influencia algumas comunidades próximas a realizarem seus próprios “festivais”, onde há a produção de resíduos sólidos, mesmo que em menor quantidade. Se na área urbana já não há a coleta adequada, pode-se imaginar o caso destas comunidades.

4.4 SÍNTESE DO IMPACTOS AMBIENTAIS PERCEBIDOS

Os impactos ambientais percebidos pela população foram divididos em duas categorias: impactos diretos (os impactos produzidos pelos visitantes e participantes em geral do Festival e os impactos produzidos pelas agremiações) e impactos indiretos. Houve contradição em alguns aspectos, como o discurso e a prática ambiental das agremiações.

A seguir veremos a síntese dos impactos e problemas ambientais identificados pela população.

Impactos Ambientais Diretos: visitantes

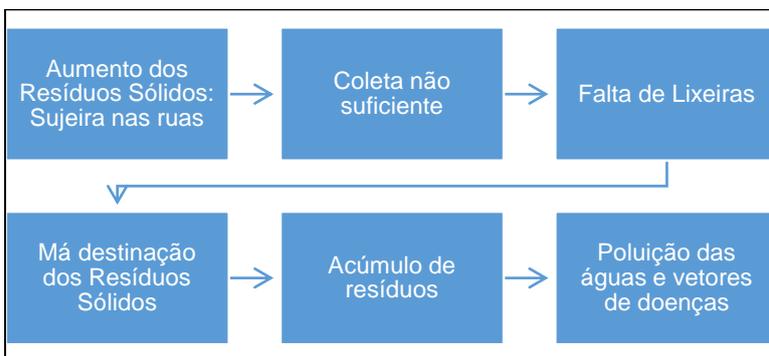


Figura 10 – Síntese: visitantes e participantes em geral 1
Fonte própria

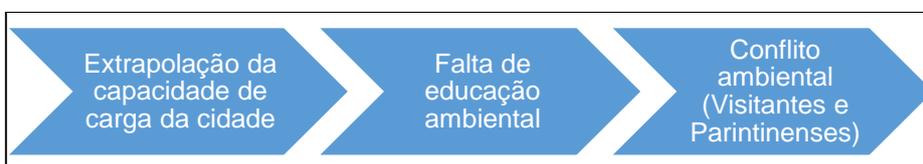


Figura 11 – Síntese: visitantes e participantes em geral 2
Fonte própria

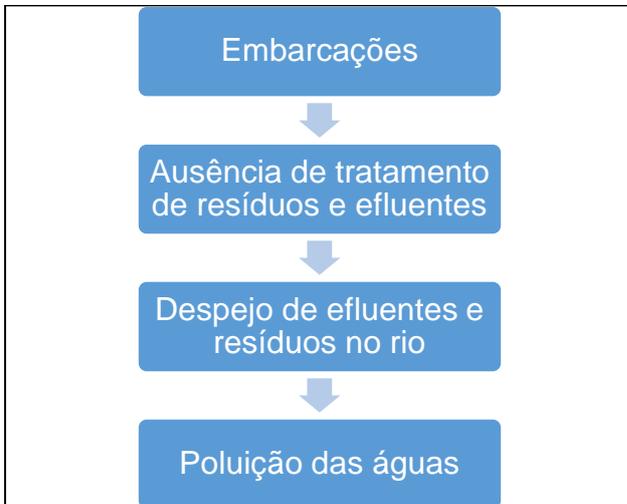


Figura 12 – Síntese: visitantes e participantes em geral 3
Fonte própria

Impactos Ambientais Diretos: agremiações



Figura 13 – Síntese: agremiações 1
Fonte própria

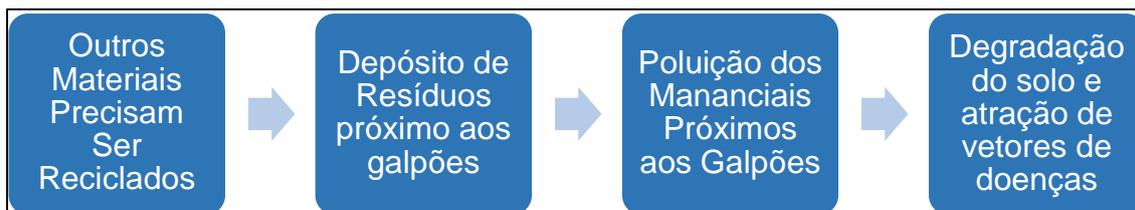


Figura 14 – Síntese: agremiações 2
Fonte própria

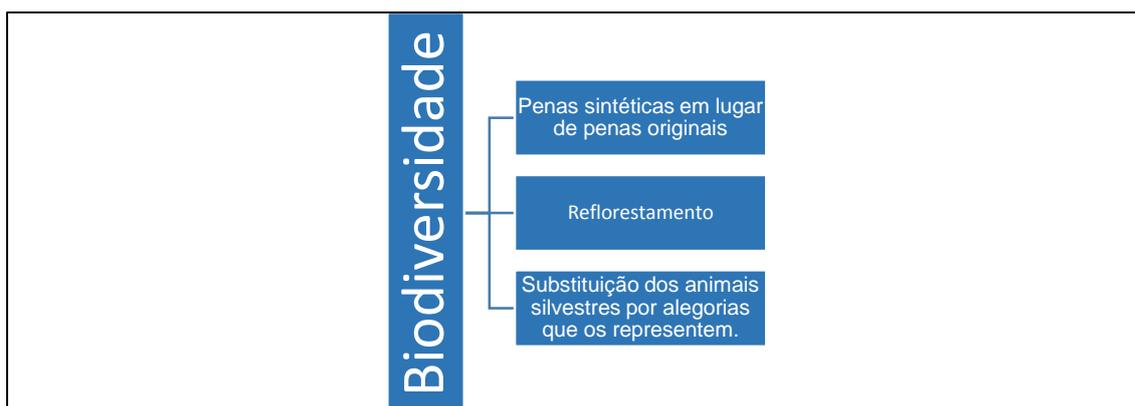


Figura 15 – Síntese: agremiações 3
Fonte própria

Impactos ambientais indiretos



Figura 16 – Síntese: Saneamento básico
Fonte própria

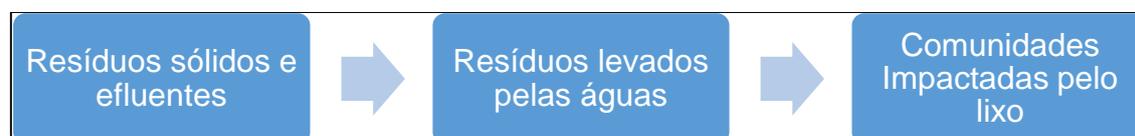


Figura 17 – Síntese: Comunidades Impactadas
Fonte própria

Contradições

Dinheiro para o evento x Sem dinheiro para o saneamento básico da cidade
Discurso ambiental dos bois x Prática ambiental
Toadas sensibilizam ambientalmente a população x não sensibilizam

Figura 18 – Síntese: contradições
Fonte própria

Os impactos produzidos no Festival aparecem em outras atividades, como o turismo, tópico que veremos no próximo capítulo.

CAPÍTULO 5 O TURISMO EM PARINTINS

O turismo é a síntese dos outros capítulos expostos acima. A sociedade local, em suas diversas esferas, recebe o turista e é impactado por ele, demonstrando-lhe satisfação ou rejeição. O turismo utiliza-se do meio ambiente, da paisagem natural, do patrimônio histórico-arquitetônico, impactando de forma positiva ou negativa os recursos naturais de uma localidade. O turismo é um fenômeno moderno, dinâmico, globalizante, que acontece na interação ou não do turista com a população local. Se houver interação, haverá impacto sociocultural, em menor ou maior escala, pois diversas visões de mundo e práticas se encontram, se defrontam, se misturam.

A estratégia do Ministério do Turismo (Mintur), que ficou conhecida como *Programa de Regionalização do Turismo*, utilizou-se do conceito de destinos indutores, ou seja destinos que detêm infraestrutura básica e turística, possuindo atrativos significativos, que consigam atrair para si grande número de turistas e distribuí-los para o seu entorno, dinamizando as economias envolvidas (SANTOS et al., 2012). As características do programa envolviam: gestão descentralizada, coordenada e integrada, “tendo em vista os princípios da flexibilização, mobilização, cooperação intersetorial e interinstitucional e sinergia nas decisões.” (RIBEIRO, 2013).

A análise realizada pelo Mintur, em 2006, para avaliar a potencialidade das cidades turísticas, identificou 65 destinos com atratividade turística significativa para receberem apoio financeiro e técnico. Destes 65 destinos indutores, o Estado do Amazonas é representado por 3 destinos: Manaus, Barcelos e Parintins. Graças ao Festival Folclórico, a cidade de Parintins conseguiu lograr esta posição de destaque nos investimentos do Mintur, pois foi identificado potencial para o turismo cultural.

Além do programa do Mintur, a Amazonastur (Empresa Estadual de Turismo do Amazonas) com a finalidade de promover o desenvolvimento do ecoturismo no Amazonas, definiu dois polos de atuação no Estado: o Polo Amazonas e o Polo Sateré. A cidade de Parintins foi incluída no Polo Sateré, juntamente com Barreirinha, Boa Vista do Ramos, Maués e Nhamundá. No entanto, apesar de ser o destino mais expoente do seu Polo, até 2013, Parintins não havia sido incluída na estratégia de ecoturismo do Estado (RIBEIRO, 2013), o que é muito contraditório.

Até a década de 80, o turismo em Parintins se resumia às festas religiosas, muito tradicionais no município, mas que não eram suficientes para atrair um grande número de turistas. No entanto, como já foi explanado, o crescimento do Festival Folclórico foi o divisor de águas no município, em todos os sentidos. Parintins passou a existir para o turismo. Os investimentos em infraestrutura que o Festival trouxe à Parintins, não deixou de fora a

infraestrutura turística básica, como hotéis, pousadas, restaurantes, as melhorias no aeroporto, asfalto etc.

Com o aumento na divulgação do município, os primeiros turistas que chegaram à Parintins, influenciados pelo Festival, foram os manauaras, assim como alguns moradores de cidades próximas. Além da divulgação do evento, vários ensaios e festas dos bois são realizados em Manaus, o que acabou gerando mais amor ao boi por parte dos cidadãos de Manaus, impulsionando-os a conhecer a ilha. (AZEVEDO FILHO, 2013).

A mídia foi uma grande aliada do Festival, de modo que o número de turistas foi crescendo rapidamente. Turistas do mundo todo vão até Parintins para acompanhar o seu grandioso Festival. Essa demanda foi refletida nas políticas públicas de turismo que passaram a incorporar Parintins e o Festival na rota dos investimentos em turismo.

A Amazonastur tem o Festival de Parintins como o principal produto turístico a ser vendido nas feiras turísticas por todo o país e em todo o mundo.

Os salões de turismo não nos permitem mentir. O Amazonas possui 62 municípios, dos quais pelos menos 15 têm potencial turístico, mas quem sempre se sobressai é Parintins, a decoração dos stands sempre tem algo relacionado à Garantido e Caprichoso. Até Manaus, muitas vezes é ofuscada pelo brilho de Parintins.

Todo este crescimento turístico deveria impulsionar uma diversificação do produto parintinense. Contudo, não é o que afirmam os atores locais entrevistados. A ideia de Parintins ser uma cidade turística, ou um destino indutor é criticada e rejeitada pelos atores locais que veem potencial na cidade, mas acreditam que a mesma ainda não pode ser considerada como tal, contrariando as políticas públicas de turismo destinadas ao município.

Quanto ao fluxo turístico, **MB3** relata:

[...] O fluxo de turistas começa a crescer a partir de maio, isso é um ponto positivo para as pessoas que querem uma renda extra.

Neste período pré-evento, muitas pessoas que não moram mais em Parintins vão chegando à cidade, como é o caso de alguns artistas que só vão à Parintins na época do Festival. Porém, o fluxo turístico que faz diferença na cidade acontece em junho, mais especificamente na semana do evento, quando inúmeros voos diários aterrissam na cidade. Logo, a atividade turística em Parintins, baseia-se amplamente no Festival, deixando outros potenciais atrativos esquecidos.

O entrevistado **GF9** ao mencionar as pessoas que se capacitam para trabalhar com o turismo em Parintins, afirma que:

[...] Tem muitas pessoas aqui que estudam turismo, estudam inglês, mas com certeza não terá trabalho no turismo para essas pessoas, pois o turismo de

massa acontece só naqueles dias, ninguém vive de turismo por duas semanas.

A falta de continuidade nas atividades turísticas leva à esta percepção pessimista sobre o turismo em Parintins, ou seja, as pessoas buscam alguma qualificação, buscam aprender uma nova língua, fazem cursos relacionados ao turismo, tornam-se bacharéis em turismo, coisas que são louváveis, mas que, a princípio, não lhes renderão o retorno esperado. Logo buscam outras atividades para subsistência.

O turismo em Parintins atrai vários tipos de cursos de qualificação turística, cursos de idiomas, cursos na área de gastronomia, curso para garçons e outros; tais cursos são oferecidos pela Amazonastur e por entidades privadas. Entretanto, com a dependência do fluxo turístico proveniente do Festival, há um desestímulo quanto à qualificação, é como se fosse um ciclo vicioso. Esta situação leva às críticas internas por parte de alguns entrevistados, como as que são feitas por **MS44**:

[...] Parintins tem a necessidade de ter mais pessoas capacitadas na área de comunicação, principalmente na língua inglesa, tem que saber falar. Pra melhorar 100%, as pessoas que trabalham com o turismo deveriam falar o inglês fluentemente.

Apesar do investimento em qualificação, a falta de alternativas ao Festival faz com que este investimento na melhoria do atendimento ao turista não alcance seu objetivo, satisfatoriamente. O ator local critica a falta de qualificação, mas não leva em consideração que as pessoas precisam ser motivadas, talvez se o turismo em Parintins fosse mais efetivo por pelo menos uns 3 meses, haveria esta motivação. Não significa que as pessoas viveriam do turismo, mas que a atividade turística seria um complemento real na renda das pessoas, de modo que as mesmas se sentissem motivadas a qualificar-se cada vez mais.

A falta de qualificação e, principalmente, a pouca diversificação do produto turístico parintinense fazem os atores locais questionarem o rótulo de cidade turística. **GB1** e **ER18** lembram a posição que Parintins ocupa na política de turismo dos poderes federal e estadual, e afirmam que Parintins ainda não possui a estrutura requerida por uma cidade turística:

[...] Parintins está entre os 65 destinos indutores do turismo no Brasil, apesar de a cidade não ter um calendário cultural específico. Ela não é uma cidade turística, ela não possui estrutura exigida.

[...] Parintins não pode ser considerada uma cidade turística em hipótese alguma. Parintins está classificada como um dos destinos indutores do turismo, mas só a questão do Festival é divulgada, não temos um estudo direcionado para as outras potencialidades de Parintins, como é o caso do ecoturismo, onde o município faz parte do Polo de Ecoturismo Sateré, mas cadê os estudos de viabilidade? Portanto, basicamente o turismo se concentra em 3 dias de festa.

Para os entrevistados, concentrar as atividades turísticas em apenas três dias não credencia Parintins como uma cidade turística. Tomando o aspecto da hospedagem **GB1** dar a entender que mesmo com os investimentos em infraestrutura turística, a cidade ainda não está preparada para o turismo. A oferta de leitos em hotéis e pousadas ainda é insuficiente para o número de pessoas que chegam à ilha. Na época do evento, como podemos ver anteriormente, as pessoas chegam a dormir nos barcos, outros armam barracas próximas às ruas. Mas fora da época do Festival os meios de hospedagem ficam vazios.

São duas situações diferentes: na primeira, não há vagas para todos; na segunda, sobram leitos além do normal. Ocorreram construções de novos hotéis na área urbana e na área rural, como Hotel Amazon River, hotel referência no Baixo Amazonas; em outros casos o poder público criou um programa chamado Cama & Café, onde alguns moradores tornariam suas residências em pousadas, para isso houve o embelezamento das casas, mas essa ação não foi o suficiente. Alguns moradores, alugam suas residências, durante o Festival, enquanto passam os dias da festa na área rural. Ainda assim, não foi encontrada a solução. Talvez, o problema não seja a superlotação dos estabelecimentos hoteleiros.

Os entrevistados **AA4** e **GF9**, abordam a questão das descontinuidade do turismo:

[...] Eu creio que, apesar do fluxo de turistas que chegam a Parintins, especialmente na época do Festival, a cidade não tem uma continuidade turística. Poderíamos trabalhar outros aspectos, outros lugares de interesse turístico, não somente o Festival.

[...] Parintins ainda não é uma cidade turística. É sempre ligado ao boi, mas não pode ser assim. Não se vive só de uma coisa, é preciso que as ruas de Parintins sejam ornamentadas com arte dos bois, é preciso haver exposição cultural. É preciso criar uma mentalidade turística por parte dos parintinenses.

Parintins, certamente tem outros elementos para serem trabalhados, mas a insistência com o Festival Folclórico impede que o município crie esta “mentalidade turística”. Os esforços em dinamizar e incrementar o turismo são 95% direcionados ao Festival, e para o entrevistado **AD11** não há a chegada de turistas somente na época do Festival, vejamos:

[...] Não tem chegada de turista só na época do boi, mas como a cidade é divulgada, turistas chegam para conhecer fora do Festival. Na temporada de cruzeiros, temos turistas, estes causam menos impactos que os que vem para o festival, porque não se hospedam em Parintins, passam rapidamente por Parintins, fazem algumas poucas atividades, deixando pouco retorno ao município.

A fama do Festival divulga a cidade, pessoas vão conhecê-la fora da época do evento. Mas o impacto destas pessoas que chegam em cruzeiros não é tão grande, pois não se hospedam em Parintins, não podem nem ser classificados oficialmente como turistas, mas

sim como excursionistas, pois, em geral, não passam mais de 24 horas na localidade (BARRETO, 2006). Entretanto, durante a excursão destes visitantes por Parintins, quais os atrativos e serviços mais significativos, ao ponto de lhes prender a atenção, pensarem em retornar e divulgar a cidade? Segundo os entrevistados **GB1**, **GM30**, **FC37**, **RB39** e **MS44**, respectivamente, Parintins pode fazer muito mais:

[...] Poderíamos ter outros tipos de atrativos ou tipos de turismo aqui, além do Festival. O Turismo de base comunitária é um exemplo.

[...] Está faltando pessoas capacitadas para receber os turistas, que saiba falar um inglês perfeito, não tem museu, não tem nada pra turista.

[...] Muitas coisas ainda precisam ser exploradas em Parintins, entre eles o turismo, que se fala muito, mas não é explorado.

[...] A cidade poderia explorar mais o turismo. De repente explorar o turismo de forma sustentável nas comunidade rurais do município, aos arredores de Parintins dá pra fazer muita coisa.

[...] Tem muito potencial, mas é preciso investir em mais coisas, além do Festival.

Os atores locais não estão alheios ao turismo. Eles percebem a importância que um turismo efetivo pode ter para a cidade, especialmente em termos econômicos em uma cidade que sofre com a falta de empregos. Os atores sabem o que pode ser trabalhado no município, o elemento natural é quase uma questão implícita no turismo que é feito na Amazônia. O turismo de base comunitária surge como outra opção, o ecoturismo que “se fala muito, mas não é explorado”, também é outra. O elemento histórico cultural em Parintins é riquíssimo.

Para os entrevistados **ER18** e **GG21**, Parintins não pode perder a oportunidade que o Festival abre para o turismo em Parintins:

[...] Se houvesse uma pessoa que pensasse seriamente o turismo, nós teríamos outras alternativas até mesmo ao Festival, deveríamos trabalhar outros roteiros. Nós não temos alternativa para a aglomeração de turistas em certos pontos da cidade.

[...] Devemos olhar para o Festival como uma proposta viável de turismo, se a gente conseguir que desperte nas autoridades que nós temos uma gama muito forte de atrativos, o Festival pode se tornar um convite para as pessoas nos conhecerem. Os turistas não vão só se encantar com a nossa festa, mas também com nossos recursos naturais, que são espetaculares.

Segundo estes entrevistados, a formatação de roteiros dentro e, sobretudo, fora do Festival são essenciais para a sobrevivência do turismo em Parintins.

5.1 AINDA ALGUNS PROBLEMAS

Quando foi dito logo no início desta seção que o turismo é a síntese dos outros elementos, não foi em vão. O turismo impacta a sociedade, a cultura, o meio ambiente e a economia. Algumas das questões aqui listadas já foram abordadas, antes então não nos deteremos muito nelas, mas as relembremos.

Em primeiro lugar, relembremos a questão da transformação do cultura de Parintins, em comércio. Cedendo às pressões econômicas do mundo da cultura, ou o Festival modernizava-se remodelando a tradição do boi-bumbá, ou seria mais um evento cultural sem tanta expressão até mesmo no Amazonas. Foi preciso contar com a força da mídia, com a força do capital mundial na pessoa dos patrocinadores, foi preciso adequar-se aos novos tempos.

Mas quem são os consumidores desta mercadoria chamada cultura? Um dos maiores consumidores se chama turista de massa, ele é o consumidor, que no seu lugar de origem compra uma fantasia, um desejo, uma ideia, e espera que a propaganda corresponda aos fatos. Em nome do capital injetado pelo turista, o Festival molda-se para atender às expectativas.

Neste processo, é claro que são guardados elementos tradicionais, elementos que lembram a brincadeira de rua do passado. Contudo, agora os padrões são outros, vejamos o que a entrevistada **FG15** afirma:

[...] Suas referências ao turismo estão ligadas à duas coisas: 1) o Festival cresceu e foi dominado pelo grande capital, perdendo sua essência enquanto festa para a comunidade 2) sendo feita para o entretenimento e captação de turistas. Um festa para turistas verem.

As mudanças visando os turistas, reverberam no modo como toda a cidade é conduzida para o Festival, os entrevistados **ES24** e **AC33** percebem esta questão da seguinte forma:

[...] Eu acho um desrespeito com os parintinenses, fazer as benesses para os turistas e não para os moradores.

[...] É interessante notar como a o Festival é preparado com o olhar dos de fora, a preocupação é com o turista.

Aquele problema dos benefícios temporários aparece aqui. O Festival propicia as facilidades nos dias da festa, como melhores atendimentos nos serviços públicos, voos regulares, embelezamento da cidade e as outras melhorias pontuais, somente com a finalidade de satisfazer as demandas que turistas e o próprio evento tem. A percepção dos atores locais mostra que o foco não é beneficiar a população.

Quanto aos impactos ambientais, os entrevistados observam que alguns dos locais que poderiam ser de interesse turístico estão poluídos por conta do despejo de resíduos sólidos produzidos por agremiações e turistas. É claro que não são todos os turistas que reproduzem seus maus hábitos aprendidos fora de Parintins, mas é perceptível que há impacto ambiental causado pelo turismo.

Para o entrevistado **RA35**, o turista que está em Parintins não demonstra cuidado com o meio ambiente local. Já **FG15**, percebe como o turismo é o responsável pelo seu próprio declínio:

[...] O turista suja e vai embora para o seu local de moradia.

[...] Devido aos impactos ambientais que o Festival gera, alguns locais que serviriam como interesse turístico não podem ser aproveitados, então ninguém teria coragem de levar turistas para tais cantos.

Locais que poderiam ser utilizados para diversificar as atividades turísticas ou entrar na formatação de novos roteiros, segundo entrevistados, antes precisariam passar por um processo de recuperação ambiental, pois quem perde é Parintins.

Parintins é “vendida” pela Amazonastur nas feiras nacionais e internacionais como uma cidade que alia sustentabilidade ambiental e social, que não tem medo de mostrar as suas origens indígenas misturada aos caboclos, europeus e negros. Como afirma o entrevistado **JC2**:

[...] Hoje, o próprio povo de Parintins é um atrativo turístico.

Isto se deve ao talento dos artistas e ao Festival que os parintinense conseguiram criar para encantar o mundo.

A expectativa do encontro com os parintinenses é algo que inevitavelmente acontece, vê-los torcendo na ala “dedicada” ao povo da cidade é impressionante, é um espetáculo à parte. Entretanto, para entrevistados a forma como ocorre o Festival pode ser uma decepção para os turistas na medida em que o festejo está longe de aliar a sustentabilidade ambiental com a social. Observe-se o que os entrevistados **AS36** e **ER18** afirmam sobre esta questão:

[...] A cidade se mostrou caótica para o visitante no último festival. Eles viram todas as nossas mazelas, acho que isso acaba sendo bom.

[...] O turista chega aqui querendo ver a sustentabilidade ambiental aliada à cultura, ao imaginário indígena. Entretanto, muitas vezes a realidade pode decepcioná-lo. Eu fico muito preocupada com as pessoas que vêm pra cá, por conta da imagem que os turistas levam daqui, a imagem de que não é nada daquilo que aparentava ser.

A ironia de **AS36** contrasta com a preocupação de **ER18**. Enquanto, o primeiro crê que para o turista é positivo perceber as mazelas socioambientais que estão presentes em Parintins. O entrevistado não teme mostrar o que é a sua cidade, talvez se os turistas verem a real Parintins isso possa mudar alguma coisa. Para **ER18**, a desilusão do turista pode comprometer a imagem da cidade. É claro que a entrevistada não deseja maquiagem os problemas da cidade, mas mostra preocupação em que o discurso ambiental do Festival seja realidade na cidade, de modo que seja realidade para o turista.

5.2 ALTERNATIVAS

Parintins não se resume ao Festival, de outra forma não poderia ser considerada um destino indutor, segundo entrevistados. É claro que existem alternativas ao Festival, mas é preciso trabalhá-las, ou seja planejá-las. Percebe-se que Parintins tem como uma de suas vocações turísticas, o turismo de eventos, pois além do megaevento que organiza todos os anos, ainda há o Carnailha, que é o carnaval de rua dos parintinense que serve para captação de turistas. Há também as festas religiosas, turismo religioso, com grande destaque para a festa de Nossa Senhora do Carmo, a padroeira do município. Esta última festa atrai inúmeras pessoas das cidades próximas à Parintins. Entrevistados indicam que há, no mínimo, dois outros eventos que podem ser trabalhados em Parintins.

João Danúzio Azevedo Filho (2013), em sua tese intitulada: *A Produção e Percepção do Turismo em Parintins, Amazonas*, elencou algumas outras alternativas: como o turismo na Vila Amazônia, agrovila que é bastante lembrada pela histórica presença dos japoneses na década de 1920 e 1940, possuindo ainda prédios daquela época, possibilitando um resgate histórico de uma parte da história de Parintins. Há também a região da Serra da Valéria e Paraná de Parintins, áreas naturais de grande apelo paisagístico, que alteram-se conforme a época da cheia ou seca. São lugares que tem bastante visitação de cruzeiros, por sua beleza cênica e seus sítios arqueológicos. Além destes ecossistemas, há a Bacia do Uaicurapá, onde na seca formam-se praias fluviais, além disso, há a realização do Festival de Verão do Uaicurapá, em setembro. As áreas de várzea como no Paraná do Limão, possuem fraco impacto ambiental. No Paraná do Limão habitam famílias que produzem hortaliças. Há também lugar para a prática da pesca esportiva e passeios fluviais. Além da Vila Amazônia, há outras agrovilas que possuem potencial turístico, como é caso das agrovilas de Mocambo e Caburi, onde são realizados pequenos festivais folclóricos.

5.3 SÍNTESE DAS QUESTÕES RELACIONADAS AO TURISMO

A síntese deste breve capítulo está dividida da seguinte forma: Parintins como principal produto turístico do Amazonas, fama do Festival, Parintins refém do Festival, alternativas para o turismo em Parintins, impactos do turismo e contradições.

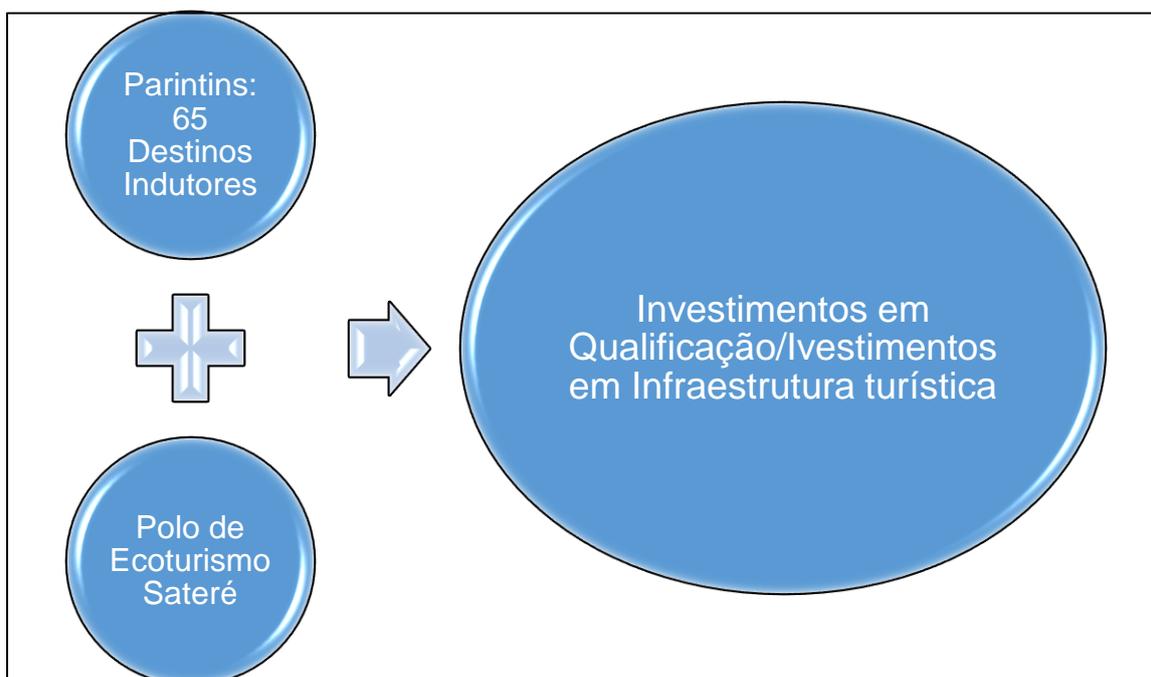


Figura 19 – Síntese: Parintins como principal produto turístico do Amazonas.
Fonte própria

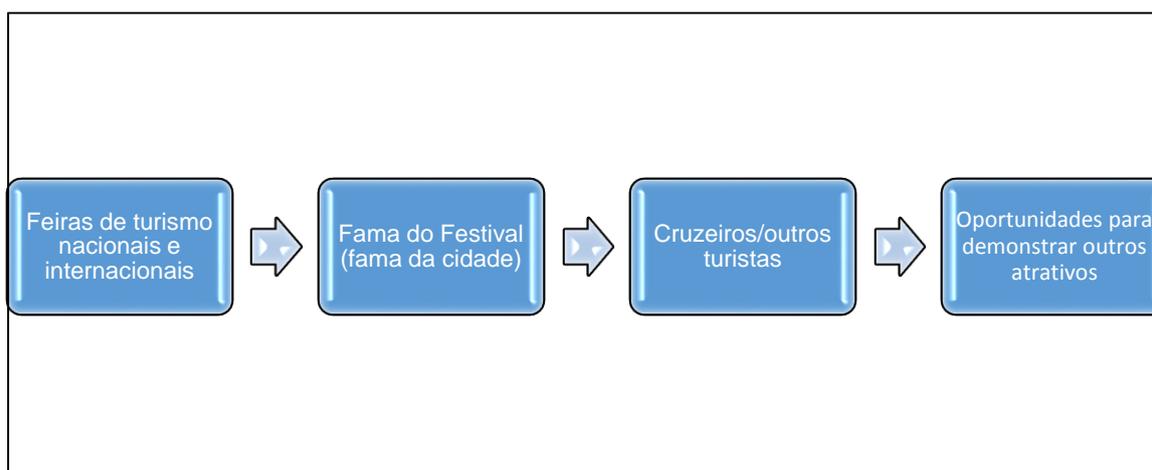


Figura 20 – Síntese: Fama do Festival.
Fonte própria

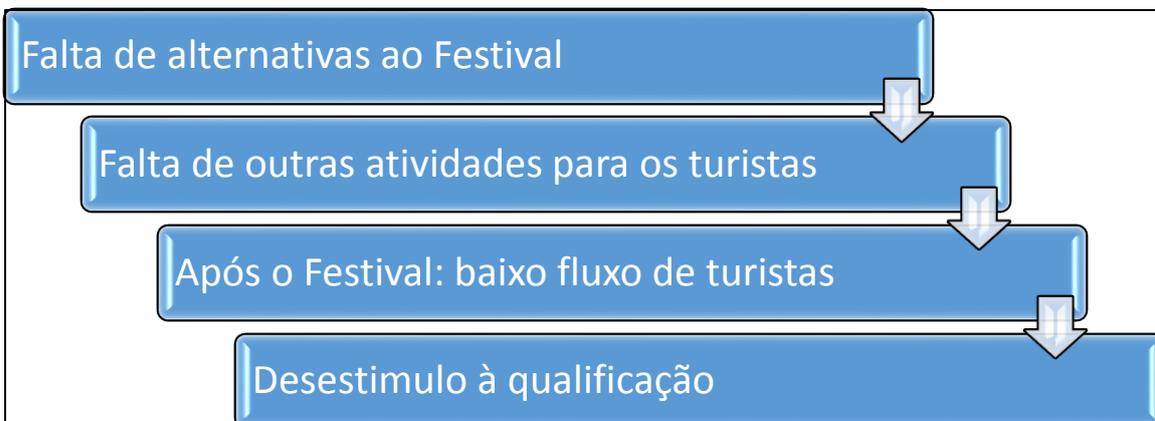


Figura 21 – Síntese: Parintins refém do Festival.
Fonte própria

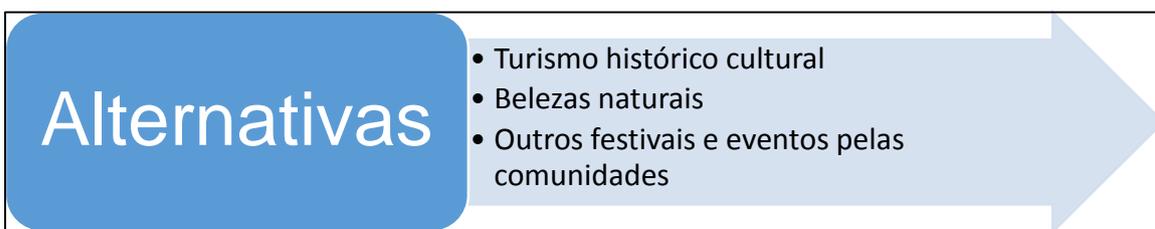


Figura 22 – Síntese: Alternativas para o turismo em Parintins
Fonte própria

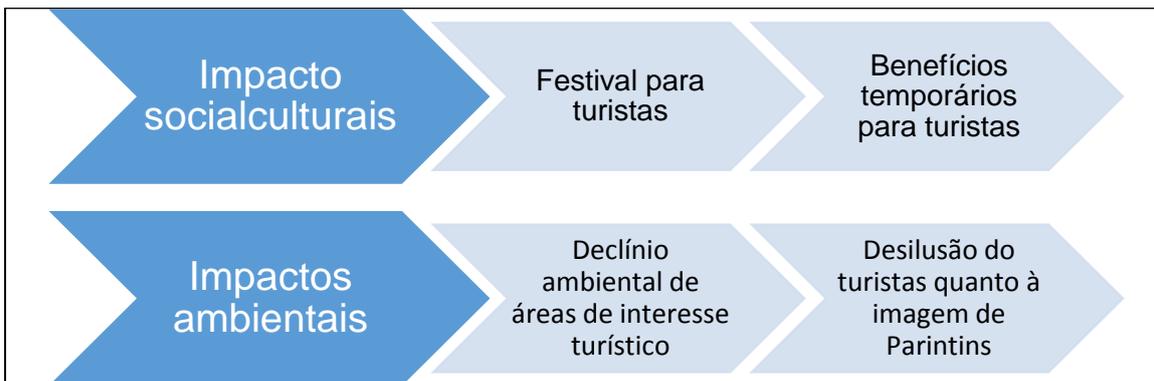


Figura 23 – Síntese: Impactos do turismo
Fonte própria

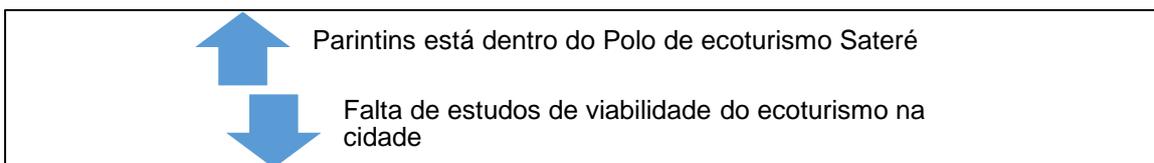


Figura 24 – Síntese: Contradições
Fonte própria

CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

A pesquisa teve por objetivo identificar e descrever as percepções de atores locais chave em Parintins, sobre os impactos socioambientais gerados em seu Festival Folclórico. Para isso, entrevistas foram feitas com cidadãos parintinenses de diversos segmentos da sociedade: planejadores do evento, artistas, comerciantes, políticos, guias de turismo, profissionais da comunicação, acadêmicos, artesãos, líderes religiosos etc., ou seja a população em geral. As falas dos entrevistados ajudaram a confirmar algumas ideias sobre o Festival e a notar outras que nem sempre estão na superfície para que possamos identificá-las.

Graças à característica das entrevistas aplicadas, vários assuntos foram abordados pelos atores locais. Usou-se o critério dos tópicos mais relevantes levantados, baseados na abordagem socioambiental, para se chegar ao consenso sobre quatro categorias a serem utilizadas para análise: identidade cultural, meio ambiente, modernidade e turismo. Desta forma, tratou-se dos impactos positivos e negativos que o Festival Folclórico de Parintins gerou sobre estes quatro aspectos, sob o ponto de vista dos parintinenses consultados.

Os impactos culturais do Festival Folclórico de Parintins, talvez sejam os mais lembrados, quando se trata do evento. A contribuição cultural do Festival não se restringiu aos limites de Parintins. Como é do conhecimento geral o boi-bumbá de Parintins foi tomado como o grande representante da cultura do Amazonas. Tal processo desencadeou várias consequências benéficas na cidade, como a valorização dos artistas parintinenses, a valorização da cultura amazonense, o orgulho e a identidade local. No entanto, como os próprios atores locais endossam, a grande visibilidade e o crescimento do Festival estão causando o distanciamento da população, além da total perda de controle sobre os rumos da festa.

Em se tratando dos impactos sociais, os atores percebem a importância do Festival Folclórico de Parintins como justificativa para vários investimentos que dinamizam a infraestrutura local. Porém, os entrevistados também percebem que tais investimentos tem caráter pontual e que a cidade precisa de mais políticas concretas, dentro e fora do Festival, pois além dos benefícios que o evento proporciona, há vários problemas sociais que causam a perda da tranquilidade típica de uma cidade do interior do Amazonas.

O Festival constitui-se a porta de entrada da Ilha Tupinambarana na modernidade, processo irreversível, que se caracteriza como um grande legado, na percepção local. O evento fez com que a cidade fosse conhecida, entrasse no mapa do Brasil. Para o bem ou para mal, as grandes questões mundiais, embaladas pelas contagiantes toadas, estão presentes no cotidiano parintinense, modernidade e tradição se encontram na rua, gerando benefícios e conflitos variados.

Uma das principais questões da modernidade é o meio ambiente. Na percepção dos atores locais, em Parintins, isto se materializa, basicamente, de três formas: 1) produção de resíduos e efluentes, 2) crescimento da sensibilização ambiental e 3) discurso ambiental. Enquanto a produção de resíduos e efluentes cresce rapidamente, as soluções para estes problemas parecem engatinhar, a sensibilização ambiental já cresceu bastante no município, em especial nas agremiações Garantido e Caprichoso que utilizam o espaço da arena do bumbódromo para transmitir um discurso ambiental muito bonito, com foco na Amazônia.

Para os entrevistados, houve uma melhora na preocupação ambiental dos bois, sendo que o discurso ambiental começa a se tornar prática quando as agremiações buscam alternativas para a disposição dos seu resíduos e na mudança de algumas práticas ambientalmente incorretas, mas Garantido e Caprichoso ainda não são referência ambiental, mas aos olhos dos entrevistados, as agremiações ainda não são um exemplo de sustentabilidade.

Outro aspecto levantado foi o turismo. A visibilidade que a cidade ganhou, graças ao Festival, fez com que Parintins fosse tomada como uma das principais cidades turísticas do Amazonas. Entretanto, para a maioria dos atores locais, isto não condiz à realidade. O fluxo de turistas em Parintins está, quase que por completo, ligado aos dias do Festival, a visita fora do evento é muito pequena.

Parintins é refém do Festival em termos turísticos, mas isto não significa que a cidade não tenha outros atrativos. Contudo, o turismo em Parintins é subutilizado, deixando de ser uma das alternativas econômicas viáveis para o município. Parintins está nas políticas turísticas direcionadas ao Amazonas, é apresentada nos encontros de turismo e nas feiras nacionais e mundiais, é um dos principais produtos da Amazonastur.

Na percepção dos parintinenses, fora da época do evento, alguns turistas chegam à cidade, porém não há outros roteiros bem estabelecidos, para que o turista possa desfrutar da estadia. Isto impossibilita uma atividade turística mais estável na cidade, mesmo possuindo elementos histórico-culturais riquíssimos, além do Festival.

A sustentabilidade é um projeto que sempre estará se renovando, pois sempre surgem novas questões a serem solucionadas. O Festival Folclórico de Parintins impacta diretamente e indiretamente diversos aspectos da sociedade parintinense; são questões múltiplas que requerem soluções múltiplas. Logo, não será somente um ator ou grupo específico que saberá como tratar os problemas socioambientais, nem maximizará os ganhos.

Por conta do Festival, Parintins deixou de ser uma ilha isolada, mas ganhou contornos de cidade grande, com problemas sociais, problemas ambientais e abrigando as grandes questões mundiais. A sustentabilidade é um imperativo que, ao menos em tese, é buscado por todos ou quase todos, tornou-se um discurso que nem sempre está de acordo com as práticas e decisões tomadas por quem detém o poder.

Em Parintins, o desenvolvimento sustentável pode se tornar uma realidade, ou uma busca verdadeira. O Festival Folclórico de Parintins pode vir a ser uma extensão de uma cidade comprometida com a sustentabilidade. Contudo se isto não ocorrer, o evento, na pessoas das suas agremiações, tem condições de exercer seu poder de influência sobre a cidade.

Recomendações

Esta pesquisa, além de contribuir para a academia, também tem a intenção de devolver os resultados para os atores locais entrevistados. Tais recomendações endereçam-se aos planejadores do evento, sejam eles poder público (secretaria de cultura, amazonatur, prefeitura de Parintins) ou as próprias agremiações folclóricas (Garantido e Caprichoso), bem como as lideranças locais, os quais deram subsídios para a realização da pesquisa. Mas visam também aos entrevistados, como forma de devolução pelo tempo que nos dedicaram.

Quanto às **questões culturais** recomenda-se que os planejadores do Festival Folclórico de Parintins concentrem-se em mitigar os impactos negativos. É consenso que o Festival trouxe valorização para os artistas da cidade, possibilitou que alguns melhorassem sua condição financeira e sociocultural, conseguiu dar uma referência cultural (ou identidade) ao parintinense/amazonense. Esses fatos estão consolidados e precisam ser mantidos.

Deve-se criar uma política cultural específica para o Festival, que privilegie a inserção da comunidade, afinal quem criou este Festival, poderá daqui há uns anos dar as costas completamente para o evento. O orgulho local por fazer parte de Parintins, a ilha encantada, pode dar lugar à frustração e desinteresse, tornando o Festival em apenas um meio de arrecadação financeira.

A política cultural para o Festival não deve ser apegada a um passado tradicionalista, mas deve aliar os elementos tradicionais com a dinâmica econômica atual, pois não há dúvida que o evento é um meio econômico que está altamente inserido nas prateleiras do consumo cultural atual. Entretanto, ao trazer mais a sua população para perto de si, o evento recupera sua credibilidade junto à comunidade, como um evento que não é feito somente para os “de fora”. E o torna mais “autêntico” e interessante para estes.

Há a necessidade de direcionar o Festival para as questões atuais da Amazônia, mostrando quem são realmente os personagens amazônicos e em quais contextos eles estão inseridos hoje, não apegando-se a uma imagem estática da Amazônia. A política cultural deve conceber o Festival como um meio de informação e educação, de modo que as representações feitas nele não sejam distorcidas.

No que tange aos **impactos sociais**, recomenda-se que os problemas sociais não podem ser encarados como anormais, e devem ser enfrentados. De fato, o custo de um progresso conseguido de qualquer jeito reflete-se na população menos favorecida. Pensa-se muito como o Festival trouxe investimentos à Parintins, como ele ajudou a modernizar algumas áreas da cidade, em especial o centro, mas o compromisso social do evento deve ir além.

Há consenso na cidade, de que Garantido e Caprichoso, além de tudo, são forças políticas detentoras de um poder e influência, que superam até mesmo a prefeitura, como apontam os entrevistados. As agremiações têm consciência de que exercem influência sobre a cidade, que têm poder de negociação política dentro e fora dos limites de Parintins. Logo, os gestores populares (agremiações) devem aliar-se aos gestores formais (poder público) no planejamento do Festival Folclórico de Parintins, que não pode ser visto como mais um evento cultural. As agremiações devem formar um projeto social que perdure, antes, durante e após o evento.

Quanto aos **impactos ambientais**, sugere-se:

-Mais lixeiras pela cidade de Parintins, durante e após o evento.

-A Associação dos Catadores de Lixo de Parintins- ASCALPIN, deve receber maior apoio por parte do poder público e das agremiações, para fortalecimento da classe no município, algo que não vem acontecendo (COSTA *et al.*, 2010). Os catadores são um aliado importante no processo de coleta dos resíduos sólidos.

-Traçar um perfil ambiental dos visitantes. Sabe-se que muitas pessoas da região Norte vão à Parintins acompanhar o Festival, mas é preciso quantificar isso, saber quem são, de onde são, qual o nível de educação ambiental etc.

-É imprescindível iniciar um processo de mudança no sistema de tratamento de efluentes das embarcações que chegam à Parintins.

-Aumentar a fiscalização ambiental durante o evento, punindo práticas ambientais nocivas ao meio ambiente, como o despejo de resíduos nas águas de Parintins.

-Um processo de (re)educação ambiental desde o momento em que o visitante sai do seu lugar de origem, deixando claro as normas ambientais.

-Que as agremiações criem um setor específico para desenvolvimento de pesquisas socioambientais.

-Um trabalho de educação ambiental junto às agremiações, englobando todos aqueles que participam do processo do Festival: diretoria, planejadores e artistas.

-Realizar um processo de inclusão da percepção ambiental da comunidade, trabalhando a educação ambiental de cada cidadão.

-Contratação de especialistas em gestão ambiental para planejamento ambiental do evento.

-Criação de uma política ambiental para o Festival Folclórico de Parintins.

Para o **turismo** em Parintins, sugere-se um melhor olhar sobre os outros eventos de Parintins, focando-se no público alvo destas festas, pois nem todo evento terá a força de atração que tem o Festival. Portanto, se no Festival trabalha-se em cima de turistas nacionais e internacionais, por que não focar nos potenciais turistas regionais, de municípios como Nhamunda, Barreirinha e os municípios limítrofes do Pará, como Santarém e Juruti? São alternativas totalmente viáveis.

Contudo, nem só de festas o turismo se vive. Após a captação destes turistas regionais, é preciso organizar roteiros, planejar atividades para que o turistas não fiquem andando pela cidade sem saber o que fazer. Fora do período das festas (Parintins não tem um calendário cultural bem definido) é necessário explorar racionalmente as belezas naturais de Parintins, juntamente com a sua área rural, onde a promessa chamada ecoturismo pode virar realidade.

Muito já foi feito em Parintins, no entanto, muito resta por fazer, sobretudo em prol da melhoria da qualidade de vida dos seus habitantes. Que esta dissertação sirva como uma contribuição neste rumo.

REFERÊNCIAS

- ADAMS, C.; *et al.* **Sociedades caboclas amazônicas: modernidade e invisibilidade.** São Paulo: Annablume, 2006.
- AGUIAR, Lileane Praia Portela de. **Inclusão em Destinos Turísticos: estudo comparado entre os destinos turísticos de Presidente Figueiredo (AM) e Barreirinhas (MA).** 2013. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável) – Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, Brasília.
- AMAZONAS. Secretaria de Estado de Planejamento e Desenvolvimento Econômico (SEPLAN). **Condensado de informações sobre os municípios do Estado do Amazonas.** 9 ed. Manaus: 2008.
- ANDERECK, K. L. et al. Residents' Perceptions of Community Tourism Impacts. **Annals of Tourism Research.** v. 32, n. 4, p. 1056–1076, out. 2005.
- ANDRADE, José Vicente de. **Turismo: fundamentos e dimensões.** São Paulo: Ática, 2000.
- ANGELKOVA, T.; *et al.* Sustainability and Competitiveness of Tourism. **Procedia - Social and Behavioral Sciences.** v. 44, p. 221-227, 2012
- AZEVEDO, Luiza Elayne Corrêa. **Boi Bumbá de Parintins: cenários na pós-modernidade e sua inserção no marketing cultural.** 2000 (Dissertação em Administração) Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.
- AZEVEDO FILHO, João Danúzio. **A Produção e a Percepção do Turismo em Parintins – Amazonas.** 2013. Tese (Doutorado em Geografia) Universidade de São Paulo, São Paulo.
- BALDUCK, A., MAES, M. BUELENS, M. The Social Impact of the Tour de France: comparisons of residents' pre- and post-event perceptions. **European Sport Management Quarterly,** v.11 n. 2, pp. 91-113, 2011.
- BARRATO, Margarida. **Manual de Iniciação ao Turismo.** Campinas: Papirus, 2006
- BASSOI, L. J.; GUAZELLI, M. R. Controle Ambiental da Água. In: PHILLIPPI JR, Arlindo. **Curso de Gestão Ambiental.** Barueri-SP: Manole, 2004.
- BECK, Ulrich. **The Risk Society.** Londres: Sage, 1992.
- BECK, U.; GIDDENS, A.; Lash, S. **Modernização Reflexiva.** São Paulo: Unesp, 2012.
- BENI, Mário Carlos. **Análise Estrutural do Turismo.** São Paulo: SENAC, 2001.
- BORBA FILHO, Hermilo. **Apresentação do Bumba meu Boi: o boi misterioso de Afogados.** Recife: Imprensa Universitária, 1966
- BRAGA, Ivan. **Os bois-bumbás de Parintins.** Rio de Janeiro: Funarte/Edua, 2002.

BURZSTYN, M. A.; BURZSTYN, M. Desenvolvimento sustentável: biografia de um conceito. In: NASCIMENTO, E.; VIANNA, J. **Economia, meio ambiente e comunicação**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

BUTLER, Richard. Alternative Tourism: Pious hope or Trojan horse? **Journal of Travel Research Winter**. v. 28, p.40-45. 1990

_____. Alternative Tourism: the thin end of the wedge. In: SMITH, V.; EADINGTON, W. **Tourism Alternatives: Potentials and Problems in the Development of Tourism**. Chichester: Wiley, 1992.

CÂMARA CASCUDO, Luís da. **Antologia do Folclore**. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1965.

CARDOSO FILHO, Gerson Teixeira. A Gestão de Resíduos Sólidos em Parintins/AM à Luz da Política Nacional de Resíduos Sólidos. **Somanlu**. v.12, n.2, p. 209-226, 2012.

CARVALHO, Isabel Cristina. **Educação Ambiental: a formação do sujeito ecológico**. São Paulo: Cortez, 2008.

CAVALCANTI, Maria Laura. O Boi-Bumbá de Parintins, Amazonas: breve história e etnografia da festa. **História, Ciência e Saúde – Manguinhos**. v.4, p. 1019-1046, 2000.

CAZÉ, M. J.; PAIXÃO, M.L.; Do Boi da Sobrevivência ao Boi do Folgado: transpondo fronteiras geográficas e culturais na arte e na educação. In: **V ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura**. – UFBA, 2009. Disponível em: < <http://www.cult.ufba.br/enecult2009/19559.pdf>>. Acesso em: 22/04/2013.

CHALIP, L., & COSTA, C. Building Sport Event Tourism Into the Destination Brand: foundations for a general theory. In: Gibson, H. **Sport Tourism: Concepts and theories**. London: Routledge, 2006.

CHATIER, Roger. **A História Cultural - entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.

CLARK, Jackie. A Framework of Approaches to Sustainable Tourism. **Journal of Sustainable Tourism**, v. 5, n. 3, p. 224-233, 1997.

COLEMAN, M.; MULES, T. Aspects of Resident's Perceptions of Canberra's V8 Super Car Race. **Journal of Sport & Tourism**. v.6 n.2, p.12-13, 2001.

COSTA, F. A.; INHETVIN, T. **A agropecuária na Economia de Várzea da Amazônia: os desafios do desenvolvimento sustentável**. Brasília-Manaus: IBAMA/Provárzea, 2006.

COSTA, Carmen Lúcia. As Festas e o Processo de Modernização do Território Goiano. **Revista RA'E GA**. n.16, p. 65-71, 2008.

COSTA, M.; SILVA, R.; FERNANDO, A. Trabalho e Exclusão Social: o caso dos catadores de lixo de Parintins. In: **II ENCONTRO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE SOCIOLOGIA DA REGIÃO**. 2010.

CORRÊA, Hydelvídia Cavalcante de. **O Falar do Caboclo: aspectos fonético-fonológicos e léxico-semânticos de Itacoatiara e Silves**. 1980. Dissertação (Mestrado em Letras em Língua Portuguesa) Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

CRESWELL, John. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Porto Alegre: ArtMed, 2010.

DÁVID, Lóránt. Events and Tourism: an environmental approach and impact assessment. **Journal of Tourism Challenges and Trends**, v. 2, n. 2, p. 101-114, 2009.

DELAMERE, T. A., WANKEL, L. M., HINCH, T. D. Development of a Scale to Measure Resident Attitudes Towards the Social Impacts of Community Festivals, Part I: item generation and purification of the measure. **Event Management**, v.7, n.1, p. 11-24, 2001.

DIAS JÚNIOR, José do Espírito Santo. **Cultura popular no Guamá: um estudo sobre o boi bumbá e outras práticas culturais em um bairro de periferia de Belém**. 2009. Dissertação (Mestrado em Filosofia e Ciências Humanas) Universidade Federal do Pará, Belém.

DIAS, Reinaldo. **Turismo Sustentável e Meio Ambiente**. São Paulo: Atlas, 2008.

ESHLIKI, S.; KABOUDI, M. Community Perception of Tourism Impacts and Their Participation in Tourism Planning: a case study of Ramsar, Iran. **Procedia - Social and Behavioral Sciences**. v.36, p. 333-341, 2012.

FERREIRA, C. **Percepção Ambiental na Estação Ecológica de Juréia-Itatins**. Dissertação. (Mestrado em Ciência Ambiental) Programa de Pós Graduação em Ciências Ambientais. Universidade de São Paulo, 2005.

FERNANDES, Ana Rúbia. Festival folclórico: o que muda em Parintins? **Revista Somanlu**. Edição especial. p. 99-114, 2002.

FRANCO, Maria Assunção Ribeiro. **Planejamento Ambiental Para a Cidade Sustentável**. São Paulo: FAPESP, 2001.

FRAXE, T.; WITKOSKI, A.C.; MIGUEZ, S. O Ser da Amazônia: identidade e invisibilidade. **Cienc. Cult.** vol.61 no.3, 2009.

FURTADO, Celso. **O Mito do Desenvolvimento Econômico**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Culturas híbridas**. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2008.

GUATARI, Félix. **As três Ecologias**. Campinas: Papyrus, 1991.

GUEDES, Fátima. A Saga do Boi Bumbá em Preto e Branco. **Revista Somanlu**. Edição especial. p. 51-58, 2002.

GETZ, Donald. **The World of Planned Wvents, Event Studies: theory, research and policy for planned events**. Amsterdã: Elsevier/Butterworth-Heinemann, 2008a.

_____. Event Tourism: definition, evolution, and research. **Tourism Management Tourism Management**. v. 29, n. 3, p. 403–428, 2008b.

_____. Policy for sustainable and responsible festivals and events: institutionalization of a new paradigm. **Journal of Policy Research in Tourism, Leisure and Events**, v. 1 n. 1, pp. 61-78, 2009.

GIDDENS, Anthony. **As Consequências da Modernidade**. São Paulo: Unesp, 1991.

GRANOVETTER, Mark. The Strength of Weak Ties. *American Journal of Sociology*. , v. 78, n. 6, p.1930-1938, 1973.

_____. *Sociology Theory*. Randall Collins. San Francisco, 1983.

GONDIM, Neide. **A Invenção da Amazônia**. Manaus; Valer, 2007.

GURSOY, D.; KENDALL, K. W. Hosting Megaevents: modeling locals "support". **Annals of Tourism Research**. v.33, n.3, p.603-623, 2006.

HAIR, J.F.; *et al.* **Marketing Research: A Practical Approach for the New Millennium**. Boston: McGraw-Hill Publications, 2000.

HALL, Michael. The Definition and Analysis of Hallmark Tourist Events. **GeoJournal**, v.19 n.3, p.263–268, 1989.

_____. Sustainable Mega-events: beyond the myth of balanced approaches to mega-event sustainability. **Event Management**. v. 16, n. 2, p. 119-131, 2012.

HALL, Stuart. Identidade Cultural e Diáspora. In: **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. p. 68-75, 1996.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A,1997.

HILLERY, M.; NANCARROW B.; GRIFFIN G.; SYME G. Tourist perception of environmental impact. **Annals of Tourism Research**, v. 28, n. 4, p. 853–867, 2001

HUNTER, Colin. Sustainable Tourism as an Adaptive Paradigm. **Annals of Tourism Research**. v. 24, n.4, p. 850-867, 1997.

INSTITUTO NACIONAL DE METEOROLOGIA - INMET. **Dados de precipitação de Parintins (1992-2004)**. Manaus: Primeiro Distrito de Meteorologia/SEOMA, 2005.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico 2010: primeiros resultados**. Disponível em: <<www.ibge.gov.br>>. Acesso em 20/05/2013.

INVOLVE. **People & Participation: how to put citizens at the heart of decision-making**, (2005) disponível em: http://www.involving.org/mt/archives/blog_13/People%20and%20Participation%20final.pdf (acessado em 23.02.2013).

ISHIY, Morupi. Turismo e Megaeventos Esportivos. **Revista Turismo em Análise**. v.9, n.2, p. 48-60, 1998.

KIM, S.; PETRICK, J. Residents' Perceptions on Impacts of the FIFA 2002 World Cup: the case of Seoul as a host city. **Tourism Management**. v.26, n1, p. 25-38, 2005

KING, B.; PIZAM, A.; MILMAN, A. Social impacts of tourism: Host perceptions. **Annals of Tourism Research**, v. 20, n. 4, p. 650–665, 1993.

KLEIMAN, Mauro. A Modernização Incompleta: as redes de infra-estrutura urbana na construção do moderno Rio de Janeiro: a cidade-das-redes e a cidade-fora-das-redes. **ANPUR**, v. 4, n. 4, p. 752-760, 1996.

KOROSSY, Natália. Do turismo predatório ao turismo sustentável: uma revisão sobre a origem e a consolidação do discurso da sustentabilidade na atividade turística. **Caderno Virtual de Turismo (UFRJ)**. v. 8, n. 2, p. 56-68, 2008.

KRIPPENDORF, Jost. Towards New Tourism Policies. **Tourism Management**, v. 3, n. 3, p. 135-148, 1982.

_____. **The Holiday People: understanding the impact of leisure and travel**. Londres: Heinemann, 1987.

_____. **Sociologia do Turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.

KUVAN, Y.; AKAN, P. Residents' Attitudes Toward General and Forest-Related Impacts of Tourism: the case of Belek, Antalya. **Tourism Management**.v.26, n.5, p. 691-706, 2005

LARRAIN, Jorge. El concepto de identidad. **Revista Famecos**. n.21, 2003.

LAING, J.; FROST, W. How Green Was My Festival: exploring challenges and opportunities associated with staging green events. **International Journal of Hospitality Management**, v.29, p. 261–267, 2010.

LEEDS, Michael. Do Good Olympics Make Good Neighbors? **Contemporary Economic Policy**. v.26, n.3, p. 460-467, 2008.

LEFF, E.; VALENZUELA, S.; VIEIRA, P.F. **Epistemologia Ambiental**. São Paulo: Cortez, 2001.

LIU, J. C.; SHELDON, P. J.; VAR, T. Resident perception of the environmental impacts of tourism. **Annals of Tourism Research**, v. 14, n. 1, p. 17–37, 1987.

LOZANO-OYOLA, M.; *et al.* Sustainable Tourism Indicators as Planning Tools in Cultural Destinations. **Ecological Indicators**. v.18, p. 659–675, 2012.

LUCIA, Maria Della. Economic Performance Measurement Systems for Event Planning and Investment Decision Making. **Tourism Management**. v.34, p. 91-100, 2013.

MAIR, J.; WHITFORD, M. An Exploration of Events Research: event topics, themes and emerging trends. **International Journal of Event and Festival Management**, v. 4, n. 1, p. 6-30, 2013.

MARQUES, Ester. **Mídia e Experiência na Cultura Popular: O Boi-bumbá no Maranhão**. 1996. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) Universidade de Brasília, Brasília.

MATHUR, V.; *et al.* Defining, Identifying and Mapping Stakeholders in the Assessment of Urban Sustainability. In: **International Conference on Whole Life Urban Sustainability and its Assessment** - Glasgow, 2007. Disponível em: <http://download.sue-mot.org/Conference-2007/Papers/Mathur.pdf> (acessado em 21/04/2013).

MATTOS, P.; LINCOLN, C. A entrevista não-estruturada como forma de conversação: razões e sugestões para sua análise. **Revista Administração Pública**. v.39, n.4, p. 823-847, 2005.

MENDONÇA, Rita. Turismo, meio ambiente e impactos espaciais/ turismo ou meio ambiente: uma falsa oposição? In: LEMOS, A.I.G; SCHIAVETTI, A. **Turismo: impactos socioambientais**. São Paulo: Hucitec, 1999.

MILAGRES, V.; SOUZA, E.; SOUZA, L. Percepção ambiental no distrito de Taquaruçu, município de Palmas (TO): a relação dos moradores com as transformações da paisagem ao longo da história local. **Caderno Virtual de Turismo**, v. 10, n. 1, p.1-14, 2010.

MORAN, Emílio. **A Ecologia das Populações da Amazônia**. Petrópolis: Vozes, 1990.

MURPHY, P. E. Perceptions and Attitudes of Decisionmaking Groups in Tourism Centers. **Journal of Travel Research**, v. 21, n. 3, p. 8–12, 1 jan. 1983.

NASCIMENTO, Elimar. Trajetória da Sustentabilidade: do social ao ambiental, do ambiental ao econômico. **Estudos Avançados**, v. 26, p. 51-64, 2012.

NOBRE, M.; AMAZONAS, M. **Desenvolvimento Sustentável: a institucionalização de um conceito**. Brasília: Edições Ibama, 2002.

NOGUEIRA, Wilson. **Festas Amazônicas: Boi-bumbá, Ciranda, Sairé**. Manaus: Editora Valer, 2008.

NUGENT, Stephen. **Amazonian Caboclo Society**. Providence, RI: Berg, 1993.

PEARCE, Douglas. **Tourist Development**. Harlow (Essex): Longman Scientific & Technical Publishers, 1989.

PENNA, A. G. **Percepção e aprendizagem**. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1973.

PICCIN, A. C.; DOWELL, D Mc. Eventos Mais Sustentáveis. In: Matias, Marlene. **Planejamento, organização e sustentabilidade em eventos culturais, sociais e esportivos**. Barueri. SP: Manole, 2011.

PIMENTEL, E. *et al.* Imagem de Marca de um Destino Turístico. **Turismo – Visão e Ação**, v.8, n.2, p. 283-298, 2006.

PONSFORD, Ian. Actualizing Environmental Sustainability at Vancouver 2010 Venues. **International Journal of Event and Festival Management**, v.2, n.2, pp. 184-196, 2011.

PTDRS, Plano Territorial de Desenvolvimento Rural Sustentável. **Território Baixo Amazonas**. Manaus: MDA/Arquidiocese de Manaus, 2011.

MUSGRAVE, J. AND RAJ, R. "Introduction to a Conceptual Framework for Sustainable Events. In: RAJ, R.; MUSGRAVE, J. **Event Management and Sustainability**. Wallingford: Cabi Series, 2009.

RAMOS, S. R.; ALBERTON, A. Eventos Como Estratégia Para o Desenvolvimento de Organizações Turísticas. In: PHILIPPI JR., A.; RUSCHMANN, D. M. **Gestão Ambiental e Sustentabilidade no Turismo**. São Paulo: Manole, 2010.

RIBEIRO, Darcy. **O Processo Civilizatório: etapas da evolução sociocultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

RIBEIRO, Edinelza Macedo. **Prospectiva e Sustentabilidade do Ecoturismo: uso da técnica de construção de cenários no Estado do Amazonas**. 2013. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável) Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, Brasília.

RITCHIE, B.; SANDERS, D.; MULES, T. Televised Events: shaping destination images and perceptions of capital cities from the couch. In: ARCODIA, C.; WHITFORD, M.; DICKSON, C. **Global Events Congress Proceedings**. Brisbane: University of Queensland, 2006.

ROCHE, Maurice. Mega-Events and Micro-Modernization: On the Sociology of the New Urban Tourism. **The British Journal of Sociology**. v. 43, n. 4, pp. 563-600, 1992.

RUOSO, D. A percepção climática população urbana de Santa Cruz do Sul - RS. **RAEGA**, v.25, p. 64-91, 2012.

RUSHMANN, Dóris. **Turismo e Planejamento Sustentável: a proteção do meio ambiente**. São Paulo: Papirus, 1999.

SAHLINS, Marshall. Cosmologias do Capitalismo: o setor trans-pacífico do sistema mundial. In: **Anais da XVI Reunião Brasileira de Antropologia**. Campinas, p.47-106, 1988.

SALES, Vicente. O Boi-Bumbá no Ciclo Junino. **Brasil Açucareiro**. v.38, p. 27-33, 1970.

SANTOS, Alem Silvia Marinho dos. **Segurança alimentar no ritmo das águas: mudanças na produção e consumo de alimentos e seus impactos ecológicos em Parintins-AM**. 2012. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável) – Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, Brasília.

SANTOS, Luciano. As Identidades Culturais: proposições conceituais e teóricas. **Revista Rascunhos Culturais**. v.2, n.4, p. 141-157, 2011.

SANTOS, Meire dias dos. Eventos verdes. In: MATIAS, Marlene. **Planejamento, organização e sustentabilidade em eventos culturais, sociais e esportivos**. Barueri, SP: Manole, 2011.

SANTOS, I, F.; *et al.* Gestão de Qualidade no Trade Turístico: modelo de excelência da gestão aplicado em destinos indutores do turismo. In: **IX Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia**. 2012. Disponível em: < <http://www.aedb.br/seget/artigos12/67116881.pdf> > , acessado dia 10/05/2013.

SAUNIER, Tonzinho. **Parintins: memória dos acontecimentos históricos**. Manaus: Ed. Valer, 2003.

SCHNEIDER, D. J.; HASTORF, A. H.; ELLSWORTH, P. C. **Person perception**. Reading Mass.; Menlo Park Calif. [etc.]: Addison-Wesley, 1979.

SDC. **Political Economy and Development. PED Network, PED Basic Tools**. 2012.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DESPORTO E LAZER – SEMED. **Levantamento de matrículas e escolas de várzea e terra-firme de Parintins**. Parintins: SEMED, 2012.

SHELDON, P. J.; VAR, T. Resident attitudes to tourism in North Wales. **Tourism Management**, v. 5, n. 1, p. 40–47, 1984.

SILVA, J. M. **O Espetáculo do Boi-bumbá: folclore, turismo e as múltiplas alteridades em Parintins**. Goiânia: Ed. Da UCG, 2007.

SISINNO, Cristina Lucia Silveira. **Resíduos Sólidos, Ambiente e Saúde: uma visão multidisciplinar**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2000.

SLATER, Candace. **Dance of the Dolphin. Transformations and Disenchantment in the Amazonian Imagination**. Chicago: University of Chicago Press, 1996.

SOUZA, Camilo Ramos. O Boi-bumbá e a Nova Estrutura Urbana de Parintins. **Revista Somanlu**. Edição especial. p. 77-83, 2002.

SUNKEL, O.; GIGLIO, N. **Estilos de Desarrollo y Medio Ambiente en América Latina**. México: F.C.E, 1980.

SWARBROOKE, John. **Turismo Sustentável: meio ambiente e economia**. São Paulo: Aleph, 2000.

SWARBOOKE, J.; HORNER, S. **O comportamento do consumidor no turismo**. São Paulo: Aleph, 2002.

TOMMASI, Luiz Roberto. **Estudo de Impacto Ambiental**. São Paulo: CETESB, 1994.

TORRENT, Ricard. Sustainable development in tourism municipalities: The role of public goods. **Tourism Management**. v.29, n.5, p. 883-897, 2008.

TOSUN, Cevat. Host Perceptions of Impacts: a comparative tourism study. **Annals of Tourism Research**. v. 29, n. 1, p. 231–253, 2002.

TOURAINÉ, Alain. **Crítica da Modernidade**. Petrópolis: Vozes, 1994.

TUAN, Y. Topofilia. **Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente**. São Paulo/ Rio de Janeiro: DIFEL, 1980.

URRY, John. **O Olhar do Turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas**. São Paulo: SESC Studio Nobel, 1997.

VEIGA, José Eli da. Sustentabilidade: a legitimação de um novo valor. São Paulo: SENAC, 2010.

_____. **Desenvolvimento Sustentável, o desafio do século XXI**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

VIEIRA FILHO, Raimundo Dejard. A Festa de Boi-bumbá em Parintins: tradição e identidade cultural. **Revista Somanlu**. Edição especial, p. 27-33, 2002.

WAITT, Gordon. Social impacts of the Sydney Olympics. **Annals of Tourism Research**. v.30 n.1, p.194-215, 2003.

WATT, David. **Event management in leisure and tourism**. Harlow (Essex): Addison Wesley Longman, 1998.

WHEELER, Brian. Tourism's Troubled Times: responsible tourism is not the answer. **Tourism Management**. v.12, n.2, p. 91-96, 1991.

WITKOSKI, Antonio Carlos. **Terras, Florestas e Águas de Trabalho: os camponeses amazônicos e as formas de uso de seus recursos naturais**. São Paulo: Annablume, 2007.

WORLD BANK. **Identifying stakeholders in The World Bank Participation Sourcebook**. 2006. Disponível em: <<http://www.worldbank.org/wbi/sourcebook/sb0302t.htm>.> Acessado em 14/03/2013.

ZANETI, Isabel Cristina. **As Sobras da Modernidade: o sistema de gestão de resíduos sólidos em Porto Alegre**, RS. Porto Alegre: FAMURS, 2006.